

Gilvanildo Klebson Mendes Ferreira

Museólogo - UFPE, número de registro: 0415.I
Especialista em Museus Comunitários - CEMIC/FUNDAJ
Mestre e Doutorando em Antropologia - PPGA/UFPE
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4348590137271886>
(81) 9 9949-9386



Documento assinado digitalmente

GILVANILDO KLEBSON MENDES FERREIRA

Data: 01/07/2024 21:38:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO PRODUTO I E ATIVIDADES I E II

CONSULTORIA INDIVIDUAL DA UNESCO - PROJETO 914BRZ1152

Recife, 30 de maio de 2024

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	03
2	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	04
2.1	Coleção de iconografias	05
2.2	Coleção de artefatos	08
3	OBJETOS E SIGNIFICADOS: O UNIVERSO DA CULTURA MATERIAL INDÍGENA	11
4	A PESQUISA ANTROPOLÓGICA COMO MÉTODO PROLONGADO	15
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16
6	DIAGNÓSTICO DA COLEÇÃO ICONOGRÁFICA DO CEHIBRA	18
7	DIAGNÓSTICO DA COLEÇÃO DE ARTEFATOS DO MUHNE	1114

1 INTRODUÇÃO

Este documento consiste na apresentação do relatório parcial da consultoria individual do projeto 914BRZ1152, “Educação de qualidade no Brasil: Por uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, com oportunidades de aprendizagem para todos”. A consultoria especializada tem como objetivo desenvolver estudos subsidiários ao processo de elaboração do protocolo expositivo da coleção indígena pertencente a Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj.

O primeiro produto a ser entregue constitui-se, por hora, num documento técnico contendo diagnóstico antropológico sobre a coleção iconográfica relativa aos povos indígenas, salvaguardada pelo Centro de Estudos da História Brasileira – Cehibra, da Fundaj; além da coleção de artefatos indígenas do Nordeste e do Norte do Brasil, a partir do acervo do Museu do Homem do Nordeste - Muhne, adquiridos ao longo das décadas de 1960 a 1980; reflexão sobre o uso e significados da cultura material indígenas musealizada; e, por último, notas sobre a importância da pesquisa antropológica para compreensão dos objetos museológicos.

O termo de referência, preliminarmente, considerava que na coleção iconográfica do Cehibra havia cerca de 200 itens iconográficos relativos aos povos indígenas; já em relação aos artefatos do Muhne, haviam 321 objetos. Esse número foi ultrapassado exponencialmente com a finalização do diagnóstico.

- a coleção iconográfica do Cehibra é formada por 720 registros;
- a coleção de artefatos indígenas do Muhne é composta por 353 peças;
- totalizando 1.073 itens somando as duas coleções.

O material analisado é proveniente de povos indígenas diversos, localizados entre o Nordeste, Norte e Centro-oeste do País. Os itens iconográficos são ainda mais abrangentes, englobando diversas regiões do Brasil e países da América do Sul, especialmente os que integram a floresta amazônica. As informações coletadas através da investigação minuciosa efetuada por esta consultoria produziram conhecimento sobre os aspectos antropológicos das coleções, origem, usos e significados dos objetos, sejam referentes tratamento físico-químico de preservação como simbólico para o processo de musealização da coleção.

A segunda atividade consta de forma preliminar neste documento técnico. Será mais aprofundada junto ao segundo produto, por considerar que a análise de todo o material poderá subsidiar de forma mais assertiva e completa uma proposição de protocolo para a exposição da coleção indígena total. Considerando a descrição dos itens, identificação por povo indígena, os usos e significados sociais e o material utilizado para a confecção, incluindo os aspectos antropológicos sobre as coleções, a análise da relevância da aquisição do acervo para o Museu do Homem do Nordeste e o contexto histórico e institucional da aquisição.

2 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Os itens da coleção presente no Cehibra e no Muhne foram analisados presencialmente, por meio de visitas técnicas e com total colaboração dos servidores e funcionários terceirizados. A exceção fica por um conjunto de iconografia em negativo digitalizado e compartilhado por *e-mail*, investigado remotamente. Como ferramentas de consulta institucional, foram acessados dados relativos aos itens na base de dados digitais Sophia e Isis, na plataforma Villa Digital, nos metadados presentes no Cehibra e no catálogo físico de objetos do Muhne.

Foram consultados o portal do Instituto Socioambiental – ISA, que possui o maior acervo digital sobre povos indígenas, populações tradicionais e áreas protegidas do Brasil; a Biblioteca Curt Nimuendajú, da Fundação Nacional do Índio - Funai, que é especializada em temas sobre as populações indígenas do Brasil, política indigenista e questões ambientais em terras indígenas, contando com uma coleção de cerca de 50 mil registros, entre livros, folhetos, periódicos, coleção de recortes de jornais, obras de referência, monografias, dissertações e teses; a Coleção Virtual Carlos Estevão de Oliveira, que possui de 1.200 fotografias, colecionadas entre 1909 e 1947, e 2.250 objetos de 59 povos indígenas; e o Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil, organizado pelo Museu do Índio, desenvolvido com o objetivo de unificar a linguagem informacional facilitando, assim, o processo de comunicação entre os diferentes acervos do Museu.

Além da pesquisa sócio-histórica e antropológica, todo o material passou por detalhada revisão descritiva, com o intuito de reformular termos estereotipados e grafias étnicas imprecisas, resguardando a postura ontologicamente ética da compreensão representativa do

Outro. A investigação se baseou em determinados conceitos técnicos estabelecidos, como convenções e padronização de conteúdos e linguagens.

Também foram realizados contatos com indígenas e indigenistas com quem este consultor mantém *mailing-list*, aliada a expertise enquanto pesquisador que trabalha com museus e populações indígenas. Portanto, o diagnóstico da coleção indígena é fruto deste cruzamento de dados e fontes consultadas durante a investigação mais de dois meses.

Importante destacar também que, durante o período de investigação, houve preocupação sobre os métodos adotados no manuseio das coleções, com o cuidado em não agredir as peças utilizando alguma ferramenta para execução do procedimento. Por isso, todo manuseio foi acompanhado com o uso de luvas (de algodão para as iconografias e látex para os artefatos) e máscaras. Cada coleção, de acordo com sua morfologia, necessita, em suas especificidades, de diferentes formas de manuseio. Ou seja, “Após se tornarem parte de um acervo, nem todos os objetos têm a mesma possibilidade de se conservar, pois se alguns são feitos de matérias primas muito duráveis, outros o são de materiais sujeitos a uma rápida deterioração ou desgaste” (VAN VELTHEM, 2012, p. 62). O grau de preservação do objeto está diretamente ligado à sua habilidade de assegurar, transversalmente ao tempo, “a inteligibilidade das referências que contém” (VAN VELTHEM, 2012, p. 62).

2.1 Coleção de iconografia

A coleção iconográfica foi a primeira a ser analisada. Como sinalizado, inicialmente considerava-se que o material continha cerca de 200 itens. No entanto, após a finalização da investigação, a quantidade exata foi de 720 iconografias, entre fotografias impressas e negativos. O trabalho presencial no Cehibra, no 4º andar do Edifício Dirceu Pessoa, aconteceu entre os dias 18 de março a 09 de abril de 2024, com as fotografias impressas. Já a análise dos negativos digitalizados foi realizada entre os dias 16 a 30 de abril de 2024.

Como modelo de ficha para pesquisa individual de cada iconografia, foi adotada a que o Cehibra já utiliza. O código utilizado pela instituição também foi mantido. A escolha foi feita através de acordo com os servidores que auxiliaram o trabalho da consultoria, com o objetivo de facilitar a atualização futura das informações elencadas, por parte do Cehibra. As coleções que possuíam metadados, ou seja, fichas já preenchidas anteriormente, o campo “notas” serviu

para inserir todo levantamento informacional derivado da pesquisa. Atualização, acréscimo e correções também foram empregas neste campo. Até mesmo as anotações que constavam na frente e no verso dos registros foram transportadas para as fichas, igualmente como as dimensões das iconografias impressas.

Para as coleções que estavam registradas, mas não detinham metadados, outro método foi empregado. O modelo de ficha foi mantido, mas todos os campos foram preenchidos pela consultoria, desde o título, dimensões, contextualização histórica, geográfica e antropológica, incluindo a atribuição do código acordado com os servidores. As fichas preenchidas dos itens sem metadados anteriores serão utilizadas integralmente pelos servidores para alimentação da base de dados Sophia.

A clareza e exatidão dos dados, isto é, as informações sobre os objetos, devem ser as mais objetivas e exatas possíveis. Também é necessário definir os campos de informação que irão arranjar a base de dados do sistema, visto que esse sistema “não só deve poder abrigar um número ilimitado de campos de informação, como estes precisam ser definidos de acordo com a estrutura informativa dos objetos e com as necessidades de informação de seus usuários [...]” (FERREZ, 1994, p. 5). Essa metodologia garante que a adoção de procedimentos técnicos nos termos e na categorização das coleções contemple a diversidade dos materiais e funções dos objetos.

Para o levantamento identificação das coleções, foi operada pesquisa mediante palavras-chave nos livros de tombo e mapeamento das mesmas: “índio”, “indígena”, “nativo”, “povo indígena”, “população indígena”, “povo originário”, “tribo” e “etnia”. Algumas iconografias e coleções estavam intituladas como referente ao universo indígena, mas foram descartadas como tais após verificação antropológica. Outras constavam com grafia incorreta das respectivas populações indígenas.

Esse material foi disponibilizado pelos servidores do Cehibra. Grande parte dos negativos não estavam ainda digitalizados no momento da identificação. A digitalização foi realizada a pedido do corpo técnico do Cehibra, o que colaborou demasiadamente na qualidade da pesquisa, levando em conta que o processo de digitalização amplia a compreensão imagética dos registros em negativo. Por conseguinte, todos os negativos referentes aos povos indígenas estão digitalizados, analisados e com fichas preenchidas.

A identificação e levantamento de todo o material por intermédio dos servidores da instituição foi fundamental para que o trabalho pudesse alcançar a totalidade de iconografias indígenas presentes no acervo, inclusive de itens que não estavam registrados como indígenas. Porém, acredita-se que presumivelmente ainda hajam iconografias indígenas não mapeadas por ausência de registro, classificação como não-indígena ou acondicionamento em diversos ambientes dentro do setor, o que prejudica o acesso rápido e preciso.

Todos os artefatos e objetos indígenas registrados foram identificados e definidos, respeitando a normatização de manuais técnicos, como apontado anteriormente. De modo igual, os grupos indígenas, personagens e lugares registrados na coleção e que foram identificados tiveram suas etnias, localizações e nomeações descritas, assim como os descritores geográficos e antropológicos. Para isso, foram observados as regiões geográficas, os grafismos e adornos corporais e os artefatos utilizados pelas figuras indígenas ao destacar suas etnias e tradições. Os registros que não foram passíveis de identificar a etnia indígena, local ou personagem, foram sinalizados como não reconhecidos, por ausência de informação suficiente para garantir tais afirmações.

As iconografias, impressos e negativos, são datadas em diversas décadas século XX, do seu início ao fim. A maior parte do material foi registrado sobre populações indígenas do Nordeste, Norte e Centro-oeste do Brasil, assim como de países da região amazônica, como Colômbia, Bolívia, Venezuela, Guiana Francesa e Peru. Foram mapeadas cerca de 30 etnias indígenas.

- **30 etnias mapeadas:** Pankararu, Fulni-ô, Xukuru, Potiguar, Maxakali, Baniwa, Yawanawá, Parintintin, Apurinã, Sateré-Mawé, Arana, Tariana, Bakairi, Karajá, Urumi, Paresí, Karuazu, Kalankó, Kuikuro, Waujá, Kawaiwete, Kayapó, Tabajara, Toba, Yanomami, Bororo, Guaraní, Macuxi, Kalapalo e Marúbo.

Ao todo, foram 06 coleções identificadas com metadados anteriores (totalizando 236 itens); e 06 coleções que não possuíam metadados (totalizando 465 itens). Desse montante, 171 são fotografias impressas; e 476 negativos digitalizados.

- **coleções identificadas com metadados:** Grupo Indígenas – GI (128 fotografias impressas); Aída Novaes – AN (13 fotografias impressas); Celso Brandão – CB (10 fotografias impressas); Pierre Devin – PDv (6 fotografias impressas); Lula Cardoso Ayres - LCA (54 negativos digitalizados); Noel Nutels – NN (25 fotografias impressas);

- **coleções identificadas sem metadados:** Paulo Cavalcante – PC (1 fotografia impressa); Museu de Antropologia – MAN (8 fotografias impressas); Construção de Brasília – BRA (1 fotografia impressa); Rádio, TV e Teatro de Pernambuco – RTV (1 fotografia impressa); Josebias Bandeira – JB (32 fotografias impressas); Coleção Joaquim Nabuco-FUNDAJ (422 negativos digitalizados);
- **fotografias impressas:** 171 itens;
- **negativos digitalizados:** 476 itens.

2.1 Coleção de artefato

A coleção de artefatos indígenas tinha o escopo de 321 peças no termo de referência para a consultoria. Com a análise finalizada, a quantidade de objetos revelou 553 peças totais. A investigação foi realizada de forma presencial na Reserva Técnica do Muhne, entre os dias 02 a 24 de maio de 2024.

O modelo de ficha individual de objeto foi adaptado ao já utilizado pelo Muhne, no banco de dados Sophia. O acordo com os servidores que auxiliaram o trabalho da consultoria, sobre a utilização da ficha foi mantido com o objetivo de facilitar a atualização posterior das informações elencadas pelos mesmos. Com os objetos que possuíam numeração e fichas já preenchidas anteriormente, o campo “observações” serviu para inserir todo levantamento informacional derivado da pesquisa antropológica. Atualização, acréscimo e também correção fora empregados neste campo, assim como novos títulos para os objetos e suas dimensões.

Para os objetos que não possuíam registrado, os campos preenchidos na ficha foram os seguintes: número de registro; objeto/título; dimensões; localização; observações; links; e estudo antropológico. O número de registro empregado foi binário sequencial, um sistema que utiliza as letras maiúsculas no início do código correspondente ao critério de identificação usado: CI.2024.000. “CI” é abreviação de “coleção indígena”; “2024” é o ano do tombo; e “000” é o número corrido sequencial. Esse código é o elemento básico de qualquer sistema de identificação e controle dos objetos museológicos.

A dificuldade em visualizar facilmente alguns dos códigos necessita de correção. A numeração adotada no processo de inventário precisa priorizar à conservação dos objetos. Alguns objetos,

como as máscaras ritualísticas, que estão em estado de conservação debilitado, marcação foi feita internamente. Para identificar um objeto de forma rápida e prática, de acordo com Camargo-moro, é necessária que seja fundamentada uma convenção sobre a localização da numeração aplicada. Segundo Camargo-Moro, “Esta disciplina de conduta na marcação prestará imensos serviços para a boa preservação da peça, diminuindo o excesso de manuseio, e permitirá uma identificação rápida junto ao sistema de documentação” (1986, p. 60). Em alguns casos, os objetos foram marcados com fita adesiva, que além de não produzir uma marcação segura e permanente, ainda agride o objeto, já que esse tipo de suporte de marcação é efêmero e degrada o objeto, necessitando posteriormente de uma nova marcação.

Para marcação das peças sem registro, foi fixado nos objetos uma etiqueta provisória para controle da consultoria e, posteriormente, para marcação permanente por parte dos servidores e funcionários terceirizados responsáveis por essa atividade. Essas fichas sem registro serão utilizadas integralmente pelos servidores para alimentação da base de dados Sophia. Ao todo, foram identificados 302 objetos com registro e 51 objetos sem registro.

- **objetos com registro: 302;**
- **objetos em registo: 51;**
- **total de objetos: 353.**

Para identificação e levantamento dos objetos nas bases de dados utilizadas pelo Muhne, foi operada pesquisa mediante palavras-chave: “índio”, “indígena”, “nativo”, “povo indígena”, “população indígena”, “povo originário”, “tribo” e “etnia”. Uma fração de objetos estava identificado como indígenas, mas foram descartadas como tais após verificação antropológica. Outros não estavam classificados como indígenas, a interlocução dos servidores e funcionários do Muhne, novamente, foi imprescindível para identificar e localizar as peças na reserva técnica. Pode-se aludir o acondicionamento de afoxés/abgês, instrumento musical afro composto de cabaça pequena recoberta com uma rede de sementes, junto aos maracás/chocalhos globular, instrumento de percussão indígena, considerando-os como fazendo parte do mesmo universo ritualístico indígena.

Essa mesma imprecisão ocorre com a cestaria, principalmente as que foram adquiridas em centros e feiras de artesanato, não sendo compreendidas como pertencente a grupos

indígenas, está alocada de maneira aleatória e próxima aos artefatos genuinamente indígenas, gerando dificuldade na identificação e categorizações imprecisas.

O acervo está distribuído na reserva técnica seguindo os critérios de conservação preventiva físico-química, ou seja, por meio da composição material. Mesmo com a classificação, o acesso aos objetos ainda impõe algumas dificuldades de localização. A base de dados Sophia dispõe a localização desatualizada dos objetos, considerando o deslocamento da coleção dentro da instituição nos últimos anos. A localização das peças foi atualizada durante a investigação. Nos armários e prateleiras da reserva técnica, nas salas específicas para a composição material de cada peça, os objetos indígenas estão distribuídos junto a outros não-indígenas, por exemplo.

A coleção foi adquirida através de compra e doação. A pesquisa ampliou o período de constituição da coleção em uma década, passando para a década de 1990, e não apenas até a década de 1980, como o espoco do termo de referência indicava. Ou seja, são objetos adquiridos entre as décadas de 1960 a 1990. As doações foram feitas, geralmente, por acadêmicos e pesquisadores. As compras foram feitas diretamente com artesãos indígenas e, em sua grande maioria, em centros ou feiras de artesanato.

A pouca documentação do momento de entrada desses objetos no acervo do Munhe é a principal responsável pela categorização imprecisa de artefatos não-indígenas como sendo indígena. A semelhança de alguns materiais e técnicas de confecção de grupos indígenas e não-indígenas influencia esta falsa correlação. A grande diversidade cultural e o precário acesso aos dados são adversidades relacionadas à veracidade e autenticidade das informações (SMIT, 2008).

A maior parte dos objetos analisados estavam acondicionados na Sala 06 da reserva técnica, onde estão o material em couro e madeira, outros estavam na Sala 01 (objetos em cerâmica), Sala 02, Sala 05 e Sala 07 (objetos em madeira). Todos os artefatos indígenas, com registrado e sem registro anterior, foram identificados respeitando a normatização de manuais técnicos, como apontado anteriormente. Nesse sentido, o Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil foi de extrema importância para o controle terminológico. Segundo Cândido, tesouro “é um instrumento de controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos, funcionando como um sistema internamente consistente de classificação e denominação de

artefatos. Trata-se, portanto, de recurso metodológico fundamental para o processamento técnico de acervos museológicos” (2006, p. 38).

De modo igual, os grupos indígenas que foram identificados tiveram suas etnias descritas, assim como os descritores geográficos e antropológicos. Os artefatos que não foram passíveis de identificar a etnia indígena, foram sinalizados como não reconhecidos, por ausência de informação suficiente para garantir tais afirmações. Todo o material foi fotografado individualmente pelo consultor. As imagens estão anexadas nas fichas apresentadas à frente.

A maior parte dos artefatos que foi possível a identificação das etnias é derivado de populações indígenas do Nordeste, Norte e Centro-oeste do Brasil. Foram mapeadas 14 etnias indígenas.

14 etnias mapeadas: Palikur, Tuxá de Rodelas, Tukano, Ka'apor, Xukuru, Fulni-ô, Canela, Asuriní, Karajá, Pataxó, Kalapalo, Bororo, Gavião, Pankararu.

3 OBJETOS E SIGNIFICADOS: O UNIVERSO DA CULTURA MATERIAL INDÍGENA

Diante de uma máscara melanésia e uma máscara africana, não era suficiente descrever o material com que eram feitas, nem o estilo que as caracterizava, nem a tecnologia mais ou menos evoluída com que eram produzidas. Era necessário saber qual o uso dessas máscaras, e conseqüentemente qual o seu significado para as pessoas que as empregavam em diversos contextos sociais e rituais (GONÇALVES, 2007, p. 18).

Os indícios explícitos que se podem encontrar nos objetos museológicos são informações materialmente observáveis, sobre a natureza e as propriedades dos materiais que os compõem, como também “a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos” (MENESES, 1998, p. 91). A partir das informações extrínsecas, pode-se conhecer os contextos originais dos objetos e também como funcionavam e adquiriam significado. Tais informações são obtidas, geralmente, na documentação de entrada dessas peças no museu. Sem esta ação, a gestão dos objetos impõe dificuldades sobre o trabalho e a pesquisa conteúdo histórico e sociocultural, pois a documentação é a ferramenta base para seu controle (CÂNDIDO, 2006).

[...] se a documentação não der conta dessas informações, os museus, sobretudo os de caráter histórico, correm o risco de ser repositórios de objetos sem passado, que só poderão ser analisados e interpretados por suas propriedades físicas, limitando o trabalho da Museologia, ou da Museografia (FERREZ, 1994, p. 4).

Percebe-se que, no caso das coleções iconográficas e de artefatos indígenas abordadas por esta consultoria, a investigação recuperou informações e contribuiu com a pesquisa científica e a produção de conhecimento sobre esse material. Através dessas análises antropológicas da cultura material, entendida como uma estratégia para o desvendamento de questões relativas à vida cotidiana, ritual e artística entre as culturas, pode-se apreender e conhecer de forma mais adequada a diversidade entre os povos indígenas representados nas coleções. De acordo com Vidal (1995), isso só é possível porque a cultura material perpassa todas as dimensões da vida social indígena, assim como a não-indígena também.

A atenção voltada para essas bases materiais da cultura permitirá que percebamos o elaborado trabalho nas culturas indígenas que, quase sempre, a partir de um repertório comum e relativamente pouco diversificado de matérias-primas, é capaz de produzir grande variedade de produtos com técnicas, formas, motivos e concepções estéticas extremamente diversificados (VIDAL, 1995, p. 370).

O sistema de objetos é um importante recurso para compreensão dos diversos contextos transculturais, sendo menos exposto à estereotipação das etnias indígenas, na qual a população não-indígena tem ainda pouco conhecimento. Os dispositivos classificatórios dos museus tradicionais ortodoxos podem depreender os povos indígenas de maneira genérica caso os significados atribuídos na construção identitária da cultura material não esteja bem embasada por investigação antropológica.

O domínio sobre o objeto e arte indígena ajuda na diminuição da distância que habitualmente se coloca entre o mundo dos povos indígenas e o dos não-indígenas, tornando possível a experiência da forma de ser do outro e a abertura sobre o conhecimento humano compartilhado por ambos. De acordo com Vidal (1995), isso configura-se como um excelente canal de comunicação, pois permite o “reconhecimento do outro como diferente de si em suas concepções de mundo, em seu modo de vida e em sua produção material e artística” (p. 370) e, concomitantemente, como igual, portador de sentimentos, capaz de elaborar aspectos fundamentais da existência humana.

É comum encontrar nos museus tradicionais ortodoxos objetos dispersos que representam a criatividade e a habilidade de povos indígenas e que são reconhecidos como “etnográficos”. “Desvela, ademais, uma infinidade de referentes culturais, históricos, materiais, e aguardam, envoltas em esquecimento, que sejam resgatadas e estudadas” (VELTHEM, 2012, p. 52). Tais

objetos são de suma importância para os povos indígenas porque auxiliam o entendimento sociocultural das representações constituídas a partir da materialidade

O que influencia, sobretudo, os visitantes a identificá-los por meio de significação deturpada. “As generalizações constituem o grande perigo das cenografias expositivas sobre povos indígenas e seus artefatos, quando voltados a um público geralmente desprovido de mentes questionadoras” (VELTHEM, 2012, p. 55). O visitante pode apenas contemplar de forma distraída os objetos, ou se interessar pelas suas estéticas, de forma apreciativa, porém, aceita inequivocamente a regra que o classifica no arranjo construído pelo museu, por considerar, na maioria das vezes, esses espaços como referências da produção de conhecimento.

Portanto, trata-se de um risco que é, na realidade, duplo, pois tanto pode transmitir uma noção genérica de índio e, portanto, não considerar as especificidades das identidades indígenas que se expressam por meio de suas produções, quanto apresenta o que é usualmente descrito como ‘cultura tradicional’, não refletindo, assim, a respeito da contemporaneidade desses povos (VELTHEM, 2012, p. 55).

Apesar da produção bastante semelhante em alguns aspectos, os povos indígenas desenvolveram tendências particulares. Não há uma adaptação mecânica ao meio natural, o que ocorre é um grande canal de possibilidades. A criatividade é um processo contínuo, ininterrupto, porém, não uniforme. Cada grupo étnico constrói sua existência através das formas de sociabilidade que impôs, os grupos possuem objetos e técnicas diferentes de outros. Pois, “meio interior atravessado por esta tendência deixou em cada objeto uma marca que pode ser analisada, identificando-se os planos de significação cultural presentes no produto final” (VIDAL, 1995, p. 371).

A arte e tecnologia indígenas são um empreendimento de difícil concepção pelos não-indígenas distantes, pois estão experienciados com a visão arraigada “estrangeira”, que acaba criando comportamentos impermeáveis no que tange a classificação de atividades e percepções que são ligadas, como nas sociedades indígenas, integralmente as experiências sociais. Como afirma Vidal, “Rótulos como ‘tecnologia’, ‘arte’, ‘trabalho’/‘lazer’, ‘o belo’/‘o bom’, ‘o aprendizado’, ‘a produção’” (1995, p. 373), que para os não-indígenas indicam qualidades ou campos distintos da ação do ser humano, para os povos indígenas costumam instituir aspectos indissociáveis em grande parte das práticas sociais. Nesse viés, as culturas indígenas não separam uma esfera que poderia vir a ser considerada cultura material ou artística.

Um exemplo bastante corriqueiro dessa neutralização da diferença entre os grupos humanos em favor de uma homogeneidade artificialmente criada, e que impede a admissão da natureza pluricultural e multiétnica das sociedades modernas, é a utilização da arte indígena ou da arte popular apenas como fontes de inspiração na expressão de identidades nacionais ou como fontes de informações para recuperação de memória de um país (VIDAL, 1995, p 373).

Cada grupo social desenvolve módulos que norteiam o entendimento tanto da forma como da função no objeto. “Esses atributos contêm indícios sobre os modos de fazer e usar as manufaturas, bem como aspectos ideológicos que singularizam a identidade étnica do artesão” (VIDAL, 1995, p. 376). É seguindo esse viés que a cultura material é um espelho da ecologia, tecnoeconomia, ideologia e do estilo de vida dos povos indígenas. De acordo com Vidal (1995), o estudo das expressões da cultura material auxilia no delineamento do perfil de cada sociedade, além de equipar com informações importantes para o conhecimento histórico do grupo, já que podemos considerar essas expressões culturais testemunhas complementares sobre migrações, contatos, desenvolvimento de técnicas, entre outras. “Com efeito, a inserção do objeto no seu contexto ecológico e cultural aporta subsídios para o conhecimento da sociedade e da cultura indígenas” (VIDAL, 1995, p. 376).

Os objetos são portadores de aspectos cognitivos de simbólicos. Os aspectos cognitivos são os conhecimentos que fazem relação às matérias-primas e as técnicas de produção, abarcando também os procedimentos mentais e sensíveis, necessários tanto para a fabricação como a utilização dos objetos que transladam seu sentido literal imediato (VIDAL, 1995).

Um maracá, por exemplo, é um instrumento musical, mas pode simbolizar o centro do universo e o seu som, além de música, pode ser entendido, em uma dada sociedade indígena, como a representação simbólica das vozes das substâncias dos espíritos e divindades que chegam à aldeia em momentos especiais: as cerimônias em que os pajés (e só eles) tocam o maracá. O uso do instrumento significa, literalmente, um ato de produção de música, de ritmo; ganha, além disso, uma significação extra, sobre posta à primeira: este instrumento musical, usado neste contexto ritual e por pessoas com saberes e habilidades especiais de comunicação com os deuses, passa a significar, simbolicamente, a visita, a chegada dos espíritos ao mundo dos vivos. Seu som sacraliza o momento e o lugar onde esta experiência é vivida (VIDAL, 1995, p. 380-381).

O mais importante, nesse estudo, é perceber que por mais que, para fins analíticos, a cultura material possa parecer isolada, existe um processo maior, que é a relação e identificação entre o campo do material e o não-material de cada sociedade e, indo um pouco mais a frente, apreender a criatividade e a originalidade das respostas culturais, particulares, “a problemas e questionamentos que são gerais, comuns a todos os grupos sociais e a todos os povos, já

que dizem respeito a aspectos básicos da existência humana no mundo” (VIDAL, 1993, p. 381). A análise antropológica do objeto deve ter como finalidade um esforço que vise a interpretação e classificação, reunindo-o sobre categorias que considerem seus aspectos sociais e simbólicos, em atrito as análises sobre o meio ambiente, a técnica e a forma, referente ao objeto.

4 A PESQUISA ANTROPOLÓGICA COMO MÉTODO PROLONGADO

“[...] todo bom antropólogo aprende e reconhece que é na sensibilidade para o confronto ou o diálogo entre teorias acadêmicas e nativas que está o potencial de riqueza da antropologia” (PEIRANO, 1995, p. 45).

Portanto, com a investigação preliminar, percebe-se que, a despeito das diligências dos responsáveis pela constituição da coleção indígena ao longo das décadas, o Muhne ainda carece de informações essenciais sobre esse material, para que possa ser efetiva e corretamente utilizadas no processo de musealização da instituição (salvaguarda, pesquisa e comunicação). Esse argumento é principalmente percebido quando foi descrito que uma parte do material, mesmo depois da investigação da consultoria, permaneceu com informações imprecisas, o que demonstra a necessidade de se manter um método de pesquisa antropológica permanente, para obtenção de informações quando necessárias.

Sobre as técnicas de “coleta” dos dados das coleções indígenas investigadas neste primeiro produto da consultoria, entende-se a metodologia antropológica como uma espécie de montadora criativa, ou melhor, uma *bricoleur* (LÉVI-STRAUSS, 1989), usando o artifício da combinação de métodos. A base empírica pode ser construída através especialmente da observação participante, entrevistas semiestruturadas (BAUER; GASKELL, 2005) e confecção de diário de campo. Além da etapa de revisão da base etnográfica, podem ser adotados os métodos de revisão bibliográfica e documental. Comunga-se do princípio de que “todo bom antropólogo aprende e reconhece que é na sensibilidade para o confronto ou o diálogo entre teorias acadêmicas e nativas que está o potencial de riqueza da antropologia” (PEIRANO, 1995, p. 45).

Esses métodos serão aplicados durante a confecção do segundo produto da consultoria, que inclui o estudo técnico dos aspectos antropológico, a análise da relevância da aquisição do

acervo para o Museu do Homem do Nordeste e o contexto histórico e institucional da aquisição dos objetos da coleção relativa aos povos indígenas do Nordeste adquirida pelo Museu em 2008, em áreas indígenas dos estados de Alagoas (Xukuru-Cariri), Sergipe (Xokó), Bahia (Pankararé) e Pernambuco (Fulni-ô, Xucuru, Pankararu e Truká),

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBUY, Heloísa. Documentação museológica e pesquisa em museus. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. (Org.) MAST Colloquia - Vol.10. **Documentação em Museus**. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MCT. Rio de Janeiro, p. 31-43, 2008.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George, eds. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 4 ed., 2005.

BECKER, Howard. Conceitos. In: **Segredos e Truques de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 145-187, 2007.

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu: Aquisição-Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CÂNDIDO, Maria Inês. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus. Belo Horizonte, 2006. p. 33-92.

FERREIRA, Gilvanildo Klebson Mendes. **A produção da documentação museológica e as análises das representações sociais sobre o Acervo Josué Pereira Crispim (Icapuí-Ceará)**. 2015. Monografia (Bacharelado em Museologia). Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 3 ed., 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.

MOTTA, D. F. da; OLIVEIRA, Leandra de. (Col.). **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A problemática da Identidade Cultural nos Museus**: de Objeto (de ação) a Objeto (de conhecimento). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1987.

RIBEIRO, Berta. **Dicionário do artesanato indígena**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

RIBEIRO, Berta G.; VELTHEM; Lucia H. van. Coleções Etnográficas: Documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, Faérgs/SMC, 1992.

VELTHEN, Lucia Hussak. **O objeto etnográfico é irreduzível?** Pistas sobre novos sentidos e análises. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI, 2012.

DIAGNÓSTICO DA COLEÇÃO DE ICONOGRAFIAS

GRUPOS INDÍGENAS - GI

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000001

Proveniência:

Autor: -

Título: Indígenas Trinitários

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11

Largura em cm: 16,5

Descritor Geral: Grupo de pessoas; homem; mulher; criança.

Descritor geográfico: Trindad, Beni, Bolívia.

Descritor cronológico: -

Ano: 1933

Local / Procedência:

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta a data de 06 de abril de 1933. A fotografia é endereçada a Sebastião de Menezes, feita por Mendonça Lima. O texto na íntegra: “Como recordação de sua a larga permanência em Guayaramirin, Bolívia, ofereço-lhe está photographia. Foi ella apanhada em Trindad, capital do Departamento do Beni. Trata-se de um grupo de índios trinitários, em plena nudez bancando o nudismo a rigôr”. Trinitário posando para fotografia, dentre os indígenas homens, mulheres crianças, totalizam 25; dentre os não-indígenas homens e crianças, totalizam 5.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000002

Autor: -

Título: Indígenas Cubeus

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,7

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Grupo de pessoas; homem; arco e flecha.

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência:

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Índios Cabeus – Rio Guerari”. Ao fundo da fotografia, nota-se clareira com árvores ao chão. Em pesquisa realizada, não foi encontrada referência ao povo indígena “Cabeu”, Rio Guerari.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000003

Autor: -

Título: Cacique Baniwa

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 15,5

Largura em cm: 10,6

Descritor Geral: Indígena; arco e flecha.

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência:

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Índio Ramoa” tuchaua dos Baniuas (Rio Yçana)”. O termo “tuchaua” utilizado na fotografia é “tuxaua”, termo Tupi que significa “aquele que manda”, conhecido na língua portuguesa como “cacique”. Por tanto, a fotografia registra o Cacique do Povo Baniwa. O Povo indígena Baniwa se localiza na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000004

Autor: -

Título: Indígena Cubeu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13,6

Largura em cm: 9,5

Descritor Geral: Mulher; vestimenta.

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência:

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Cecília jovem índia Cubeu do rio Guerari”. Em pesquisa realizada, não foi encontrada referência ao povo indígena “Cabeu”, Rio Guerari.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000005

Autor: -

Título: Mulheres Yawanawá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,4

Descritor Geral: Indígena; Canoa; Rio

Descritor geográfico: Acre, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Índios Uanauas (canoas). O termo “Uanauas”, confrontado com pesquisas no site do ISA, se aproxima do “Yawanawá”, população indígena, pertencente à família linguística pano, que ocupa a parte sul da Terra Indígena Rio Gregório, compartilhando-a com os Katukina da aldeia de Sete Estrelas. Essa TI, localizada no município de Tarauacá, foi a primeira a ser demarcada no Acre e ocupa a cabeceira deste afluente do Juruá. Não se localizam apenas em uma aldeia, mas em assentamentos distribuídos pelo território. Na fotografia, são registradas mulheres e crianças Yawanawá em duas canoas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000006

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,6

Largura em cm: 16

Descritor Geral: Homem; Mulher; Criança; Rio

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: SPI – Inspectoria no Amazonas e Acre

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Grupo de índios da tribo Parintintin no posto indígena Capitão Portatil. Rio Maicy – afluente do Rio Madeira”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em

duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. Na fotografia, há registro de 21 indígenas Parintintin, entre homens, mulheres e crianças.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000007

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,6

Largura em cm: 10,5

Descritor Geral: Homem; Mulher.

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência:

Produtor: SPI – Inspectoria no Amazonas e Acre

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Grupo de índios da tribo Parintintin no posto indígena do Rio Ipixuna – Rio Madeira”. Com outra caligrafia, consta: “Identificação de colar em meu poder”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. Na fotografia, há registro de 14 indígenas Parintintin, entre homens e mulheres.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000008

Autor: -

Título: Mulheres Cabeu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,6

Largura em cm: 14,8

Descritor Geral: Mulher; Indígena; Criança; Cabana; Rede

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na fotografia, constam as seguintes informações: “Interior de uma maloca dos Cubeus de Pacu-Capoamo (pacu, peixe – capoamo, ilha – Ilha do Pacú) Rio Guerari”. Em pesquisa realizada, não foi encontrada referência ao povo indígena “Cabeu”, Rio Guerari. Já o termo “Ilha do Pacú”, há referências em algumas localidades, não sendo possível afirmar a qual a fotografia faz referência. Na fotografia, registro de duas mulheres indígenas abrigadas em cabana, uma delas com criança indígena de colo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000009

Autor: -

Título: Indígenas Apurinã

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,7

Descritor Geral: Homem; Mulher; Criança; Posto Indígena

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Grupo de índios da tribo Ipurina depois de uma luta contra outro grupo da mesma tribo, nas proximidades do posto indígena, no Rio Seruhiny, afluente do Rio Purús”. Em pesquisa no site do ISA, foi identificado que o povo “Apurinã” se localiza nas proximidades do Rio Purus, sendo possível afirmar que o termo “Ipurina” se refere ao “Apurinã”. Essa população indígena é dispersa em locais próximos às margens do Purus, no território brasileiro e peruano. O termo “Rio Seruhiny” utilizado no verso da fotografia faz referência ao “Rio Seruini”. O Serviço de Proteção aos Índios teve um posto no rio Seruini, afluente do Purus, entre os atuais municípios de Pauini e Lábrea, no estado do Amazonas. Hoje, o território desse povo se estende ao baixo rio Purus, até Rondônia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000010

Autor: -

Título: Mulheres Apurinã

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,4

Largura em cm: 15,3

Descritor Geral: Indígena; Posto Indígena

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Amazonas, Brasil

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Jovens da tribo Ipurina, localizados no posto indígena do Seruhiny, no Rio Purús”. Em pesquisa no site do ISA, foi identificado que o povo “Apurinã” se localiza nas proximidades do Rio Purus, sendo possível afirmar que o termo “Ipurina” se refere ao “Apurinã”. Essa população indígena é dispersa em locais próximos às margens do Purus, no território brasileiro e peruano. O termo “Rio Seruhiny” utilizado no verso da fotografia faz referência ao “Rio Seruini”. O Serviço de Proteção aos Índios teve um posto no rio Seruini, afluente do Purus, entre os atuais municípios de Pauini e Lábrea, no estado do Amazonas. Hoje, o território desse povo se estende ao baixo rio Purus, até Rondônia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000011

Autor: -

Título: Indígenas Apurinã

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Homem; Posto Indígena

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Amazonas, Brasil

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Rapazes da tribo Ipurina, localizados no posto indígena do Seruhiny, no Rio Purús”. Em pesquisa no site do ISA, foi identificado que o povo “Apurinã” se localiza nas proximidades do Rio Purus, sendo possível afirmar que o termo “Ipurina” se refere ao “Apurinã”. Essa população indígena é dispersa em locais próximos às margens do Purus, no território brasileiro e peruano. O termo “Rio Seruhiny” utilizado no verso da fotografia faz referência ao “Rio Seruini”. O Serviço de Proteção aos Índios teve um posto no rio Seruini, afluente do Purus, entre os atuais municípios de Pauini e Lábrea, no estado do Amazonas. Hoje, o território desse povo se estende ao baixo rio Purus, até Rondônia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão postal

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000012

Autor: -

Título: Mulheres e crianças indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 13

Descritor Geral: Indígena; Povo

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informação escrita no cartão postal, o que impossibilita a pesquisa sobre o contexto. O registro retrata um grande grupo de indígenas composto por mulheres e crianças pousando em frente de uma grande maloca.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Maloca indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 16,4

Descritor Geral: Homem; Mulher; Criança

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Maloca de índios Cubeus – Rio Uaupés. Maloca, habitação coletiva que tende a desaparecer. Cidade e município do Amazonas, afluente do Rio Negro”. Em pesquisa realizada, não foi encontrada referência ao povo indígena “Cabeu”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000014

Autor: -

Título: Pesca de indígenas Yawanawá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Rio; Homem; Canoa

Descritor geográfico: Acre, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Fases de uma pescaria de timbó. Índios Uanauas de Jutica”. O termo “Uanauas”, confrontado com pesquisas no site do ISA, se aproxima do “Yawanawá”, população indígena, pertencente à família linguística pano, que ocupa a parte sul da Terra Indígena Rio Gregório, compartilhando-a com os Katukina da aldeia de Sete Estrelas. Essa TI, localizada no município de Tarauacá, foi a primeira a ser demarcada no Acre e ocupa a cabeceira deste afluente do Juruá. Não se localizam apenas em uma aldeia, mas em assentamentos distribuídos pelo território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000015

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,7

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Homem; Mulher; Criança; Posto Indígena

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Grupo de índios da tribo Parintintin no posto indígena do Rio Ipixuna, afluente do Rio Madeira”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000016

Autor: -

Título: Indígenas Baniwa

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,7

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Homem; Rio; Canoa; Rocha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Taraudo embarcação na Buia Cachoeira (R. Yança). Apesar de não constar a denominação do povo indígena no registro, pode-se considerar que se trata do povo indígena Baniwa se localiza na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana, já que se refere ao Rio “Yçana”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000017

Autor: -

Título: Indígenas puxando embarcação

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 16,5

Descritor Geral: Rio; Homens

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Taraudo embarcação uma das cachoeiras (corredeira) do rio Uaupés”. O rio Uaupés é um curso de água que nasce na Colômbia e que banha o estado do Amazonas, sendo um dos principais afluentes do rio Negro. A foz do rio está perto da cidade brasileira de São Gabriel da Cachoeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000018

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Indígenas Satere-Mawé

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 7

Largura em cm: 9,5

Descritor Geral: Homens; Rio; Canoa

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Descendo das cabeceiras do Araticum, afluente do Andirá”. Também há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1885, datado em 10/11/1966. O livro de tombo afirma que os indígenas registrados são Mués (Satere-Mawé). O povo indígena Sateré-Mawé ocupa trechos do rio Andirá, mas não se pode afirmar com certeza que no registro encontrem indígenas dessa população, já que o verso afirma que estão descendo a cabeceira, podendo ser outro povo indígena que está apenas de passagem.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000019

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Grupo de homens

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 7

Largura em cm: 10,5

Descritor Geral: Instrumento musical; Sateré-Mawé; Maué

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Esq./dir: Desconhecido – Nunes Pereira – Tiuba (clarinete) funcionário do S. Prot. Índios. Tirada no Rio Andirá, posto dos Maué”. Também há dois carimbos do livro de tombo do IJNPS, com número 1886, datado em 10/11/1966 e número 1886 datado em 30/07/1970. O termo “Maué” se refere ao povo indígena “Sateré-Mawé”. Os Sateré-Mawé habitam a região do médio rio Amazonas, em duas

terras indígenas, uma denominada TI Andirá-Marau (trecho do rio Andirá), localizada na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, que vem a ser o território original deste povo, e um pequeno grupo na TI Coatá-Laranjal da etnia Munduruku.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000020

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Afro-indígena Maué

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 7

Largura em cm: 10,5

Descritor Geral: Homem; Negro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Mestiço de Maué c/ negro”. Também há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1827, datado em 04/03/1970. O termo “mestiço” é pejorativo e estereotipado, não representa a categoria afro-indígena. O termo “Maué” se refere ao povo indígena “Sateré-Mawé”. Os Sateré-Mawé habitam a região do médio rio Amazonas, em duas terras indígenas, uma denominada TI Andirá-Marau (trecho do

rio Andirá), localizada na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, que vem a ser o território original deste povo, e um pequeno grupo na TI Coatá-Laranjal da etnia Munduruku.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000021

Autor: -

Título: Grupo indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,1

Largura em cm: 16,1

Descritor Geral: Homem; Mulher; Criança; Maloca

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: SPI – Inspectoria no Amazonas e Acre

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Posto indígena do Rio Aripuanã, afluente do Rio Madeira. Índios Matanaués e outros”. Em pesquisa realizada, não foi possível encontrar referência sobre o povo indígena “Matanaué”. De acordo com o site do ISA, o povo Arana já habitou a região compreendida entre o baixo curso do Rio Branco até o salto de Dardanellos, no rio Aripuanã, o que sinaliza a possibilidade de a fotografia ter sido registrada no território indígena desse respectivo povo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Proveniência: IJNPS

Código: GI_000022

Autor: -

Título: Luvas ritualísticas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,5

Largura em cm: 7,2

Descritor Geral: Indígena; artesanato; ritual, formiga; passagem; jovem; adulto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, consta as seguintes informações: “Tipos de çarys dos Maués p/ dança de iniciação (põe formigas dentro”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1884, datado em 10/11/1966. O termo “Maué” se refere ao povo indígena “Sateré-Mawé”. Os Sateré-Mawé habitam a região do médio rio Amazonas, em duas terras indígenas, uma denominada TI Andirá-Marau (trecho do rio Andirá), localizada na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, que vem a ser o território original deste povo, e um pequeno grupo na TI Coatá-Laranjal da etnia Munduruku. A luva é um utensílio

mágico-ritual trançado, antropozoomorfo, onde se colocam formigas tocandiras para ferrar as crianças púberes nos ritos de iniciação. Ou seja, “Çarys” são as luvas utilizadas pelos povos indígenas para o ritual de iniciação de jovens indígenas, conhecido como “Ritual da Tuncadeira” (uma espécie peculiar de formiga da região). As formigas são inseridas nas luvas onde os jovens na iniciação introduzem suas mãos. Detalhe da fotografia: as portas se arremetem a construção de igrejas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000023

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Máscara; Vestimenta; Ritualístico

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Danças das mascaras – Festa fúnebre do 30º dia – índios Uananas – Rio Uaupés. Segundo o site do ISA, os povos indígenas que ocupam o Rio Uaupés são: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana, Tukano, Tuyuca, Kotiria, Tatuyo, Taiwano, Yuruti (as três últimas habitam só na Colômbia). Não há referência para o povo “Uanana”, como registrado no verso da fotografia. O ritual representado na fotografia não é definido como dança, como também não pode se caracterizar apenas como máscaras, há um conjunto de vestimentas corporais e mascaras ritualísticas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000024

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 15,5

Descritor Geral: Máscara; Vestimenta; Ritualístico

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Danças das mascaras – Festa fúnebre do 30º dia – índios Uananas – Rio Uaupés. Segundo o site do ISA, os povos indígenas que ocupam o Rio Uaupés são: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Piratapuya, Siriano, Tariana, Tukano, Tuyuca, Kotiria, Tatuyo, Taiwano, Yuruti (as três últimas habitam só na Colômbia). Não há referência para o povo “Uanana”, como registrado no verso da fotografia. O ritual representado na fotografia não é definido como dança, como também não pode se caracterizar apenas como máscaras, há um conjunto de vestimentas corporais e mascaras ritualísticas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000025

Autor: -

Título: Indígenas Tariana e Tukano

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,5

Largura em cm: 14,7

Descritor Geral: Iauaretê; Urbano; Cidade; Multiétnico

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Índios Tarianos e Tucanos dançam em torno do marco brasileiro de ‘Yauaretê’”. De acordo com o site do ISA, as comunidades Tariana estão distribuídas ao longo do médio e alto curso do rio Uaupés, em três distintos núcleos de concentração. O primeiro e mais importante deles é formado pelas comunidades situadas no povoado de Iauaretê e em suas imediações. De origem Aruak, hoje a imensa maioria dos Tariana fala a língua Tukano. As populações indígenas que vivem às margens do Rio Uaupés e seus afluentes – Tiquié, Papuri, Querari e outros menores – integram atualmente 17 etnias, muitas das quais vivem também na Colômbia, na mesma bacia fluvial e na bacia do Rio Apaporis (tributário do Japurá), cujo principal afluente é o Rio Pira-Paraná. Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental (apenas os Tariana têm origem Aruak) e participam de

uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sócio-cultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Os Tukano autodenominam-se Ye’pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família lingüística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. É possível que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada qual com um nome e, idealmente, compondo um conjunto hierarquizado. Chamado de “cidade do índio”, o povoado multiétnico de Iauaretê é hoje o maior núcleo populacional da Terra Indígena Alto Rio Negro, que fica no médio curso do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na zona de fronteira entre Brasil e Colômbia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000026

Proveniência:

Autor: -

Título: Família de seringueiro

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11

Largura em cm: 16,4

Descritor Geral: Seringueira; Árvore; Extração; Homem; Mulher; Criança

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: - SPI – Inspectoria no Amazonas e Acre

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Um extrator de seringa no Rio Purús preparado para regressar com sua família ao torrão natal no nordeste, depois de obter algum saldo”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000027

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de cabana indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1955, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000028

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato; rede

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de palhoça indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1958, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena e local de dormida com redes.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000029

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de palhoça indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1959, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena e local de dormida com redes.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000030

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato; rede

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de palhoça indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1960, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena e local de dormida com redes.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000031

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de palhoça indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1961, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000032

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Interior de cabana indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,8

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Moradia; objeto; utensílio; artefato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Interior de palhoça indígena”. Também carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 1962, datado em 10/11/1966. No registro, encontra-se utensílios de uso doméstico de população indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000033

Proveniência: IJNPS

Autor: -

Título: Indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,2

Largura em cm: 4,4

Descritor Geral: Perfil

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Índio Parintintin. Rio Madeira”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira

até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000034

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5

Largura em cm: 5,1

Descritor Geral: Perfil; vestimenta

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há uma palavra inteligível e o número 289. Registro que impõe dificuldade para coletar maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000035

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,1

Largura em cm: 5,2

Descritor Geral: Vestimenta

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há uma palavra inteligível e o número 289. Registro que impõe dificuldade para coletar maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000036

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin em ritual

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,8

Largura em cm: 7,3

Descritor Geral: Homem; artefato; arco, flecha; dança

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “Dança executada depois de ataque”. A dança se refere a um ato ritualístico possivelmente posterior a um combate com outra população indígena ou não-indígena. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000037

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,8

Largura em cm: 7,5

Descritor Geral: Homem; artefato; arco, flecha; dança

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “2 Pouzando para a dança”. A dança se refere a um ato ritualístico que estava prestes a acontecer. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt

Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000038

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,5

Descritor Geral: Homem; árvore; cuieira

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “3. Índios em 3 casas”. A fotografia registra um grupo de indígenas reunidos, alguns com vestimentas e outros sem vestimentas, embaixo de cuieira, árvore que produz grandes frutos em forma de globo, depois de secos tornavam-se utensílios domésticos para as populações indígenas. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a

Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000039

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,5

Descritor Geral: Homem; mulher; artefato; arco; flecha; casarão

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “4. Depois da dança”. A dança se refere a um ato ritualístico havia acontecido. Os indígenas registrados, homens e mulheres, se encontram perfilados e portando arcos e flechas. Ao fundo, construção não-indígena: um casarão. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos.

Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000040

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,2

Descritor Geral: Homem; chalé

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “6. Indios na porta do Chalet”. A fotografia registra um grupo de jovens homens indígenas na calçada de construção não-indígena. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição

liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000041

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,4

Descritor Geral: Homem; jovem; árvore; cuieira

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “5. Indios debaixo de I Cuieira”. A fotografia registra um grupo de jovens homens indígenas embaixo de cuieira, árvore que produz grandes frutos em forma de globo, depois de secos tornavam-se utensílios domésticos para as populações indígenas. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados

por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000042

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,4

Descritor Geral: Homem; Árvore

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “7. Índios debaixo da Cuieira”. A fotografia registra um grupo de indígenas reunidos, alguns com vestimentas e outros sem vestimentas, embaixo de cuieira, árvore que produz grandes frutos em forma de globo, depois de secos tornavam-se utensílios domésticos para as populações indígenas. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são

conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000043

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 7,4

Descritor Geral: Homem; Árvore

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “8 India catando Mucuins”. A fotografia registra um grupo de indígenas com destaque para um deles retirando, de acordo com a legenda do álbum, mucuins, espécies de carrapatos. Ao fundo, um coqueiro. Embora o registro afirme que se trate de uma mulher indígena, o registro foi feito de um homem indígena, destacando-se seu estojo peniano. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia

como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glande, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000044

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradia indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,9

Largura em cm: 12

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “9 Vistas do Lº de Antonio”. Construção em andamento de moradia indígena suspensa, o que se refere a área alagada próxima ao Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000045

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradias indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,9

Largura em cm: 12

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “10 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradias indígenas suspensas, o que se refere a área alagada próxima ao Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000046

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradias indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,9

Largura em cm: 12

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “11 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradias indígenas suspensas, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000047

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradia indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,9

Largura em cm: 12

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “12 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradia indígena suspensa, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000048

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradias indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,9

Largura em cm: 5

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “13 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradias indígenas suspensas, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000049

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradias indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 7,3

Largura em cm: 5

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “14 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradias indígenas suspensas, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000050

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher Indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 7,3

Largura em cm: 4,4

Descritor Geral: Indígena

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “5 Mulher Tandê”. Em pesquisa, o termo “Tandê”, não aparenta ser considerado uma denominação de povo indígena pela legenda, não foi encontrado. Considera-se, por tanto, que “Tandê” seja o nome da mulher indígena registrada em foto. Possivelmente, se trata de uma indígena Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje

são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000051

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradias indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,6

Largura em cm: 8

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “15 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradias indígenas suspensas, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000052

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moradia indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,6

Largura em cm: 8

Descritor Geral: Casa; lago; água

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “16 Vistas do Lº de Antonio”. Construção de moradia indígena suspensa, o que se refere a área alagada próxima a Lago do Antônio. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000053

Proveniência: -

Autor: -

Título: Tendal de pirarucu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13

Largura em cm: 7,9

Descritor Geral: Peixe; homem; trabalho

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “18 Tendal de Pirarucú”. Tendal é um entreposto onde se estendem peixes para secá-los, um método para preservar o alimento. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000054

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher Indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,8

Largura em cm: 6

Descritor Geral: Indígena

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há informações na fotografia. No entanto, percebe-se que se trata do mesmo registro do GI_000050, que segundo o autor é uma mulher Tandê. Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “5 Mulher Tandê”. Em pesquisa, o termo “Tandê”, não aparenta ser considerado uma denominação de povo indígena pela legenda, não foi encontrado. Considera-se, por tanto, que “Tandê” seja o nome da mulher indígena registrada em foto. Possivelmente, se trata de uma indígena Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos

por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000055

Proveniência: -

Autor: -

Título: Tendal de pirarucu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13

Largura em cm: 7,9

Descritor Geral: Peixe; homem; trabalho

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “Tendal de Pirarucú”. Tendal é um entreposto onde se estendem peixes para secá-los, um método para preservar o alimento. O Lago do Antônio fica localizado na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. De acordo com as pesquisas, as margens do Rio Madeira eram habitadas pelas populações indígenas Parintintin, Pama, Arara e Mura.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000056

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte indígena no Rio Madeira

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 13,7

Descritor Geral: Peixe; homem; mulher, criança, trabalho; pesca; rio, canoa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “19 Índios em pescaria do Rio Madeira”. O rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Embora tenha a informação de que a fotografia registrava uma pescaria realizada por um grupo de indígenas, o grande número de indígenas presente na canoa, incluindo mulheres e crianças, aparenta ser um registro de deslocamento do grupo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000057

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte indígena no Rio Madeira

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 13,7

Descritor Geral: Peixe; homem; mulher, criança, trabalho; pesca; rio, canoa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “20 Índios em pescaria do Rio Madeira”. O rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Embora tenha a informação de que a fotografia registrava uma pescaria realizada por um grupo de indígenas, o grande número de indígenas presente na canoa, incluindo mulheres e crianças, aparenta ser um registro de deslocamento do grupo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000058

Proveniência: -

Autor: -

Título: Processo de conservação de peixe

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 13,9

Descritor Geral: Peixe; homem; técnica

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “Muquiando o peixe (3 Casas)”. “Muquiar” ou “moquear” é o processo tradicional usado para conservar carne de caça e outros tipos de alimentos. A carne é disposta sobre uma grelha de madeira ou um varal, feito com galhos de árvores úmidos, para dificultar a queima. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000059

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pescaria indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Peixe; homem; trabalho; pesca; rio, canoa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “22 Pescaria no Livramento, Agua Boa”. Em pesquisa realizada, não foi encontrada a localização de “Livramento, Água Boa”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000060

Proveniência: -

Autor: -

Título: Armazenamento de castanha

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 13,7

Descritor Geral: Homem; mulher; instrumento; cabana; trabalho

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “23 Paiel de Castanha. (3 Casas)”. Paiel é uma espécie de galpão onde as castanhas seriam armazenadas pelas populações indígenas. Segundo o site do ISA, a castanha (castanha-do-pará ou castanha-da-amazônia) tem um alto valor nutritivo, ela é extensamente consumida; inteira, ralada e cozida como mingau, como componente de massa de beiju, pão ou bolo e ainda para fazer óleo de fritura. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000061

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de castanha

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,4

Largura em cm: 13,9

Descritor Geral: embarcação; rio; trabalho

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “24 Rio Curucá recebendo Castanha”. Possivelmente, o “Rio Curucá” se refere ao Rio Curuçá, localizado no estado do Amazonas. Banha o oeste da unidade federativa e deságua no rio Javari. Segundo o site do ISA, a castanha (castanha-do-pará ou castanha-da-amazônia) tem um alto valor nutritivo, ela é extensamente consumida; inteira, ralada e cozida como mingau, como componente de massa de

beiju, pão ou bolo e ainda para fazer óleo de fritura. O que demonstra que comercialização na época já detinha uma considerável proporção e movimentava a economia da região.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000062

Proveniência: -

Autor: -

Título: Defumador do ouro preto (seringueira)

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Seringal; trabalho, cabana; homem; borracha; látex

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “25 Defumador do Ouro Preto. 3 Casas”. “Ouro preto” é um termo dado pelos se pelos seringueiros e borracheiros que realizam à busca e à coleta desse produto. A fotografia retrata uma cabana onde era realizado a defumação da borracha da seringueira. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000063

Proveniência: -

Autor: -

Título: Lago na comunidade de Indianópolis

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Rio; embarcação

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “26 Lago em Indianapolis, Engenho”. A comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, fica localizado no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000064

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Homem; artefatos; armas; não-indígena; jovem

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “27 Índios em posição de ataque”. Embora a legenda afirme que o grupo se encontra em posição de ataque, o registro demonstra apenas indígenas perfilados, ao lado de um não-indígena, apanhados com arcos e flechas. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o

conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000065

Proveniência: -

Autor: -

Título: Família Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,4

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Homem; mulher; criança

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: Humaitá, Amazonas, Brasil

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “28 Uma família indígena, em 3 Casas”. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Possivelmente, na propriedade de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os

Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000066

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Viagem; homem; mulher, criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “29 Indios em preparativos de viagem”. No registro, nota-se que o ambiente onde a fotografia foi feita é o mesmo onde a GI_000065 foi feita. No entanto, não há embasamento suficiente para afirmar todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000067

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Viagem; homem; mulher, criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “30 Indios em preparativos de viagem”. No registro, nota-se que o ambiente onde a fotografia foi feita é o mesmo onde a GI_000065 foi feita. No entanto, não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000068

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Viagem; homem; mulher, criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “31 Indios em preparativos de viagem”. No registro, nota-se que o ambiente onde a fotografia foi feita é o mesmo onde a GI_000065 foi feita. No entanto, não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000069

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Viagem; homem; mulher, criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “32 Indios em preparativos de viagem”. No registro, nota-se que o ambiente onde a fotografia foi feita é o mesmo onde a GI_000065 foi feita. No entanto, não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000070

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Viagem; homem; mulher, criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “33 Indios em preparativos de viagem”. No registro, nota-se que o ambiente onde a fotografia foi feita é o mesmo onde a GI_000065 foi feita. No entanto, não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000071

Proveniência: -

Autor: -

Título: Embarcação no Rio Maici

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 13,9

Descritor Geral: Rio; homem; trabalho

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: 34 Lancha Maicy, 14.H.P.” O Rio Maici (também conhecido como Maicy, Maici-Mirim ou Maicy-Mirym) é localizado no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Segundo pesquisas, o povo indígena Pirahã habita as margens do Rio Maici e um trecho das terras cortadas pelo rio Marmelos (afluente do Rio Madeira), onde o primeiro desagua. A ocupação no rio Maici vai desde sua embocadura até as proximidades da ponte que o cruza na rodovia Transamazônica, distante a 90km de Humaitá.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000072

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas a cavalos

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 13,9

Descritor Geral: Animal; transporte; homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. O grupo indígena transporta algum material nos cavalos. Não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos. Possivelmente, o registro foi feito na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, na propriedade de Manuel Souza Lobo,

amador assinalado de cavalos, que era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000073

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas a cavalos

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 13,9

Descritor Geral: Animal; transporte; homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. O grupo indígena transporta algum material nos cavalos. Não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos. Possivelmente, o registro foi feito na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, na propriedade de Manuel Souza Lobo,

amador assinalado de cavalos, que era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000074

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas a cavalos

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 14,2

Descritor Geral: Animal; transporte; homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. O grupo indígena transporta algum material nos cavalos. Não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos. Possivelmente, o registro foi feito na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, na propriedade de Manuel Souza Lobo,

amador assinalado de cavalos, que era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000075

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas a cavalos

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,6

Largura em cm: 14,2

Descritor Geral: Animal; transporte; homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: Humaitá, Amazonas, Brasil

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. O grupo indígena transporta algum material nos cavalos. Não há embasamento suficiente para afirmar que todos são indígenas Paratintin, por não ser possível identificar ornamentos ou utensílios específicos. Possivelmente, o registro foi feito na comunidade de Indianópolis, conhecida como Engenho, banhada pelo Rio Madeira, no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, na propriedade de Manuel Souza Lobo,

amador assinalado de cavalos, que era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000076

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena e serviço de moquear

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13,8

Largura em cm: 8,2

Descritor Geral: Trabalho; alimento; mulher

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “40 India em serviço de Muquen”. “Muquiar” ou “moquear” é o processo tradicional usado para conservar carne de caça e outros tipos de alimentos. A carne é disposta sobre uma grelha de madeira ou um varal, feito com galhos de árvores úmidos, para dificultar a queima.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000077

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena sendo penteada

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 14,1

Largura em cm: 8,3

Descritor Geral: Mulher; homem; não-indígena; cabelo

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “39 Pentenado 1 India”. Homem não-indígena penteando, de forma próxima, uma mulher indígena”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000078

Proveniência: -

Autor: -

Título: Manuel Souza Lobo e indígenas Parintitin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Seringueiro; proprietário; não-indígena

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “41 M. Lobo e Parintintis”. Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. Em 1970, foi instalado na localidade um posto indígena, já sob a gestão da Funai em Porto Velho. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são

conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000079

Proveniência: -

Autor: -

Título: Chalé de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Casa; construção não-indígena; homem; mulher; jovem

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “42 Chalet de M. Lobo, 3 casas”. Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “41 M. Lobo e Parintintis”. Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. Em 1970, foi instalado na localidade um posto indígena, já sob a gestão da Funai em Porto Velho. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000080

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,5

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Homem; branco; armas; instrumentos; jovem; criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “43 Indios Parentintins”. “. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas.

Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. Destaque para um indígena “branco”, possivelmente filho de mulher indígena com homem não-indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000081

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,5

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Homem; branco; armas; instrumentos; jovem; criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “43 Indios Parentintins”. “. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas.

Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. Destaque para um indígena “branco”, possivelmente filho de mulher indígena com homem não-indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000082

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palestra com A.B.M

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,5

Descritor Geral: Indígena; homem; mulher; criança; não-indígena

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “ 45 Índios em palestra com A.B.M.”. Palestra com A.B.M., possivelmente um sanitarista, com um grupo de indígena Parintintin.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000083

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palestra com A.B.M

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 13,5

Descritor Geral: Indígena; homem; mulher; criança; não-indígena

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “ 46 Índios em palestra com A.B.M.”. Palestra com A.B.M., possivelmente um sanitarista, com um grupo de indígena Parintintin e outros não-indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000084

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13, 8

Largura em cm: 8,1

Descritor Geral: Homem; armas; instrumentos

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “47 Índios em marcha”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira

até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000085

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mercado de Humaitá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Comércio; homem; não-indígena

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “49 Mercado de Humaythá”. Humaitá é um município do estado do Amazonas, onde a maioria da população indígena Parintintin habita dois territórios indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000086

Proveniência: -

Autor: -

Título: Missa em Três Casas, Humaitá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 14,1

Descritor Geral: Padre; catequização; catolicismo; indígenas; Parintintin

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “50 Missa em 3 Casas. Padre Raym. do Oliveira. A (Dr.)”. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A fotografia foi registrada na frente do chalé de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das

características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000087

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,1

Largura em cm: 13,8

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “52 O Vapor F. Salles. 3 Casas”. Barco a vapor Francisco Salles de Amazen River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite, que detinha autorização de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha

marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000088

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulheres indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 14

Largura em cm: 8,3

Descritor Geral: Jovem; adorno; feminino

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. As duas indígenas jovens registradas na fotografia são da etnia Parintintin. As mulheres Parintintin usam cordões de fibra abaixo dos joelhos. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população

habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000089

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vista do Lago Pádua

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,4

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Casa; embarcação; rio

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “54 Vistas e Padua”. Segundo pesquisas, “Pádua” é/era um lago localizado no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Possivelmente, o registro é de moradias dos Parintintin, que integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste

do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000090

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vista do Lago Pádua

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,4

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Casa; embarcação; rio

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “55 Vistas e Padua”. Segundo pesquisas, “Pádua” é/era um lago localizado no município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Possivelmente, o registro é de moradias dos Parintintin, que integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste

do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000091

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 5,3

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “O Vapor Francisco Salles da Amazon River, soucando o Igarapé de 3 casas, 25 minutos de navegação. 3 Casas”. Barco a vapor Francisco Salles de Amazon River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navigation Company Limite, que detinha autorização

de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000092

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,8

Largura em cm: 8,3

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “O Vapor Francisco Salles da Amazon River, soucando o Igarapé de 3 casas, 25 minutos de navegação. 3 Casas”. Barco a vapor Francisco Salles de Amazon River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navigation Company Limite, que detinha autorização

de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000093

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6

Largura em cm: 8,3

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “O Vapor Francisco Salles da Amazon River, soucando o Igarapé de 3 casas, 25 minutos de navegação. 3 Casas”. Barco a vapor Francisco Salles de Amazen River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite, que detinha autorização

de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000094

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6

Largura em cm: 8,5

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Barco a vapor Francisco Salles de Amazen River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite, que detinha autorização de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da

companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000095

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6

Largura em cm: 8,4

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Barco a vapor Francisco Salles de Amazen River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite, que detinha autorização de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da

companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000096

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor Francisco Salles

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,8

Largura em cm: 8,2

Descritor Geral: Comércio; rio; Humaitá; Três Casas; companhia

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Barco a vapor Francisco Salles de Amazen River, em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. A embarcação fazia parte da companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite, que detinha autorização de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da

companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000097

Proveniência: -

Autor: -

Título: Vapor fluvial

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 6,3

Largura em cm: 11

Descritor Geral: Comércio; rio; companhia

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Década de 1929

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “River boat. Amazon river. Vapor fluvial do Rio Amazonas, cerca de 1920. Não se trata do vapor Francisco Salles de Amazen River. A a companhia The Amazon River Steam Navegation Company Limite detinha autorização de exploração dos serviços de navegação o do rio Amazonas e seus tributários e linha marítima até Oyapoc. Esta foi a nova denominação da companhia após ser adquirida por Percival Farquar, em 1911. Subvencionada pelo Governo Federal, tinha sede em Belém, escritório, no Rio de Janeiro e sucursal, em Manaus.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000098

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 6,7

Descritor Geral: Mulher; artesanato

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A indígena jovem registrada na fotografia é da etnia Parintintin. As mulheres Parintintin usam cordões de fibra abaixo dos joelhos. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt

Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000099

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 5,5

Descritor Geral: Mulher; artesanato

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A indígena jovem registrada na fotografia é da etnia Parintintin. As mulheres Parintintin usam cordões de fibra abaixo dos joelhos. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt

Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000100

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 5,6

Descritor Geral: Mulher; artesanato

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A indígena jovem registrada na fotografia é da etnia Parintintin. Os homens Parintintin usam estojo peniano. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glande, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas

que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000101

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 5,7

Descritor Geral: Homem; Mulher; armas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a

maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000102

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 5,8

Descritor Geral: Homem; animal

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Possivelmente, a fotografia dos três homens indígenas foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do

rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000103

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,7

Largura em cm: 8,2

Descritor Geral: Homem; Mulher; armas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a

maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000104

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas no Chalé de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 5,6

Descritor Geral: Homem; Mulher; armas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A fotografia foi registrada na frente do chalé de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. Possivelmente, todos os indígenas na fotografia são da etnia Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000105

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas no Chalé de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 5,6

Descritor Geral: Homem; Mulher; armas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A fotografia foi registrada na frente do chalé de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. Possivelmente, todos os indígenas na fotografia são da etnia Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000106

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas no Chalé de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,3

Largura em cm: 5,8

Descritor Geral: Homem; Mulher; armas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. A fotografia foi registrada na frente do chalé de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação desse povo indígena. Possivelmente, todos os indígenas na fotografia são da etnia Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000107

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin cozinhando

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,5

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Homem; Mulher; criança; fogo fogueira; comida

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “67 Índios preparando a Boia, em 3 Casas”. Três Casas é um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. No registro, seguindo pesquisas sobre os ornamentos e utensílios corporais, a população indígena que mais se aproxima das características é a Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000108

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 5,8

Descritor Geral: Mulher

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há informações na fotografia. Os homens Parintintin usam estojo peniano. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glândula, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos

deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000109

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher indígena Tandê

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 5,7

Largura em cm: 8,5

Descritor Geral: Mulher

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há informações na fotografia. No entanto, percebe-se que se trata do mesmo registro do GI_000050, que segundo o autor é uma mulher Tandê. Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “5 Mulher Tandê”. Em pesquisa, o termo “Tandê”, não aparenta ser considerado uma denominação de povo indígena pela legenda, não foi encontrado. Considera-se, por tanto, que “Tandê” seja o nome da mulher indígena registrada em foto. Possivelmente, se trata de uma indígena Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos

por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000110

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,2

Largura em cm: 5,7

Descritor Geral: Mulher

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há informações na fotografia. Os homens Parintintin usam estojo peniano. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glândula, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Possivelmente, a fotografia foi registrada em Três Casas, um dos distritos do município de Humaitá, no interior do estado do Amazonas, banhado pelo Rio Madeira. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos

deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000111

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Parintintin descansando

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,5

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Mulher; homem; criança; rede

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “70 Costando depois da Boia”. As mulheres Parintintin usam cordões de fibra abaixo dos joelhos, como consta no registro. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da

população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000112

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de jovens indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 17

Largura em cm: 11,2

Descritor Geral: Homem; jovem; armas; rio; igarapé

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “73 Pescando em 1 Igarapé. Agua Boa”. Em pesquisa realizada, não foi encontrada a localização de “Água Boa”. Embora a legenda afirme que o registro se trata de um momento de pescaria, os indígenas se apanham com arcos e flechas, sugerindo outro tipo de caça. Os homens Parintintin usam estojo peniano, como se constata no registro. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glândula, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Os

Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000113

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de jovens indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 13,7

Largura em cm: 16,5

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; rio; canoa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “77 Regresso de i pescaria mo Rio Madeira”. O rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Embora tenha a informação de que a fotografia registrava uma pescaria realizada por um grupo de indígenas, o grande número de indígenas presente na canoa, incluindo mulheres e crianças, aparenta ser um registro de deslocamento do grupo. Possivelmente, todos os indígenas na fotografia são da etnia Parintintin. Os homens Parintintin usam estojo peniano, como se

constata no registro. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glândula, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000114

Proveniência: -

Autor: -

Título: Jovem indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 13

Descritor Geral: Homem; caça; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “Índio Equipado”. Os homens Parintintin usam estojo peniano, como se constata no registro. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glande, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-

23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000115

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,5

Largura em cm: 16,5

Descritor Geral: Homem; criança; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “79 Índios em viagem para o Maloca”. Os homens Parintintin usam estojo peniano, como se constata no registro. Estojo peniano é um arranjo corporal usado no dia-a-dia como protetor do órgão sexual masculino, que pressiona o prepúcio e encobre a glândula, feito como um cinto de canudo de bambu, no qual prendem ao longo do pênis. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram

“pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000116

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem indígena Parintintin

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 16,6

Largura em cm: 11,1

Descritor Geral: Homem; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “80 Busto de 1 Parentintins”. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira

até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000117

Proveniência: -

Autor: -

Título: Funcionários de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,4

Largura em cm: 16,3

Descritor Geral: Homem; criança; trabalho

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “81 Empregados do M. Lobo, porta do Chalet”. A fotografia foi registrada na propriedade de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, município de Humaitá, Amazonas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação do povo indígena Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram

“pacificados” pela Funai, em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000118

Proveniência: -

Autor: -

Título: Chalé de Manuel Souza Lobo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,7

Largura em cm: 16,7

Descritor Geral: Propriedade; Três Casas; Humaitá; Amazonas

Descritor geográfico: Humaitá, Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “82 Chalet do M. Lobo”. A fotografia foi registrada na propriedade de Manuel Souza Lobo, amador assinalado de cavalos e mecenas, era proprietário de um seringal em Três Casas, município de Humaitá, Amazonas, onde os Parintintin viviam. O seringueiro, em 1922, solicitou ao SPI a pacificação do povo indígena Parintintin. Os Parintintin integram o conjunto de pequenos grupos que se autodesignam Kagwahiva, mas que hoje são conhecidos por nomes separados, muitos deles dados por grupos inimigos. Quando os Parintintin foram “pacificados” pela Funai,

em 1922-23, que se deu por uma expedição liderada por Curt Nimuendajú, seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, à leste do rio Maici. Hoje a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas. Os grupos que se identificam como Kagwahiva são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000119

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulheres indígenas do Peru

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,7

Largura em cm: 16,7

Descritor Geral: Fronteira; Putumayo; Brasil; Colômbia; Peru

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “83 Indios Peruanos, de Putomayo, 84 e 85 os mesmos. Possivelmente, se trata da etnia, formada por um grupo indígena disperso por regiões da Amazônia no Peru, Colômbia e Brasil, entre os rios Napo e o Içá ou rio Putumayo, cujas línguas pertencem à família linguística Bora.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000120

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulheres indígenas do Peru

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,1

Largura em cm: 16

Descritor Geral: Fronteira; Putumayo; Brasil; Colômbia; Peru

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “83 Indios Peruanos, de Putomayo, 84 e 85 os mesmos. Possivelmente, se trata da etnia, formada por um grupo indígena disperso por regiões da Amazônia no Peru, Colômbia e Brasil, entre os rios Napo e o Içá ou rio Putumayo, cujas línguas pertencem à família linguística Bora.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000121

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulheres indígenas do Peru

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11,7

Largura em cm: 15,3

Descritor Geral: Fronteira; Putumayo; Brasil; Colômbia; Peru

Descritor geográfico:

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “83 Indios Peruanos, de Putomayo, 84 e 85 os mesmos. Possivelmente, se trata da etnia, formada por um grupo indígena disperso por regiões da Amazônia no Peru, Colômbia e Brasil, entre os rios Napo e o Içá ou rio Putumayo, cujas línguas pertencem à família linguística Bora.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000122

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de autoridades da República

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,3

Largura em cm: 17

Descritor Geral: Procurador Geral; Capitão do Corveta; Juiz Seccional; Madame; A. B. Menezes; Amazonas

Descritor geográfico:

Descritor cronológico:

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Na legenda do álbum, constam as seguintes informações: “1º Celso Estevão, Procurador Geral da República, 2º Capitão do Corveta Paulo Emilio. 3º Juiz Seccional do Amazonas. 4º A. B. Menezes. 5º Madame Estevão. 6º Madame Paulo Emilie. Em pesquisa realizada, não foi possível resgatar informações obre as pessoas citadas na legenda do álbum. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: “Photo, Bazar Sportivo, Manáos”. Localizado na Avenida Eduardo

Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. além da datação, por escrito: 1923.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000123

Proveniência: -

Autor: -

Título: Embarcação a vapor

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,3

Largura em cm: 17,1

Descritor Geral: Procurador Geral; Capitão do Corveta; Juiz Seccional; Madame; A. B. Menezes; Amazonas

Descritor geográfico:

Descritor cronológico:

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: "Photo, Bazar Sportivo, Manáos". Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotografo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000124

Proveniência: -

Autor: -

Título: Moenda a vapor fluvial

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,2

Largura em cm: 17,3

Descritor Geral: Cana de açúcar; melaço; cachaça; artesanal; álcool

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Moenda para espremer a cana de açúcar, utilizando a energia do vapor fluvial (embarcação). Nela se realiza a primeira etapa da produção do açúcar, o beneficiamento da cana. Depois de cortada e limpa, a cana era passada nas moendas para se extrair o caldo, que seria cozido para a preparação do melaço. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: "Photo, Bazar Sportivo, Manáos". Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409,

Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotógrafo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000125

Proveniência: -

Autor: -

Título: Destilação de cana de açúcar

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,3

Largura em cm: 16,7

Descritor Geral: Cana de açúcar; melaço; cachaça; artesanal; álcool

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Processo de destilação da cana de açúcar em caldeira do alambique. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: "Photo, Bazar Sportivo, Manáos". Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes, automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotógrafo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000126

Proveniência: -

Autor: -

Título: Armazenamento de derivados da cana

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,5

Largura em cm: 16,9

Descritor Geral: Cana de açúcar; melaço; cachaça; artesanal; álcool

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Local de armazenamento de produtos derivados da cana de açúcar, que talvez seja rapadura. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: "Photo, Bazar Sportivo, Manáos. Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotografo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000127

Proveniência: -

Autor: -

Título: Embarcação a vapor fluvial

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,3

Largura em cm: 17,2

Descritor Geral: Barco; rio; transporte

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Embarcação a vapor fluvial. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: “Photo, Bazar Sportivo, Manáos”. Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotografo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: GI

Código: GI_000128

Proveniência: -

Autor: -

Título: Destilação de cana de açúcar

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,6

Largura em cm: 17,2

Descritor Geral: Cana de açúcar; melaço; cachaça; artesanal; álcool

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: 1923

Local / Procedência: -

Produtor: ABM

Notas: Não há legenda no álbum. Processo de destilação da cana de açúcar em caldeira do alambique. Há um carimbo na parte inferior direita da fotografia: "Photo, Bazar Sportivo, Manáos". Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, 409, Centro de Manaus, o Bazar Sportivo comercializava diversos artigos: esportes, automóveis, fotografia, atelier fotográfico etc. Acredita-se que as fotografias com o carimbo supracitado foram feitas em 1923, pelo mesmo fotógrafo.

AÍDA NOVAIS – NA

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Construção indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8

Largura em cm: 10,3

Descritor Geral: Moradia; Alto Xingu

Descritor geográfico: São Félix do Araguaia

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Fundo da casa – vendo-se os const. [construtores] operários sobre o teto. Propriedade em construção de propriedade de J. Thomaz Young e s/ mulher Betty. Vale do Alto Xingu, Rio Koliseu – Casa está em frente do Salto. Sítio é denominado Leverger”. O Rio Coliseu é um dos afluentes do Rio Xingu. Já o Parque Indígena do Xingu (PIX) localiza-se no município de São Félix do Araguaia, na região nordeste do Estado do Mato Grosso, porção sul da Amazônia brasileira. Tendo em vista os povos que lá habitam, pode-se dividir o Parque Indígena do Xingu

em três partes: uma ao norte (conhecida como Baixo Xingu), uma na região central (o chamado Médio Xingu) e outra ao sul (o Alto Xingu). O Território Indígena do Xingu engloba, em sua porção sul, a área cultural conhecida como alto Xingu, formada pelos povos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti. Apesar de sua variedade linguística, esses povos caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo. Estão ainda articulados em uma rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeões. Entretanto, cada um desses grupos faz questão de cultivar sua identidade étnica e, se o intercâmbio cerimonial e econômico celebra a sociedade alto-xinguana, promove também a celebração de suas diferenças. Os povos Ikpeng, Kaiabi, Kĩsêdjê, Tapayuna e Yudja não fazem parte do complexo cultural alto-xinguano e são bastante heterogêneos culturalmente. Foram integrados aos limites da área demarcada por razões de ordem administrativa, em alguns casos implicando o deslocamento de suas aldeias.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Crianças Bororo durante a missão salesiana

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,9

Largura em cm: 14

Descritor Geral: Assistente; catequese; negra; mulher; jesuíta

Descritor geográfico: General Carneiro, Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 27/12/1925

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: Na frente da fotografia, constam as seguintes informações: “As crianças bororós da Col. Do S. Coração de Jesus a passeio c/ suas assistentes”. No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Ao Exmo amigo e benfeitor G. Novaes. As crianças bororós da col. do Sagrado Coração de J. enviaram seus carinhosos cumprimentos, por ocasião do Ano Novo e lhes agradecem todo bem que lhe faz a missão salesiana, prometendo rezar muito para ele e sua Exma família; convidam- também para fazer-lhes uma visita. Col. S. J. Coração no Barreiro, 27/12/1925”. O termo “Bareiro” faz referência ao

Córrego do Barreiro, próximo ao Morro de Meruri, que deu origem Aldeia Meruri, principal aldeia e a sede da Missão Salesiana até hoje, localizada no município de General Carneiro, Mato Grosso. Os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi. Destaca-se, no registro, a presença de uma assistente negra, ex-escrava.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Bakairi

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 8,9

Largura em cm: 14,8

Descritor Geral: Homem; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia há um carimbo: “Foto – Cháu, Cuiabá, Mato Grosso”. Os indígenas registrados têm características de artefatos dos Bakairi, principalmente os chapéus que estão presentes nos indígenas da fotografia. Os Bakairi se autodenominam Kurâ, que quer dizer gente, ser humano. Eles se consideram os verdadeiros Kurâ, a humanidade por excelência, devendo os demais ser especificados. Kurâ expressa, no sentido restrito, "nós , os Bakairi", "o que é nosso". O termo Bakairi é para eles de origem desconhecida e encontra-se registrado nas crônicas da história regional desde o século XVIII. A língua

Bakairi pertence à família Karib. Vivem no estado de Mato Grosso, nas Terras Indígenas Bakairi e Santana. Em ambas predomina o cerrado. Santana situa-se no município de Nobres e tem o seu nome emprestado de um afluente do Rio Novo que, desenhando parte dos seus limites, desce em busca do Arinos, tributário do Juruena, afluente do Tapajós. A Terra Indígena Bakairi, na sua quase totalidade, localiza-se no município de Paranatinga, à margem direita do rio Paranatinga ou Telles Pires, afluente do Tapajós.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Caça de indígena Karajá e não-indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,8

Largura em cm: 14,7

Descritor Geral: Homem; jacaré; rio; embarcação

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia há as seguintes informações: "Carajá, Rio Araguaya". Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente

ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,8

Largura em cm: 14,7

Descritor Geral: Mulher; criança; mãe; filha; família

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia há as seguintes informações: “Carajás”. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco

linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pesca Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 9,8

Largura em cm: 14,7

Descritor Geral: Homem; jovem; rio; peixe; arco e flecha

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia há as seguintes informações: “Carajás”. Há também, no verso, selo da “Associação Paulista dos Adventistas do Sétimo Dia, São Paulo”. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome

tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Bakairi

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 11

Largura em cm: 16,6

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; jovem; família

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia há as seguintes informações: “Índios Bakaeris. Para ilustrar o IX capítulo da 1ª parte”. Os indígenas registrados têm características de artefatos dos Bakairi, principalmente os chapéus que estão presentes nos indígenas da fotografia. Os Bakairi se autodenominam Kurâ, que quer dizer gente, ser humano. Eles se consideram os verdadeiros Kurâ, a humanidade por excelência, devendo os demais ser especificados. Kurâ expressa, no sentido restrito, "nós , os Bakairi", "o que é nosso". O termo Bakairi é para eles de origem desconhecida e encontra-se registrado nas crônicas da história regional desde o

século XVIII. A língua Bakairi pertence à família Karib. Vivem no estado de Mato Grosso, nas Terras Indígenas Bakairi e Santana. Em ambas predomina o cerrado. Santana situa-se no município de Nobres e tem o seu nome emprestado de um afluente do Rio Novo que, desenhando parte dos seus limites, desce em busca do Arinos, tributário do Juruena, afluente do Tapajós. A Terra Indígena Bakairi, na sua quase totalidade, localiza-se no município de Paranatinga, à margem direita do rio Paranatinga ou Telles Pires, afluente do Tapajós.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Crianças Karajá no Rio Araguaia

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,9

Largura em cm: 18,2

Descritor Geral: Jovem;

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações originais e descartada posteriormente (escrita por uma pessoa que não dominava a língua portuguesa): “Indiozinhos Carajás no Araguaya. Alunos [trecho em língua não identificada]... aprederam a ler, assinar o nome e contar até 1000”. Em trecho posterior, corrigindo o anterior: “Inteligentes e aplicados alunos da Missão Salesiana do Araguaya. Para ilustrar o cap. XIII da 1ª parte”. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grossa, levando em conta o

contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados). As missões salesianas buscavam o controle espiritual, territorial e social das populações indígenas. Recorrendo a uma multiplicidade de estratégias desestruturantes das culturas indígenas, ora semelhantes, ora díspares, os agentes religiosos colonizadores convergiam para transformar o contingente populacional indígena em cidadãos integrados ao Estado e tementes ao Deus dos cristãos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ritual Bororo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 19

Largura em cm: 13,1

Descritor Geral: General Carneiro, Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: "Índios Borôro. Para ilustrar o II capítulo da 1ª parte. A festa das rodas de Ikê denominada marido". Os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas"

vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi. Os rituais são uma constante na vida dos Bororo. Os principais ritos de passagem (em que as pessoas passam de uma categoria social a outra) são o de nomeação, iniciação e funeral. No transcorrer dos rituais o mundo vegetal, principalmente, as palmeiras como a babaçu e buriti, são largamente reverenciadas inclusive com cerimônias específicas sobre elas, chamadas de toro e marido.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Urumi

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 22,3

Largura em cm: 14,2

Descritor Geral: Família; homem; mulher; criança; extinção

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Casal Urumi”. Em pesquisa realizada, pouco material sobre essa etnia foi encontrada. Dentre elas, a afirmativa que povo indígena Urumi é considerado extinto e habitava o estado de Rondônia, na parte superior da bacia do Rio Ji-Paraná. O Rio de Ji-Paraná é um curso de água de águas claras que nasce na chapada dos Parecis. É um dos principais rios do estado de Rondônia —o mais longo por percurso exclusivo em seu território— e seu curso discorre sempre bem perto da fronteira oriental, primeiro com o estado de Mato Grosso e depois de Amazonas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Peresí jogando cabeçabol

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 16,1

Largura em cm: 23,8

Descritor Geral: Esporte; homem; bola; futebol

Descritor geográfico: - Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Índios Parecis nos seus jogos da bola com a cabeça. Para ilustrar o V capítulo da 1ª parte”. O termo de autodenominação dos Paresí é Halíti, que pode tanto ser traduzido como "gente" numa referência explícita ao gênero humano em oposição aos animais, quanto como "povo" para indicar uma identidade mais inclusiva do grupo. A palavra "Paresí" não consta no léxico da língua, mas é o nome que, a partir do século XIX, passou a ser aplicado indiscriminadamente a grupos distintos de fala Aruak identificados por cronistas e estudiosos ao longo de cerca de

dois séculos e meio de história do contato. Os Paresí têm uma antiga história de contato com os não índios. As primeiras referências feitas a eles datam do fim do século XVII e, desde então, o contato foi se intensificando e gerando consequências muitas vezes devastadoras para o povo. Cada subgrupo paresí enfrentou diferentes situações, devido à proximidade ou distância que se encontraram dos não índios. A intensa relação com os jesuítas da Missão Anchieta (MIA) quase ocasionou a extinção de um dos dialetos falados por eles e trouxe transformações nos aspectos socioculturais deste povo, já que as uniões entre os diferentes povos indígenas eram incentivadas. Por intermédio de Rondon obteve-se o conhecimento mais exato da localização dos subgrupos encontrados por ele: habitavam o planalto denominado Parecis, desde o rio Arinos e cabeceiras do Paraguai até as cabeceiras dos rios Guaporé e Juruena. Na época em que esteve na área, os Kazíniti se espalhavam pelo vale do rio Sumidouro, afluente do Arinos, e cabeceiras do Sepotuba e do Sacuriu-ina. A fotografia registra o zikonahiti, conhecido também como “cabeçabol”, que é um jogo masculino disputado com uma bola feita da seiva de mangabeira, designada igomaliró, com cerca de 13 cm de diâmetro. A principal característica do jogo é o arremesso da bola, com um golpe de cabeça, entre equipes dispostas em um campo retangular dividido em duas partes por uma linha riscada no solo. Cada equipe é formada por homens de um mesmo grupo local ou por indivíduos que se consideram ihinaiharé kaisereharé (“parente verdadeiro”). Praticado pelos Paresi, Manoki, Nambikwara e os Enawenê-Nawê, no Mato Grosso.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Objetos museológicos indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,2

Largura em cm: 18,3

Descritor Geral: Peça; museu; exposição; documentação

Descritor geográfico: Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “2ª sala – Os índios de M. Grosso. N. 1 Boigu - Arco do capitão da tribo Carijós; N. 2 Arago - Arma do capitão; N. 3 Aiotó - Bengala do cacique usada nas festas - Carijós; N. 4 Botara - Flecha do tocarugue (soldado na ponta um osso ponteagudo, para guerra e caça de onça); N. 4 Pugas - Flechas para pequenas caças – Tribo Carijós”. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados

de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados). Os objetos foram fotografados no Museu Dom José. Segundo pesquisa, o Museu Dom Josué era uma instituição privada fundada pelo desembargador Eufrásio Cunha Cavalcanti, no começo do século XX. A família o fundador do museu se desfazer dos objetos posteriormente. Em 1951, o antiquário de São Paulo, José Claudino da Nóbrega, adquiriu as últimas peças do Museu São José. Parte de seu acervo foi vendido ao Museu Paulista.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: AN

Código: AN_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Autógrafos de Capitães Gerais

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,1

Largura em cm: 18,3

Descritor Geral: Documento; carta; capitania

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Aída Novaes

Notas: No verso da fotografia, constam as seguintes informações: “Primeira sala. Autógrafos dos cap-generais: Luiz de Albuquerque de Mello Per. Caceres e João de Albuquerque de Mello Per. Caceres - Século XVII”. Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (Ladário, 21 de outubro de 1739 — 7 de julho de 1797) foi um militar e administrador colonial português. Também foi quarto governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso (Brasil). Tendo tomado posse em 13 de dezembro de 1772, exerceu o cargo até 1788, sendo sucedido por seu irmão, João de Albuquerque de Melo Pereira e

Cáceres (Portugal ? — Vila Bela da Santíssima Trindade, 28 de fevereiro de 1796) fidalgo e oficial da infantaria portuguesa, foi capitão-general da Capitania de Mato Grosso de 20 de setembro de 1789 até a sua morte. Cáceres chegou a Mato Grosso, na cidade de Vila Bela, em 16 de outubro de 1789 sendo recebido pelo seu irmão Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Esse registro foi feito no Museu Dom José. Segundo pesquisa, o Museu Dom Josué era uma instituição privada fundada pelo desembargador Eufrásio Cunha Cavalcanti, no começo do século XX. A família o fundador do museu se desfazer dos objetos posteriormente. Em 1951, o antiquário de São Paulo, José Claudino da Nóbrega, adquiriu as últimas peças do Museu São José. Parte de seu acervo foi vendido ao Museu Paulista.

CELSONO BRANDÃO - CB

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000001

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Poró do povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 25,5

Largura em cm: 27,6

Descritor Geral: Ritual; árvore; terreiro; sagrado; Encantado; Toré; Praiá

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Poró do Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os Pankararu e com o território

de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. “Poró” é o local onde os indígenas guardam as vestes rituais e realizam as etapas íntimas do ritual, podendo ser desde uma estrutura de palha até uma pequena casa. É denominado, também, de “Casa dos homens” em função das regras de circulação, pois apenas indígenas do sexo masculino podem entrar no seu espaço.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000002

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 25,3

Largura em cm: 27,6

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; encantado

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão de título: “Praiá do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco.

Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. Os rituais dirigidos aos “Encantado” e aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos Karuazu. Encantado são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantado se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas, como Vaqueirinho, Serra do Fogo e Senhor dos Passos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000003

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 26

Largura em cm: 27,7

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; encantado

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 05/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão de título: “Praia do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. Os rituais dirigidos aos “Encantado” e aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos Karuazu. Encantado são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantado se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas, como Vaqueirinho, Serra do Fogo e Senhor dos Passos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000004

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 26

Largura em cm: 27,7

Descritor Geral: Ritual; toré; sagrado; terreiro

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 05/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão para título: “Toré do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000005

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 25,3

Largura em cm: 27,7

Descritor Geral: Ritual; toré; sagrado; terreiro

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão para título: “Toré do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000006

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 25,6

Largura em cm: 27,7

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; encantado

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão de título: “Praia do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. Os rituais dirigidos aos “Encantado” e aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos Karuazu. Encantado são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantado se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas, como Vaqueirinho, Serra do Fogo e Senhor dos Passos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000007

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 27,8

Largura em cm: 23,4

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; criança; mulher

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão de título: “Praia do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. Os rituais dirigidos aos “Encantado” e aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos Karuazu. Encantado são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantado se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas, como Vaqueirinho, Serra do Fogo e Senhor dos Passos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000008

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 27,7

Largura em cm: 25,4

Descritor Geral: Ritual; toré; sagrado; terreiro; homem; mulher; idosa

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão para título: “Toré do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000009

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 25,5

Largura em cm: 27,7

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; homem

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. Sugestão de título: “Praia do povo Karuazu”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os

Pankararu e com o território de origem, os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu. Os rituais dirigidos aos “Encantado” e aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos Karuazu. Encantado são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantado se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas, como Vaqueirinho, Serra do Fogo e Senhor dos Passos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: CB

Código: CB_000010

Proveniência: -

Autor: Celso Brandão

Título: Povo Karuazu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 27,6

Largura em cm: 25,1

Descritor Geral: Árvore; terreiro; jovem; adulto; grupo

Descritor geográfico: Pariconha, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Povo Karuazu, Pariconha, AL, 1999. Celso Brandão”. O povo Karuazu é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Os Karuzu são constituídos a partir de uma das frentes de migração do aldeamento matriz pernambucano que foi responsável também pela constituição dos grupos Geripankó e Kalankó, dispersos entre os municípios alagoanos de Água Branca e Pariconha, alto sertão do estado. Conservando fortes vínculos com os Pankararu e com o território de origem,

os Karuazu vêm há gerações atualizando suas referências sociocosmológicas através de viagens regulares ao aldeamento matriz, motivadas por propósitos rituais ou pelo simples desejo de rever os parentes, vínculos que proporcionaram sua recente etnogênese. Importa destacar que entre os Karuazu existem outras atrizes. Essas matrizes, ao entrarem profundamente em sua história, permitiram ao grupo uma identidade distinta daquela dos Pankararu – sem, entretanto, negar-lhes a posição de “ponta de rama” desse grupo – e a produção de formas específicas de interação social e categorias de autopercepção. Algumas dessas matrizes étnicas foram introduzidas por famílias cuja origem remonta aos grupos Atikum (PE), Pankararé (BA), Fulni-ô (PE), Tingui-Botó (AL) e Kariri-Xocó (AL). Os Karuazu estão concentrados nos povoados de Tanque e Campinhos, município de Pariconha, extremo oeste do estado de Alagoas. Essas três localidades surgiram quase simultaneamente no século XIX como núcleos de povoamento gerados com a abertura de fazendas de gado em meio à caatinga, uma iniciativa das famílias “Casemiro”, “Panta” e “Alves”, dentre outras, que se instalaram na região pouco antes da chegada das primeiras famílias vindas do aldeamento pernambucano dos Pankararu.

PIERRE DEVIN - PDv

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000018

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30,4

Largura em cm: 24,2

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; encantado

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. Pierre Devin”. Sugestão de Título: “Praiá Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó passou a lutar de

forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. O Praiá ou “Festa dos Encantados” é realizado apenas em algumas datas especiais: no Sábado de Aleluia, quando tem o nome de “Ritual do Umbu”, pois é a época do umbu selvagem; e no dia 25 de julho, em comemoração ao “ressurgimento” dos Kalankó. Além disso, é praticado quando os Kalankó são convidados para as festas dos outros grupos da região. O Praiá é um canto masculino que só pode ser realizado nos terreiros. Antes de cada Praiá, o grupo de dançadores se reúne no interior do poró, onde colocam suas vestes e iniciam o rito: cantam, tocam gaita e fazem uso do campião. A veste do Praiá é feita de palha de coqueiro (caroá) e é considerada viva. É um elemento marcante dos rituais e da auto-imagem dos Kalankó.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000019

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30,5

Largura em cm: 24,3

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; criança; encantado

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. P. Devin, 99-04-59”. Sugestão de Título: “Praiá Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó

passou a lutar de forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. O Praiá ou “Festa dos Encantados” é realizado apenas em algumas datas especiais: no Sábado de Aleluia, quando tem o nome de “Ritual do Umbu”, pois é a época do umbu selvagem; e no dia 25 de julho, em comemoração ao “ressurgimento” dos Kalankó. Além disso, é praticado quando os Kalankó são convidados para as festas dos outros grupos da região. O Praiá é um canto masculino que só pode ser realizado nos terreiros. Antes de cada Praiá, o grupo de dançadores se reúne no interior do poró, onde colocam suas vestes e iniciam o rito: cantam, tocam gaita e fazem uso do campião. A veste do Praiá é feita de palha de coqueiro (caroá) e é considerada viva. É um elemento marcante dos rituais e da auto-imagem dos Kalankó.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000020

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30,4

Largura em cm: 24,2

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; encantado

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. Pierre Devin, 99-04-59”. Sugestão de Título: “Praiá Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó

passou a lutar de forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. O Praiá ou “Festa dos Encantados” é realizado apenas em algumas datas especiais: no Sábado de Aleluia, quando tem o nome de “Ritual do Umbu”, pois é a época do umbu selvagem; e no dia 25 de julho, em comemoração ao “ressurgimento” dos Kalankó. Além disso, é praticado quando os Kalankó são convidados para as festas dos outros grupos da região. O Praiá é um canto masculino que só pode ser realizado nos terreiros. Antes de cada Praiá, o grupo de dançadores se reúne no interior do poró, onde colocam suas vestes e iniciam o rito: cantam, tocam gaita e fazem uso do campião. A veste do Praiá é feita de palha de coqueiro (caroá) e é considerada viva. É um elemento marcante dos rituais e da auto-imagem dos Kalankó.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000021

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30,4

Largura em cm: 24,2

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; encantado; toré

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. Pierre Devin, 99-04-59”. Sugestão de Título: “Toré Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó

passou a lutar de forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000022

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 29,7

Largura em cm: 24

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; encantado; toré

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. Pierre Devin, 99-04-59”. Sugestão de Título: “Toré Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó

passou a lutar de forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como Karuazu. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PDv

Código: PDv_000023

Proveniência: -

Autor: Pierre Devin

Título: Água Branca AL

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30,3

Largura em cm: 24,2

Descritor Geral: Ritual; indumentária; sagrado; terreiro; indígena; encantado; toré

Descritor geográfico: Água Branca, Alagoas, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 04/1999

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia, há as seguintes informações: “Água Branca AL, 4/1999. Pierre Devin, 99-04-59”. Sugestão de Título: “Criança Kalankó”. O povo Kalankó é um dos coletivos de identidade indígena genealógica e culturalmente ligados ao povo Pankararu, do município de Tacaratu em Pernambuco. Por volta de meados do século XX, cinco “pontas de ramas” de um único “tronco velho” (Pankararu) migraram para o alto sertão alagoano. Entre elas estavam: os Kalankó, Karuazu, Koyupanká, Katókin e Jiripankó. O “tronco velho” era o aldeamento de Brejo dos Padres em Pernambuco. A partir de 1980 povo Kalankó

passou a lutar de forma expressiva pelo reconhecimento oficial de sua indianidade. O nome Kalankó está diretamente relacionado a um outro, Cacalancó, que é o etnônimo de uma das populações que viveram, durante o século XIX, no aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os Kalankó Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todos distantes cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira. Além disso, há algumas famílias que vivem no município de Santa Cruz do Deserto, na mesma região, e outras que moram na comunidade de Barriga, no estado da Bahia. Os Kalankó têm dois terreiros onde praticam seus rituais, um em Lageiro do Couro e o outro em Januária. Todo terreiro é chefiado por um indivíduo, que é denominado “pai de terreiro”, e pertence a um encantado, que é o “dono” do espaço. O terreiro deve, preferencialmente, possuir um poró (casa sagrada onde as vestes cerimoniais são guardadas). Além disso, em muitos terreiros da região há um espaço denominado oca, onde as pessoas se reúnem para realizar Conselhos ou Torés.

COLEÇÃO LULA CARDOSO AYRES – LCA

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000305

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Indígena Fulniô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6,1

Largura em cm: 9,4

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; homem; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1940

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000351

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Indígena Fulniô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6,1

Largura em cm: 9,4

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; homem; idoso; ancião

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1940

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000352

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Indígena Fulniô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6,1

Largura em cm: 9,4

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; homem; idoso; ancião

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1940

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000353

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Indígena Fulniô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6,1

Largura em cm: 9,4

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; homem; idoso; ancião

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1940

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000354

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Indígena Fulniô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6,1

Largura em cm: 9,4

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; homem; idoso; ancião

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1940

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000945

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Velha índia

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Garanhuns; Pernambuco; mulher; idosa; anciã; agricultura; horta

Descritor geográfico: Garanhuns, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 09/1941

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com termo não pejorativo: "Índigena anciã". De acordo com os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela, que ainda possui a inscrição "Film F-11", onde estava guardado o negativo. Não é possível afirmar de qual etnia indígena a anciã registrada pertence. No entanto, pesquisas apontaram que as terras que hoje são pertencentes a ao município de Garanhuns foram ocupadas por indígenas Cariri. Na territorialização indígena atual, a população indígena mais próxima do município de Garanhuns é a Fulni-ô de Águas Belas. Os Fulni-ô foram durante muito tempo considerados, pelos estudiosos, como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (Boudin, 1949). Um exemplo desta posição é a de Mario Melo, que os considerou como o "último rebento dos Cariris que dominaram os nossos

sertões" (Melo, 1929). O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) classificou tanto a família kariri como a língua materna dos Fulni-ô, o Yaathê, como integrantes do tronco macro-jê, embora sem incluir esta língua em uma família particular.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000946

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Velha índia

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Garanhuns; Pernambuco; mulher; idosa; anciã; agricultura; horta

Descritor geográfico: Garanhuns, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 09/1941

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com termo não pejorativo: "Índigena anciã". De acordo com os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela, que ainda possui a inscrição "Film F-12", onde estava guardado o negativo. Não é possível afirmar de qual etnia indígena a anciã registrada pertence. No entanto, pesquisas apontaram que as terras que hoje são pertencentes a ao município de Garanhuns foram ocupadas por indígenas Cariri. Na territorialização indígena atual, a população indígena mais próxima do município de Garanhuns é a Fulni-ô de Águas Belas. Os Fulni-ô foram durante muito tempo considerados, pelos estudiosos, como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (Boudin, 1949). Um exemplo desta posição é a de Mario Melo, que os considerou como o "último rebento dos Cariris que dominaram os nossos

sertões" (Melo, 1929). O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) classificou tanto a família kariri como a língua materna dos Fulni-ô, o Yaathê, como integrantes do tronco macro-jê, embora sem incluir esta língua em uma família particular. Portanto, mesmo não sendo possível afirmar a etnia, pode-se compreender uma possível proximidade da indígena registrada com o povo que ocupava a região próxima, os Fulni-ô (ou pelo menos um grupo que matinha contato).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000950

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Velha índia

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Garanhuns; Pernambuco; mulher; idosa; anciã; agricultura; horta

Descritor geográfico: Garanhuns, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 09/1941

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com termo não pejorativo: "Índigena anciã". De acordo com os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela, que ainda possui a inscrição "Film F-16", onde estava guardado o negativo. Não é possível afirmar de qual etnia indígena a anciã registrada pertence. No entanto, pesquisas apontaram que as terras que hoje são pertencentes a ao município de Garanhuns foram ocupadas por indígenas Cariri. Na territorialização indígena atual, a população indígena mais próxima do município de Garanhuns é a Fulni-ô de Águas Belas. Os Fulni-ô foram durante muito tempo considerados, pelos estudiosos, como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (Boudin, 1949). Um exemplo desta posição é a de Mario Melo, que os considerou como o "último rebento dos Cariris que dominaram os nossos

sertões" (Melo, 1929). O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) classificou tanto a família kariri como a língua materna dos Fulni-ô, o Yaathê, como integrantes do tronco macro-jê, embora sem incluir esta língua em uma família particular. Portanto, mesmo não sendo possível afirmar a etnia, pode-se compreender uma possível proximidade da indígena registrada com o povo que ocupava a região próxima, os Fulni-ô (ou pelo menos um grupo que matinha contato).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000988

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Velha índia

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Garanhuns; Pernambuco; mulher; jovem

Descritor geográfico: Garanhuns, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 09/1941

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com termo não pejorativo: "Índigena jovem". De acordo com os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela, que ainda possui a inscrição "Film F-20", onde estava guardado o negativo. Não é possível afirmar de qual etnia indígena a anciã registrada pertence. No entanto, pesquisas apontaram que as terras que hoje são pertencentes a ao município de Garanhuns foram ocupadas por indígenas Cariri. Na territorialização indígena atual, a população indígena mais próxima do município de Garanhuns é a Fulni-ô de Águas Belas. Os Fulni-ô foram durante muito tempo considerados, pelos estudiosos, como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (Boudin, 1949). Um exemplo desta posição é a de Mario Melo, que os considerou como o "último rebento dos Cariris que dominaram os nossos

sertões" (Melo, 1929). O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) classificou tanto a família kariri como a língua materna dos Fulni-ô, o Yaathê, como integrantes do tronco macro-jê, embora sem incluir esta língua em uma família particular. Portanto, mesmo não sendo possível afirmar a etnia, pode-se compreender uma possível proximidade da indígena registrada com o povo que ocupava a região próxima, os Fulni-ô (ou pelo menos um grupo que matinha contato).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_000989

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Velha índia

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Garanhuns; Pernambuco; mulher; jovem

Descritor geográfico: Garanhuns, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 09/1941

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com termo não pejorativo: “Indígena jovem”. De acordo com os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela, que ainda possui a inscrição “Film F-20”, onde estava guardado o negativo. Não é possível afirmar de qual etnia indígena a anciã registrada pertence. No entanto, pesquisas apontaram que as terras que hoje são pertencentes a ao município de Garanhuns foram ocupadas por indígenas Cariri. Na territorialização indígena atual, a população indígena mais próxima do município de Garanhuns é a Fulni-ô de Águas Belas. Os Fulni-ô foram durante muito tempo considerados, pelos estudiosos, como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (Boudin, 1949). Um exemplo desta posição é a de Mario Melo, que os considerou como o "último rebento dos Cariris que dominaram os nossos

sertões" (Melo, 1929). O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) classificou tanto a família kariri como a língua materna dos Fulni-ô, o Yaathê, como integrantes do tronco macro-jê, embora sem incluir esta língua em uma família particular. Portanto, mesmo não sendo possível afirmar a etnia, pode-se compreender uma possível proximidade da indígena registrada com o povo que ocupava a região próxima, os Fulni-ô (ou pelo menos um grupo que matinha contato).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001021

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001022

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Crianças Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono

das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001023

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; mulher; ritual; toré; cafurna; encantado; sagrado; instrumento

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia, do ritual sagrado e com caracterização do local: “Toré Fulni-ô no Ouricuri”. No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do

estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001024

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; mulher; ritual; toré; cafurna; encantado; sagrado; instrumento

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia, do ritual sagrado e com caracterização do local: “Toré Fulni-ô no Ouricuri”. No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do

estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001025

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; mulher; ritual; toré; cafurna; encantado; sagrado; instrumento

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia, do ritual sagrado e com caracterização do local: “Toré Fulni-ô no Ouricuri”. No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do

estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001026

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001027

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Crianças Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono

das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001028

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-

ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001029

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001030

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001031

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Índigenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001032

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001033

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; anciã

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001034

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem; jarro; cerâmica

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-

ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001035

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem; jarro; cerâmica

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001036

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; taipa

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001037

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; serra

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Criança Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001038

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001039

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001040

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Criança Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono

das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001041

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001042

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; anciã

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 10/1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em uma cartela onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001369

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Menina indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 2,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade

de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001377

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índio

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001378

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índio

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001379

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001380

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios, mãe e filho

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filho

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001381

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios, mãe e filho

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filho

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001382

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001383

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001384

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; mulher

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001385

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; chapéu

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001386

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança ; chuapéu

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001387

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mandacaru; paisagem rural; território

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Território Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001388

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígena Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001389

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001390

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001391

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001392

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígena Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de

norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001393

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios, mãe e filho

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filho

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas

é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001394

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios, mãe e filho

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 3,5

Largura em cm: 3,5

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; criança; mãe; filho

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia: “Indígenas Fulni-ô”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001395

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6

Largura em cm: 9

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; Ouricuri; território; moradia; palha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Aldeia Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono

das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001396

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6

Largura em cm: 9

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; homem; mulher; criança; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígenas Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: LCA

Código: LCA_001397

Proveniência: -

Autor: Lula Cardoso Ayres

Título: Índios

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: 6

Largura em cm: 9

Descritor Geral: Águas Belas; Pernambuco; indígena; mulher; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1943

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Sugestão para título, com grafia correta da etnia e caracterização da aldeia do Ouricuri: “Indígena Fulni-ô no Ouricuri”. Segundo os metadados anteriores, a datação e a descrição da imagem foram feitas pelo artista em um envelope onde estava guardado o negativo. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado

polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

COLEÇÃO NOEL NUTELS – NN

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Boneca Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de uma escultura modelada em argila, representativa da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Observação: há dois registros idênticos da fotografia. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente

ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Boneca Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de uma escultura modelada em argila, representativa da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três

línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Bonecas Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 16

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de duas esculturas modeladas em argila, representativas da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três

línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Boneca multicéfala Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto; sobrenatural; cabeças

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de escultura modelada em argila, representativas da figura humana cultural feminina adulta, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, com três cabeças, e extra-humano). Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente

ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 12,1

Descritor Geral: Artesanato; argila; escultura; culto; feminino; zoomorfismo

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, as esculturas temáticos-figurativas Karajá são modeladas em argila, constituídas de figuras-representação de temas como atividades de subsistência (femininas e masculinas), transporte, vida familiar, vida ritual, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, extra-humano), ou figura zoomorfa. No registro, trata-se de esculturas representativas da figura humana cultural feminina adulta, e figura zoomorfa de uma ave. Há um negativo desta imagem com o mesmo código. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de

Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Boneca Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12,1

Largura em cm: 8,2

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de uma escultura modelada em argila, representativa da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três

línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Máscara Kuikuro

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 16

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; culto; sagrado; palha; artesanato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo. No registro, uma máscara Kuikuro confeccionada em madeira e fibras de buriti. Há um negativo desta imagem com o mesmo código. Os Kuikuro são, hoje, o povo com a maior população no Alto Xingu. Eles constituem um sub-sistema carib

com os outros grupos que falam variantes dialetais da mesma língua (Kalapalo, Matipu e Nahukuá) e participam do sistema multilíngüe conhecido como Alto Xingu, na porção sul da TI Parque Indígena do Xingu. Na história da formação deste sistema, os povos carib são considerados como tão importantes quanto os aruak (Waujá e Mehinako), embora se atribua aos aruak a sua matriz inicial. Os Kuikuro fazem parte do que pode ser chamado de subsistema karíb alto-xinguano. Este é constituído, hoje, por quatro grupos: além dos Kuikuro, os Matipu, os Nahukuá e os Kalapalo. Seu território tradicional é a região oriental da bacia hidrográfica dos formadores do rio Xingu (rios Culuene, Buriti e Curisevo).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Máscara Kuikuro

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 16

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; culto; sagrado; palha; madeira; buriti; fibra

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo. No registro, uma máscara Kuikuro confeccionada em madeira e fibras de buriti. Há um negativo desta imagem com o mesmo código. Os Kuikuro são, hoje, o povo com a maior população no Alto Xingu. Eles constituem um sub-sistema carib

com os outros grupos que falam variantes dialetais da mesma língua (Kalapalo, Matipu e Nahukuá) e participam do sistema multilíngüe conhecido como Alto Xingu, na porção sul da TI Parque Indígena do Xingu. Na história da formação deste sistema, os povos carib são considerados como tão importantes quanto os aruak (Waujá e Mehinako), embora se atribua aos aruak a sua matriz inicial. Os Kuikuro fazem parte do que pode ser chamado de subsistema karíb alto-xinguano. Este é constituído, hoje, por quatro grupos: além dos Kuikuro, os Matipu, os Nahukuá e os Kalapalo. Seu território tradicional é a região oriental da bacia hidrográfica dos formadores do rio Xingu (rios Culuene, Buriti e Curisevo).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Panela Waujá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 17,9

Largura em cm: 17,9

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; cozinha; alimento

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, panela faz parte de um conjunto de utensílios destinados a transformar alimentos por meio de processos mecânicos (raspagem, corte, trituração, moagem), químicos (cozimento) ou físicos (aquecimento), e a revolver os alimentos nos recipientes, incluindo artefatos de cerâmica, artefatos trançados e artefatos feitos de outras matérias-primas animais, vegetais, minerais ou industrializadas. No registro, uma panela grande de cerâmica do povo Waujá, ofertada a Noel Nutels por Orlando Vilas Boas, segundo os metadados anteriores. Observação: nos metadados

anteriores, consta povo “Waurá”, mas a grafia correta é “Waujá”. Os Waujá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas de xamanismo. Falantes de uma língua maipure da família arawak, os Waujá constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawene Nawe, o grupo dos mairupe centrais. Os Waujá habitam as proximidades da lagoa Piyulaga, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Os artefatos da cultura material Waujá são muito apreciados, tendo por isso uma das melhores entradas no mercado do artesanato indígena brasileiro. A sua singularíssima cerâmica é um emblema de sua etnicidade. Atualmente, a cerâmica tem um peso extraordinário na manutenção econômica da aquisição de bens industrializados. Orlando Villas Boas foi um indigenista que chefiou a Expedição Roncador-Xingu (1943-49), na Amazônia meridional e estabeleceu contato com diversas populações indígenas isoladas. Expedição era o braço da Fundação Brasil Central encarregado de desbravar e preparar a colonização dos sertões dos rios Araguaia, Xingu e Tapajós, dentro da política de interiorização preconizada pelo governo Vargas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Borduna espatulada Kawaiwete

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 16,1

Largura em cm: 18

Descritor Geral: Artesanato; madeira; tucumanzeiro; palmeira; arma; ritual

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, borduna é uma arma de choque contundente, feita de madeira dura e pesada, usada como cacete para bordoar, na qual distinguem-se o cabo, o cinto de separação entre o cabo e o corpo da arma, o segmento superior, o inferior e a extremidade basal, e que apresenta diversas formas na metade inferior do corpo e diversos tipos de decoração. Já borduna espatulada é a mesma arma cuja metade inferior adquire forma de pá. Nos metadados anteriores, constava o termo “tacape”, menos adequado dentro da simbologia indígena do que o termo “borduna”. Da

mesma forma, a denominação da etnia se arremete ao povo “Kayabi”, embora seja correto o uso de “Kawaiwete”. Durante séculos, os Kawaiwete foram designados pelo nome Kaiabi. A origem e o significado desse termo perderam-se no tempo. É provável que tenha sido a forma pela qual os povos Apiaká ou Bakairi - as primeiras fontes de informação sobre os Kawaiwete no século XIX - se referiam a eles. O nome kaiabi não pertence à língua dos Kawaiwete e não é sua autodesignação. A maioria da população foi transferida para o Parque Indígena do Xingu, hoje denominado por seus habitantes de Território Indígena do Xingu (TIX). Os demais permaneceram em áreas reduzidas na região do Rio dos Peixes e no Baixo Rio Teles Pires. Exímios agricultores, os Kawaiwete cultivam uma enorme diversidade de plantas em suas roças, além disso são conhecidos por suas especialidades artísticas como os objetos feitos de tucum e inajá e as exuberantes peneiras de arumã caracterizadas por complexos padrões gráficos inspirados na rica cosmologia e mitologia do povo. O tucumã, palmeira típica da região amazônica, é um recurso mais utilizado no TIX do que na área ancestral dos Kawaiwete. A borduna registrada foi confeccionada pela madeira dessa palmeira, que é escura e resistente. As bordunas passaram a ter um uso político, além de cerimonial, em festas esporádicas. Os Kawaiwete usam as bordunas com empunhadura trançada de arumã, com padrões gráficos similares aos da sua cestaria, como símbolo de força, poder e identidade étnica em reuniões e eventos políticos. Além disso, estes objetos também são muito comercializados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Taça-chocalho Waujá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18,2

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; instrumento musical

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som. Observação: nos metadados anteriores, consta povo “Waurá”, mas a grafia correta é “Waujá”; também há dois registros da mesma fotografia – nos metadados, esses dois registros possuem códigos próprios, mas na coleção dividem o mesmo código NN_000017. Os Waujá, habitantes do Parque Indígena do

Xingu, são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas de xamanismo. Falantes de uma língua maipure da família arawak, os Waujá constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawene Nawe, o grupo dos mairupe centrais. Os Waujá habitam as proximidades da lagoa Piyulaga, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Os artefatos da cultura material Waujá são muito apreciados, tendo por isso uma das melhores entradas no mercado do artesanato indígena brasileiro. A sua singularíssima cerâmica é um emblema de sua etnicidade. Atualmente, a cerâmica tem um peso extraordinário na manutenção econômica da aquisição de bens industrializados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Toucado Kayapó

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18,1

Descritor Geral: Artesanato; animal; pena; cabeça

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: O toucado Kayapó é uma espécie de cocar, como usualmente é conhecido. É um acessório ornamental corporal destinado à cabeça, manufaturado com matéria-prima animal, no caso do registro por penas. Nos metadados anteriores, há as seguintes informações: “Toucado com 158 penas, índios Txukahamãe”; além do código NN_000019, mas na coleção o código é NN_000018. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá,

Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Diadema indígena xinguano vertical

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 18,1

Descritor Geral: Artesanato; animal; pena; cabeça

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, diadema indígena é um adorno corporal para a cabeça, no qual as penas, ou as varetas que as sustentam, concentram-se na frente, aproximadamente de orelha a orelha, geralmente ultrapassando bastante o suporte onde são inseridas (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho, do centro para os lados. Já o diadema indígena vertical é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos indígenas

xinguanos). Nos metadados anteriores, há as seguintes informações: “Diadema vertical Alto Xingu; além do código NN_000020, mas na coleção o código é NN_000019. Possivelmente se trata de um artefato da etnia Kayapó, mas não há informações suficientes para afirmar. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Karajá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; escultura; culto; feminino; zoomorfismo

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, as esculturas temáticos-figurativas Karajá são modeladas em argila, constituídas de figuras-representação de temas como atividades de subsistência (femininas e masculinas), transporte, vida familiar, vida ritual, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, extra-humano), ou figura zoomorfa. No registro, trata-se de esculturas representativas da figura humana cultural feminina adulta, e figura zoomorfa de uma ave. Há um negativo desta imagem com o mesmo código. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja,

"nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Karajá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; escultura; culto; feminino; zoomorfismo

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, as esculturas temáticos-figurativas Karajá são modeladas em argila, constituídas de figuras-representação de temas como atividades de subsistência (femininas e masculinas), transporte, vida familiar, vida ritual, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, extra-humano), ou figura zoomorfa. No registro, trata-se de esculturas representativas da figura humana cultural feminina adulta, e figura zoomorfa de uma ave. Há um negativo desta imagem com o mesmo código. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja,

"nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000025

Proveniência: -

Autor: -

Título: Bonecas Karajá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de duas esculturas modeladas em argila, representativas da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e

Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000026

Proveniência: -

Autor: -

Título: Bonecas Karajá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de duas esculturas modeladas em argila, representativas da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e

Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Waujá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; instrumento musical

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: No registro encontram-se uma vasilha e taça-chocalho, ambos de cerâmica. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som; já a vasilha de cerâmica de boca larga, pouco funda, de formas variadas (fitomorfa, zoomorfa, geminada), é usada para armazenagem ou serviço de alimentos, no âmbito doméstico ou em cerimônias rituais. Observação: nos

metadados anteriores, consta povo “Waurá”, mas a grafia correta é “Waujá”; também há dois registros da mesma fotografia – nos metadados, esses dois registros possuem códigos próprios, mas na coleção dividem o mesmo código NN_000017. Os Waujá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas de xamanismo. Falantes de uma língua maipure da família arawak, os Waujá constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawene Nawe, o grupo dos mairupe centrais. Os Waujá habitam as proximidades da lagoa Piyulaga, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Os artefatos da cultura material Waujá são muito apreciados, tendo por isso uma das melhores entradas no mercado do artesanato indígena brasileiro. A sua singularíssima cerâmica é um emblema de sua etnicidade. Atualmente, a cerâmica tem um peso extraordinário na manutenção econômica da aquisição de bens industrializados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Waujá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; instrumento musical

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: No registro encontram-se uma vasilha e taça-chocalho, ambos de cerâmica. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som; já a vasilha de cerâmica de boca larga, pouco funda, de formas variadas (fitomorfa, zoomorfa, geminada), é usada para armazenagem ou serviço de alimentos, no âmbito doméstico ou em cerimônias rituais. Observação: nos

metadados anteriores, consta povo “Waurá”, mas a grafia correta é “Waujá”; também há dois registros da mesma fotografia – nos metadados, esses dois registros possuem códigos próprios, mas na coleção dividem o mesmo código NN_000017. Os Waujá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas de xamanismo. Falantes de uma língua maipure da família arawak, os Waujá constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawene Nawe, o grupo dos mairupe centrais. Os Waujá habitam as proximidades da lagoa Piyulaga, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Os artefatos da cultura material Waujá são muito apreciados, tendo por isso uma das melhores entradas no mercado do artesanato indígena brasileiro. A sua singularíssima cerâmica é um emblema de sua etnicidade. Atualmente, a cerâmica tem um peso extraordinário na manutenção econômica da aquisição de bens industrializados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000029

Proveniência: -

Autor: -

Título: Esculturas representativas Waujá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; instrumento musical

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: No registro encontram-se uma vasilha e taça-chocalho, ambos de cerâmica. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som; já a vasilha de cerâmica de boca larga, pouco funda, de formas variadas (fitomorfa, zoomorfa, geminada), é usada para armazenagem ou serviço de alimentos, no âmbito doméstico ou em cerimônias rituais. Observação: nos

metadados anteriores, consta povo “Waurá”, mas a grafia correta é “Waujá”; também há dois registros da mesma fotografia – nos metadados, esses dois registros possuem códigos próprios, mas na coleção dividem o mesmo código NN_000017. Os Waujá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais. Além da riqueza de sua cultura material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre os animais, as coisas, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas de xamanismo. Falantes de uma língua maipure da família arawak, os Waujá constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawene Nawe, o grupo dos mairupe centrais. Os Waujá habitam as proximidades da lagoa Piyulaga, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Os artefatos da cultura material Waujá são muito apreciados, tendo por isso uma das melhores entradas no mercado do artesanato indígena brasileiro. A sua singularíssima cerâmica é um emblema de sua etnicidade. Atualmente, a cerâmica tem um peso extraordinário na manutenção econômica da aquisição de bens industrializados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000030

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de artefatos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; deslocamento; caixa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Transporte da coleção indígena Noel Nutels. É necessário investigar se o transporte acontece da casa de Noel Nutels para a Fundaj em Recife/PE, ou da Fundaj para o Museu do Homem do Norte em Manaus/AM.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000031

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de artefatos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; deslocamento; caixa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Transporte da coleção indígena Noel Nutels. É necessário investigar se o transporte acontece da casa de Noel Nutels para a Fundaj em Recife/PE, ou da Fundaj para o Museu do Homem do Norte em Manaus/AM.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000032

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de artefatos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; deslocamento; caixa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Transporte da coleção indígena Noel Nutels. É necessário investigar se o transporte acontece da casa de Noel Nutels para a Fundaj em Recife/PE, ou da Fundaj para o Museu do Homem do Norte em Manaus/AM.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000033

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de artefatos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; deslocamento; caixa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Transporte da coleção indígena Noel Nutels. É necessário investigar se o transporte acontece da casa de Noel Nutels para a Fundaj em Recife/PE, ou da Fundaj para o Museu do Homem do Norte em Manaus/AM.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: NN

Código: NN_000034

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de artefatos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; deslocamento; caixa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX.

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: Noel Nutels

Notas: Transporte da coleção indígena Noel Nutels. É necessário investigar se o transporte acontece da casa de Noel Nutels para a Fundaj em Recife/PE, ou da Fundaj para o Museu do Homem do Norte em Manaus/AM.

COLEÇÃO PAULO CAVALCANTI – PC

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: PC

Código: PC_000341

Proveniência: -

Autor: Iva Câmara

Título: Funcionários do SPI e indígenas

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 12

Largura em cm: 17,8

Descritor Geral: Homem; não-indígena; desconhecido; São Luís; Maranhão

Descritor geográfico: São Luiz, Maranho, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 1946/1947

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Henrique Accioly Lins (à direita no registro) foi funcionário do Serviço de Proteção ao Índio, em São Luiz, estado do Maranhão, em fins da década de 1940. Os outros presentes não foram identificados, assim como os indígenas. Como Henrique Accioly era funcionário do SPI em São Luís, é possível afirmar que os indígenas registrados são pertencentes a uma das atuais 12 etnias do estado do Maranhão. No verso da fotografia há o carimbo da fotografa “Iva Câmara”.

MUSEU DE ANTROPOLOGIA – MAN

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000377

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Aldeia Fulni-ô do Ouricuri

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Mulher; criança; território; moradia; palha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 308, datado em 20/3/1964. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000378

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Búzio Fulni-ô

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; ritual; toré; sagrado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 170, datado em 21/1/1963. No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000379

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Aldeia Fulni-ô do Ouricuri

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Território; moradia; palha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 309, datado em 20/3/1964. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000380

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Aldeia Fulni-ô do Ouricuri

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Território; moradia; palha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 307, datado em 20/3/1964. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município

de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000381

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Aldeia Fulni-ô do Ouricuri

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Território; moradia; palha

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 103 datado em 31/10/1962. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município

de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000382

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Búzio Fulni-ô

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Homem; sagrado; toré; ritual

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 269, datado em 20/3/1964. No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram

conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código: MAN_000383

Proveniência: IJNPS

Autor: J.Gueiros

Título: Indígenas Fulni-ô no Ouricuri

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 30

Largura em cm: 40

Descritor Geral: Território; moradia; palha; mulher; anciã; jovem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1960

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso da fotografia há carimbo do livro de tombo do IJNPS, com número 290, datado em 20/3/1964. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município

de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: MAN

Código:

Proveniência: IJNPS

Autor:

Título: Desenho de máscara indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 23,9

Largura em cm: 18,1

Descritor Geral: Ritual; palha; artesanato

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o registro do desenho se aproxima de uma máscara capa cortina de franjas, uma indumentária ritual de dança, composta de capa de fibras vegetais e de máscara. Sem etnia identificada. Obs: não foi inserido código por considerar-se que, talvez, essa fotografia não faça parte da Coleção do Museu de Antropologia. Não há relação explícita entre esta fotografia com a restante dos registros indígenas. Existe uma possível relação deste registro com a coleção Noel Nutels, por ter semelhança com as máscaras Karajá.

COLEÇÃO CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA – BRA

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: BRA

Código: BRA_000038

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas na primeira missa de Brasília

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 10,1

Largura em cm: 14,9

Descritor Geral: Cidade; sincretismo; catolicismo; inauguração

Descritor geográfico: Brasília, DF, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 03/05/1957

Local / Procedência: -

Produtor: Luiz Borges

Notas: No verso do registro, encontram-se as seguintes informações: “ARPDF (Arquivo Público do Distrito Federal], B.04.02.A.01, ficha nº: 0658. 1ª missa em Brasília. Autor: não identificado. Data: 03q05/57. Reprodução: Luiz Borges. Data: 24/10/2002”. Não foi possível identificar os indígenas registrados na fotografia.

COLEÇÃO RÁDIO, TV E TEATRO DE PERNAMBUCO - RTV

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: RTV

Código: RTV_000038

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Tabajara

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: 18

Largura em cm: 24,3

Descritor Geral: Homem; música; violão

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: -

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor:

Notas: No registro, a dupla musical “Os Índios Tabajaras”, formada pelos irmãos Mussaperê ("o terceiro", em tupi) e Herundy ("o quarto", em tupi), dois indígenas da etnia Tabajara, do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil. Nativos do sítio Tucuns, município de Ubajara, no distrito de Pindoguaba, na serra da Ibiapaba, divisa entre o Ceará e Piauí, tocando no Rio de Janeiro eles encontraram o sucesso como Natalício e Antenor Lima, vestindo trajes cerimoniais indígenas.

COLEÇÃO JOSEBIAS BANDEIRA - JB

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006566

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas Apurimã

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; ritual; música; instrumento; sagrado; cabana

Descritor geográfico: Brasil, Amazonas

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Índios Apurimãs. Amazonas, Brasil. A. Ribeiro Rio”. A. Ribeiro Rio possivelmente é o fotógrafo responsável pelo registro. O povo “Apurinã”, conhecido anteriormente como Ipurinã, se localiza nas proximidades do Rio Purus. Essa população indígena é dispersa em locais próximos às margens do Purus, no território brasileiro e peruano. Os Apurinã vivem em diversas Terras Indígenas, sendo duas com os Paumari do Lago Paricá e Paumari do Lago Marahã, e uma com os índios Torá, na terra de mesmo nome.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006567

Proveniência: -

Autor: H. G. Olds

Título: Indígenas Toba

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Argentina

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No canto esquerdo da fotografia, há as seguintes informações: “131 Rosauer, Rivadavia 522 Buenos Aires. H. G. Olds, Fotogr”; na parte inferior: “Indios Tobas”. O povo Toba, também conhecido como povo Qom, é um dos maiores grupos indígenas da Argentina que habitou historicamente a região conhecida hoje como Pampas do Chaco Central. Durante o século XVI, os Qom habitaram grande parte do que hoje é o norte da Argentina, nas atuais províncias

de Salta , Chaco , Santiago del Estero , Formosa e na província de Gran Chaco no sudeste do Departamento de Tarija na Bolívia (que os Qom habitam desde o século XX). Atualmente, muitos Toba, devido a perseguições em suas regiões rurais ancestrais, vivem nos subúrbios de San Ramón de la Nueva Orán, Salta, Tartagal, Resistencia, Charata, Formosa, Rosario e Santa Fé e na Grande Buenos Aires.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006568

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; adereço

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há três palavras indecifráveis. No verso, endereçado para Paris, França. Indígena sem identificação de etnia ou maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006569

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas Botocudo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovens; artefatos; arco e flecha; caça; auricular

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Índios Botocudos, Estº Espº Santos e Minas Gerais (Brasil). F88”. “Botocudo” foi uma denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê (grupo não tupi), de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, cujos indivíduos, em sua maioria, usavam botoques labiais e auriculares. Também chamados Aimoré, eram

numerosos na época das primeiras incursões dos não-indígenas, distribuindo-se pelo sul da Bahia e região do vale do rio Doce, incluindo o norte do Espírito Santo e Minas Gerais. Ainda há grupos remanescentes, nas bacias dos Rios Mucuri e Pardo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006570

Proveniência: -

Autor: Marc Ferrez

Título: Indígena Kaiapó

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; adereço; arco e flecha

Descritor geográfico: Goiás, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte direita do cartão postal, há as seguintes informações: “Julia, eu continuo a passar bem, amanhã 28 deve chegar a Comp^a Gramática Portuguesa, e eu espero que venha alguém aqui continuar em grane actividade as obras para a grande avenida é um movimento que só visto. Rio, 2-6-904. Pra sempre amiga, Maricota”; ao lado e conto direitos: “Photographie: Marc Ferrez, 88, R. S. José”; “Chef Indien. Cayapó- Goyaz”. No verso, endereçada para Bourdeaux, França. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando

no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. Existem diferenças dialetais entre os vários grupos Kayapó decorrentes das cisões que originaram tais grupos, mas em todos eles a língua é uma característica de maior abrangência étnica, levando ao reconhecimento de que participam de uma cultura comum.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006571

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; arma

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Sertões do Brazil. Indios da Tribu Guaranys”; no canto esquerdo: “Série em cores Nº 105”. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembekuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém,

diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006573

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; adereço; bananeira

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Indígena sem identificação de etnia ou maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006575

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Yanomami

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; mãe; filho; trabalho; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal há as seguintes informações rasuradas e apagadas, não sendo possível a compreensão. Pelo fenótipo dos indígenas registrados e o layout do cartão postal ser semelhante ao anterior, pode-se afirmar que se tratam de indígenas Yanomami. No verso, constam as seguintes informações: “Querida Neize, saúde e felicidades para todos, mande notícias do nenê para o navio em Fortaleza. Abraços da mana Niza. 16-2-68. Neize G. Sena. Rua Conselheiro Nabuco, 261, Casa Amarela, Recife, Pernambuco”. Os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical

do Norte da Amazônia cujo contato com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Seu território cobre, aproximadamente, 192.000 km², situados em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela na região do interflúvio Orinoco - Amazonas (afluentes da margem direita do rio Branco e esquerda do rio Negro). Constituem um conjunto cultural e linguístico composto de, pelo menos, quatro subgrupos adjacentes que falam línguas da mesma família (Yanomae, Yanõmami, Sanima e Ninam).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006576

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Botocudo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; cabana; auricular

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “(4)Índios Botocudos, Estº Espº Santos e Minas Gerais (Brasil). Acampamento”. “Botocudo” foi uma denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê (grupo não tupi), de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, cujos indivíduos, em sua maioria, usavam botoques labiais e auriculares. Também

chamados Aimoré, eram numerosos na época das primeiras incursões dos não-indígenas, distribuindo-se pelo sul da Bahia e região do vale do rio Doce, incluindo o norte do Espírito Santo e Minas Gerais. Ainda há grupos remanescentes, nas bacias dos Rios Mucuri e Pardo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006577

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Yanomami

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; trabalho; raiz

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações (o etnônimo do povo indígena tem palavras rasuradas, não sendo possível compreender):
“14 – Indios UI—Á – Região Parima. Terr. Rio Branco” O povo Yanomami ocuparam a serra Parima, localizada no planalto das Guianas, na fronteira do Brasil com a Venezuela, e divisora de águas entre o alto Orinoco e os afluentes da margem direita do rio Branco. Portanto, entende-se que o povo registrado no cartão postal é o Yanomami. Os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do Norte da Amazônia cujo contato com a

sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Seu território cobre, aproximadamente, 192.000 km², situados em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela na região do interflúvio Orinoco - Amazonas (afluentes da margem direita do rio Branco e esquerda do rio Negro). Constituem um conjunto cultural e linguístico composto de, pelo menos, quatro subgrupos adjacentes que falam línguas da mesma família (Yanomae, Yanõmami, Sanima e Ninam).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006578

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Karajá pescando

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rio; pesca; canoa; tartaruga

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a etnia do indígena registrado. Detalhe para o que o homem carrega no registro: uma tartaruga. No verso, em francês, há as seguintes informações: “O Araguaia: um pescador de tartaruga”. Pelo fenótipo dos indígenas registrados, o local e o layout do cartão postal ser semelhante ao anterior, pode-se afirmar que se tratam de indígenas Karajá. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria

língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006580

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rio; utensílios; artefatos; armas

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte superior do cartão postal, há as seguintes informações: “Mission Dominicaine du Brésil”; na parte inferior: “um Voyage sur l’Araguaya. – Un Villa Caraja”. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-

Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006581

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Bororo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; criança; cesto; palha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso do cartão postal, em francês, há as seguintes informações: “Um cesteriro trabalhando entre os Bororos”; endereçado a Paris, França. Os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a

oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi. Destaca-se, no registro, a presença de uma assistente negra, ex-escrava.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006583

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Karajá pescando pirarucu

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rio; pesca; peixe; pirarucu

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso do cartão postal, em francês, há as seguintes informações: “Missão Dominicana do Brasil. Um peixe do Araguaia: o pirarucu. Pelo fenótipo dos indígenas registrados, o local e o layout do cartão postal ser semelhante ao anterior, pode-se afirmar que se tratam de indígenas Karajá. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação

original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006584

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; casa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte superior e lado superior direito do cartão postal, há as seguintes informações: “Santos. Indios nos Arredores. Serie em preto Nº 134”. No verso, escritos em francês. Não há informações sobre a etnia do povo indígena, mas pelo fenótipo dos indígenas registrados e o layout do cartão postal código JB_006585, pode-se afirmar que se tratam de indígenas Guarani. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Montes, Baticola, Apyteré, Tembkuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006585

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; casa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Índios Guarany do Aldeamento do Rio Pariri. Cliché R. Krone, Iguape”. Também há informações em francês na frete e no verso do cartão postal, endereçado para Marseille, França. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Montesés, Baticola, Apyteré, Tembokuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre

si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006587

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Tabajara

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; adereço; arco e flecha; cocar

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No verso do cartão postal, há as seguintes informações: “Índio Tabajara de Pernambuco”. O povo Tabajara, de origem do tronco tupi, habitava o litoral do Brasil no trecho entre a Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, e a foz do rio Paraíba, no estado da Paraíba, além de territórios em Piripiri e em Lagoa de São Francisco, no Piauí. Antes da migração para o litoral centro-sul paraibano, seu território estendia-se das proximidades da Ilha de Itamaracá, no litoral

pernambucano, até o agreste, no vale do rio Pajeú. Foram os primeiros nativos dessa região do Nordeste Oriental a entrar em contato com os colonizadores portugueses. Atualmente, os Tabajara se localizam em diversas localidades dos estados da Paraíba, Ceará e Piauí.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006588

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; casa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “X Indio - Guarany. Cliché R. Krone, Iguape”; além da assinatura “Chales”. No verso, endereçado para França. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembikuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas,

porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006589

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ilustração de indígena

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rio; cachoeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Nas bordas do cartão postal, há as seguintes informações: “Sertões do Brazil. Bazil. Cacheira Monguagua”. Não há informações sobre a etnia do indígena registrado. No verso: “Desejo que este postal encontre todos os seus gozando de saúde. Eu estou bastante triste porque as meninas vai para o Recife para semana. Uns beijinhos nos meninos. Aceita um beijo da sua Marietta. A gentil senhorita Maria Jose Barreto. Fazenda Agua Branca. Nazareth. 1924”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006590

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; arco e flecha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a etnia ou localização do indígena registrado. Na frente do cartão postal há informações em francês. No verso, endereçado para Paris, França; três selos de 23, 24 e 28 de 1902.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006591

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; adereço

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior cartão postal, há as seguintes informações: “Santos. Indio”. Não há informações sobre a etnia do indígena registrado. No verso, escritos em francês e endereçado para a França.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006592

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “VIII. India - Guarany. Cliché R. Krone, Iguape”. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembikuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de

praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006593

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Karajá

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rio; embarcação; transporte; canoa

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “17 Ilha do Bananal – Brasil – Índios Carajás saindo para a pesa – Foto Postal Colombo”. Ni verso: “Esses índios são civilizados, não se esqueça. Abraço”. A Ilha do Bananal é a maior ilha genuinamente fluvial do mundo, com cerca de vinte mil quilômetros quadrados de área, cercada pelos rios Araguaia e Javaés. Reserva ambiental brasileira desde 1959,[4] é considerada Reserva da Biosfera pela UNESCO desde 1993, sendo também uma das zonas úmidas de importância internacional, classificadas pela Convenção de Ramsar. A ilha localiza-

se no estado brasileiro do Tocantins, estando subdividida entre os municípios de Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão e Pium. Já os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006594

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas e não-indígena

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; criança; trabalho

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações no cartão postal. Indígenas sem identificação da etnia ou outras informações, assim como sobre o não-indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006595

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas Botocudo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovens; artefatos; arco e flecha; caça; auricular

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “(19)Indios Botocudos, Estº Espº Santos e Minas Gerais (Brasil)”. “Botocudo” foi uma denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê (grupo não tupi), de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, cujos indivíduos, em sua maioria, usavam botoques labiais e auriculares. Também chamados Aimoré, eram

numerosos na época das primeiras incursões dos não-indígenas, distribuindo-se pelo sul da Bahia e região do vale do rio Doce, incluindo o norte do Espírito Santo e Minas Gerais. Ainda há grupos remanescentes, nas bacias dos Rios Mucuri e Pardo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006596

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; casa; montanha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Nas bordas do cartão postal, há as seguintes informações: “Rancho dos índios no Porto dos Reis. Lembrança de Santos. J. Bidschoysky, Photo., Santos”. Indígenas sem identificação da etnia ou outras informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006597

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Botocudo

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; cabana; auricular

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações no cartão postal, mas, pode-se afirmar que se tratam de indígenas Botocudo, por semelhanças com outros cartões postais analisados nesta coleção. “Botocudo” foi uma denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê (grupo não tupi), de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, cujos indivíduos, em sua maioria, usavam botoques labiais e

auriculares. Também chamados Aimoré, eram numerosos na época das primeiras incursões dos não-indígenas, distribuindo-se pelo sul da Bahia e região do vale do rio Doce, incluindo o norte do Espírito Santo e Minas Gerais. Ainda há grupos remanescentes, nas bacias dos Rios Mucuri e Pardo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006598

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena Macuxi

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; adereço; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: Roraima, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Rio Branco. Indio Macuchi”, além de escritos em francês, na borda direita e inferior. No verso, está endereçado para Bourdeaux, Frabça. Habitantes de uma região de fronteira entre Brasil, Guiana e Venezuela, o território macuxi em área brasileira hoje está recortado em três grandes blocos territoriais: a TI Raposa Serra do Sol, a TI São Marcos, ambas concentrando a grande maioria da população, e pequenas áreas que circunscrevem aldeias isoladas no extremo noroeste do território macuxi, nos vales dos rios Uraricoera, Amajari e Cauamé. s Macuxi,

povo de filiação lingüística Karíb, habitam a região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, território atualmente partilhado entre o Brasil e a Guiana. A designação macuxi contrasta com as dos povos vizinhos – os Taurepang, os Arekuna e os Kamarakoto – também falantes de língua pertencente à família Karíb e muito próximos, social e culturalmente, dos Macuxi. Tomados em conjunto, formam uma unidade étnica mais abrangente, os Pemon, termo que, por sua vez, se contrapõe a Kapon, designação que engloba os Arakaio – conhecidos em área brasileira pela designação Ingarikó – e os Patamona, seus vizinhos ao norte e nordeste, respectivamente. O conjunto dessas designações étnicas e os diversos níveis contrastivos formam um sistema de identidades que, entre os povos guianenses, singulariza esses grupos da área circum-Roraima.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006599

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; mãe, filho

Descritor geográfico: Praia, São Paulo, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Nº 10. Santos. Índia na Praia Grande”. Praia Grande é um município na Região Metropolitana da Baixada Santista, litoral sul do estado brasileiro de São Paulo. Por isso, pode-se afirmar que o registro trata de indígenas Guarani. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembkuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente

em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006600

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia P&P, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança

Descritor geográfico: Ithaem, São Paulo, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte superior do cartão postal, há as seguintes informações: “109 Santos, Indias da Conceição de Ithaem”, além de escritos em francês. No verso, endereçado para a França. Conceição de Ithaem foi uma capitania do município de São Paulo, fruto de acirrada pendência entre os herdeiros de Martim Afonso de Souza e seu irmão Pêro Lopes de Souza, sendo criada em 6 de fevereiro de 1624. Por isso, pode-se afirmar que o registro trata de indígenas Guarani. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembokuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação

é Avá, que significa, em Guaraní, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006601

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Guarani

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; não-indígena; adereço; arma; arco e flecha

Descritor geográfico: -

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Na parte inferior do cartão postal, há as seguintes informações: “Índios da Tribu dos Guaranys. Sertões do Brazil”. No verso, endereçado para França. Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembekuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa”. Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e se diferencia internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no

modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do não indígena, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Cartão Postal

Fundo / Coleção: JB

Código: JB_006602

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígenas

Técnica: Fotografia collor, papel

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; casa; montanha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Nas bordas do cartão postal, há as seguintes informações: “Rancho dos índios no Porto dos Reis. Lembrança de Santos. J. Bidschoysky, Photo., Santos”; além de uma assinatura. Indígenas sem identificação da etnia ou outras informações. No verso, endereçado para Paris, França.

COLEÇÃO FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - FUNDAJ

Localização nos negativos: “Caixa – 1983 / Peças Indígenas - Museu do Estado”

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Potes indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água. Um dos potes registrados representa uma figura zoomorfa de felino.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Pote indígena em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água. O registrado representa uma figura zoomorfa de felino.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Pote indígena em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água. O registrado representa uma figura zoomorfa de felino.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Taças-chocalho indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; musical

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Taças-chocalho indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; musical

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, taça-chocalho é um instrumento de percussão que se constitui num tipo de chocalho em recipiente, de cerâmica, em forma de taça, com pedestal no qual se alojam bolinhas de barro, que se entrechocam quando a peça se movimenta, produzindo som.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracá indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; musical

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são

acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Potes indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água. Um dos potes registrados representa uma figura zoomorfa de felino.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Potes indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água. Um dos potes registrados representa uma figura zoomorfa de felino.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Potes indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Potes indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; cerâmica; doméstico; zoomorfo

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pode é uma vasilha de cerâmica, de bocal largo e de tamanho avantajado, usada para carregar e armazenar água.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Trompete transverso indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, trompete transversal é um instrumento de sopro construído com uma única peça que pode ser tubular, reta ou curva, cuja abertura de soprar situa-se na parte lateral do tubo, sendo por isso tocado transversalmente com os lábios em vibração, podendo, ou não, ter caixa acústica acoplada à extremidade distal do tubo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Trompete transversal indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, trompete transverso é um instrumento de sopro construído com uma única peça que pode ser tubular, reta ou curva, cuja abertura de soprar situa-se na parte lateral do tubo, sendo por isso tocado transversalmente com os lábios em vibração, podendo, ou não, ter caixa acústica acoplada à extremidade distal do tubo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Tambor indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; música; instrumento

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, tambor é um instrumento de percussão cujo som obtém-se por sobre qualquer parte de um corpo oco e ressonante, ou sobre uma membrana estendida sobre o corpo, quando percutidas. O tambor registrado é de pele.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Tambor indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; música; instrumento

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, tambor é um instrumento de percussão cujo som obtém-se por sobre qualquer parte de um corpo oco e ressonante, ou sobre uma membrana estendida sobre o corpo, quando percutidas. O tambor registrado é de pele.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Touca indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; adorno; tecelagem; ritual

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, touca é uma peça de indumentária ritual que cobre a cabeça, manufaturado segundo técnicas da tecelagem. Pode ser um acessório ritual, adorno corporal ou equipamento mágico-ritual.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Braçadeira de cordões indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; adorno; corporal; bíceps

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, braçadeira de cordões é um adorno corporal que se constitui num conjunto de cordões, manufaturado segundo a técnica de crochê ou passamanaria, às vezes provido de borlas ou franjas, usado na altura do bíceps, como braçadeira.

Localização nos negativos: Caixa Nº 2 – 1989 / Cestos indígenas vindos de Manaus

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Cesto indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 14/10/1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena originam-se os potes registrados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc.

Localização nos negativos: Caixa Nº 2 – 1989 / Exposição Indígena e Palestra

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Escultura de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; madeira; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de representação em escultura na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Escultura de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; madeira; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de representação em escultura na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; cesto; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição de objetos indígenas na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; cesto; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição de objetos indígenas na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; cesto; palha

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição de objetos indígenas na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Escultura de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; madeira; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de representação em escultura na Fundaj.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenhos de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; pintura; criança

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1989

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Exposição indígena de desenhos feitos por crianças na Fundaj. Sem maiores informações.

Localização nos negativos: Exposições 1984 – Exposição Indígena na Academia Pernambucana de Letras

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato; mulher

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Inauguração; artefato; arte; indígena; mulher; homem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Inauguração; artefato; arte; indígena; mulher; homem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Inauguração; artefato; arte; indígena; mulher; homem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos plumários indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; artesanato; pena; ave

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Painéis e objetos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Exposição; arte; parede; artesanato

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Inauguração; artefato; arte; indígena; mulher; homem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Inauguração; artefato; arte; indígena; mulher; homem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma exposição de uma artista indígena do estado de Roraima, na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte; cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia. No registro, a mulher segura um cesto paneiriforme, que Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte; cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia. No registro, a mulher segura um cesto paneiriforme, que Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte; cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia. No registro, a mulher segura um cesto paneiriforme, que Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor:

Título: Artista indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; arte; cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo os metadados, se trata de uma artista indígena do estado de Roraima, responsável pelos artefatos expostos na Academia Pernambucana de Letras, em 1984. Sem informações da etnia. No registro, a mulher segura um cesto paneiriforme, que Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga.

Localização nos negativos: Abertura da Exposição Noel Nutels - 1983

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor:

Título: Esculturas Karajá e caricatura de Noel Nutels

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; argila; escultura; culto; zoomorfismo; exposição; desenho

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, as esculturas temáticas-figurativas Karajá são modeladas em argila, constituídas de figuras-representação de temas como atividades de subsistência (femininas e masculinas), transporte, vida familiar, vida ritual, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, extra-humano), ou figura zoomorfa. No registro, de esculturas representativas da figura zoomorfa de aves. Os Karajá são habitantes seculares das

margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos indígenas em cerâmica

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objeto; argila; escultura; exposição

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artefatos de indígenas não identificados na exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983. Os objetos foram confeccionados em cerâmica.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos indígenas e caricatura

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; argila; escultura; exposição

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artefatos de indígenas não identificados e caricatura na exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestaria indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; fibra; exposição

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Cestaria indígena não identificado na exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983. Os objetos foram confeccionados em cerâmica. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, cestaria é um conjunto de objetos (cestos-recipientes, cestos-cargueiros, cestos-coadores, esteiras, bolsas, chapéus, berços etc.) manufaturados com elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, entretecidos ou ajuntados manualmente, sem moldura ou tear.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Bonecas Karajá e outras cerâmicas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; feminina; argila; escultura; culto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de esculturas modeladas em argila, representativas da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica; outras cerâmicas estão presentes, mas não foram identificadas. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás,

Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; adulto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Criança; menina; escola

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; adulto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; adulto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; adulto

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Noel Nutels dando autografo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; criança; exposição

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Criança na exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Jovem; braço

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor:

Título: Apresentação da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; cocar; indígena

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor:

Título: Vernissage da exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/03/1983

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Abertura da exposição de Noel Nutels, em 03 de março de 1983.

Localização nos negativos: Caixa – 1984 / Instrumentos Indígenas 23-11-1984

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objeto; colar; pente; diadema; pingente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Os dois artefatos registrados podem ser: o maior, colar-pente ou diadema rotiforme vertical; o menor, um pingente dorsal trançado ou colar de pingentes. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o colar-pente é um adorno corporal usado no pescoço, cuja característica ornamental predominante são pequenos pentes pendentes sobre o colo; o diadema rotiforme vertical é um

adorno corporal usado na altura do vértex, com as penas ornamentais irradiantes intercaladas num suporte de taquara semicircular, muitas vezes combinado com o diadema horizontal, ou com o diadema transversal. Pingente dorsal trançado é um adorno corporal infantil que se constitui numa pequena esteira retangular, manufaturado segundo a técnica do trançado sarjado e bordado, provido ou não de ornato plumário, usado pendente sobre a nuca; já colar de pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objeto; colar; pente; diadema; pingente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Os dois artefatos registrados podem ser um colar-pente ou diadema rotiforme vertical. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, o colar-pente é um adorno corporal usado no pescoço, cuja característica ornamental predominante são pequenos pentes pendentes sobre o colo; o diadema rotiforme vertical é um adorno corporal usado na altura do vértex, com as penas ornamentais irradiantes intercaladas num suporte de taquara semicircular, muitas vezes combinado com o diadema horizontal, ou com o diadema transversal.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Panelas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; doméstico

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, panela é um recipiente doméstico manufaturado com argila, largo e fundo, provido ou não de tampa, de forma e tamanho variados, usado no preparo e no uso de alimentos e bebidas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Panelas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; doméstico

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, panela é um recipiente doméstico manufaturado com argila, largo e fundo, provido ou não de tampa, de forma e tamanho variados, usado no preparo e no uso de alimentos e bebidas.

Localização nos negativos: Caixa – 1984 / Instrumentos musicais indígenas (P/Madureira) 18-11-1983

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor:

Título: Búzio Fulni-ô no Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; sagrado; toré; ritual; música; instrumento

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 18/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas:

Notas: No registro, detalhe para os dois búzios, instrumentos de sopro. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor:

Título: Búzio Fulni-ô no Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; sagrado; toré; ritual; música; instrumento

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 18/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas:

Notas: No registro, detalhe para o búzio, instrumento de sopro. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-

ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Localização nos negativos: Caixa – 1984 / Instrumentos Musicais Indígenas (P/Madureira) 23-11-1984

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Apitos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Apitos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Flautas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Possivelmente, registro de flautas. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracá indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; cabaça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Reco-reco

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, reco-reco é um instrumento de percussão manufaturado com madeira maciça ou oca com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras, pelas quais um bastão de madeira é esfregado para produzir som.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor:

Título: Apitos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor:

Título: Apitos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000033

Proveniência: -

Autor:

Título: Apito

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000034

Proveniência: -

Autor:

Título: Apito

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000035

Proveniência: -

Autor:

Título: Apito

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, apito é um instrumento de sopro que se constitui num tipo de flauta, sem aeroduto, que produz um único som, provida ou não de orifícios, usada como sinalizador na intercomunicação pessoal ou para imitar ou atrair animais, feito de matéria-prima vegetal ou modelado em cerâmica, muitas vezes constituindo-se em pingente de cola.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000036

Proveniência: -

Autor:

Título: Flautas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Possivelmente, registro de flautas. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000038

Proveniência: -

Autor:

Título: Reco-reco

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, reco-reco é um instrumento de percussão manufaturado com madeira maciça ou oca com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras, pelas quais um bastão de madeira é esfregado para produzir som.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000039

Proveniência: -

Autor:

Título: Reco-reco

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, reco-reco é um instrumento de percussão manufaturado com madeira maciça ou oca com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras, pelas quais um bastão de madeira é esfregado para produzir som.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000040

Proveniência: -

Autor:

Título: Flauta

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Possivelmente, registro de flautas. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000041

Proveniência: -

Autor:

Título: Flautas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Possivelmente, registro de flautas. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000042

Proveniência: -

Autor:

Título: Flautas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; sopro

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia o artefato pertence. Possivelmente, registro de flautas. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000043

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracá indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; cabaça; cerâmica; musical

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o pote registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são

acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000062

Proveniência: -

Autor:

Título: Reco-reco

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 23/11/1984

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações sobre a qual etnia os artefatos pertencem. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, reco-reco é um instrumento de percussão manufaturado com madeira maciça ou oca com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras, pelas quais um bastão de madeira é esfregado para produzir som.

Localização nos negativos: Museu, Peças E Fachadas – 1979/1998 - Instrumentos Musicais Indígenas e Bonecos de Vitalino

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos musicais

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Possivelmente, as flautas e o maracá são de etnia alguma etnia indígena não localizada. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.); já maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente

fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos em exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Possivelmente, as flautas e o maracá são de etnia alguma etnia indígena não localizada. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.); já maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente

fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Objetos em exposição

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; madeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Possivelmente, as flautas e o maracá são de etnia alguma etnia indígena não localizada. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, flauta é um instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.); já maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente

fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestaria e máscara indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; transporte; ritual; encantado; sagrado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Cestaria e máscara indígenas de etnia(s) desconhecida(s). Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cestaria é um conjunto de objetos (cestos-recipientes, cestos-cargueiros, cestos-coadores, esteiras, bolsas, chapéus, berços etc.) manufaturados com elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, entretecidos ou ajuntados manualmente, sem moldura ou tear; já máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que

personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestaria indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; transporte

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Cestaria e máscara indígenas de etnia(s) desconhecida(s). Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cestaria é um conjunto de objetos (cestos-recipientes, cestos-cargueiros, cestos-coadores, esteiras, bolsas, chapéus, berços etc.) manufaturados com elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, entretecidos ou ajuntados manualmente, sem moldura ou tear.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; transporte

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artesanato; utensílio; transporte

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; ritual

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o maracá registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá (que está entre os outros objetos no registro), também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracá

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Música; instrumento; ritual

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o maracá registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá (que está entre os outros objetos no registro), também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Localização nos negativos: Museu, Peças e Fachadas – 1979/1998 – Peças Museu Indígena

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Arco e flechas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Caça; arma; utensílio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se os artefatos registrados.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Moringa indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; recipiente; vasilha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o artefato registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, moringa é uma vasilha de cerâmica com um ou dois gargalos ladeando a alça, usada para guardar líquidos, às vezes zoomorfa.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Moringa indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; recipiente; vasilha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o artefato registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, moringa é uma vasilha de cerâmica com um ou dois gargalos ladeando a alça, usada para guardar líquidos, às vezes zoomorfa.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Moringa indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; recipiente; vasilha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o artefato registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, moringa é uma vasilha de cerâmica com um ou dois gargalos ladeando a alça, usada para guardar líquidos, às vezes zoomorfa.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Moringa indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Argila; cerâmica; recipiente; vasilha

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Século XX

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há identificação sobre qual povo indígena origina-se o artefato registrado. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, moringa é uma vasilha de cerâmica com um ou dois gargalos ladeando a alça, usada para guardar líquidos, às vezes zoomorfa.

Localização nos negativos: Caixa 1982 – Abertura da Exposição Sobre o Índio / 07-04-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Fotografias e diademas Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; plumária; cabeça; imagem. exposição

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fotografias e diademas horizontais indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, o diadema horizontal é um adorno corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou

“povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor:

Título: Fotografias e objetos Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; imagem; exposição

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fotografias e objetos indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando

então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Cestaria e maracás Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; música; ritual; utensílio

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Cestaria e maracás indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, cestaria é um conjunto de objetos (cestos-recipientes, cestos-cargueiros, cestos-coadores, esteiras, bolsas, chapéus, berços etc.) manufaturados com elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, entretecidos ou ajuntados manualmente, sem moldura ou tear; já maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui

forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; música; ritual; utensílio

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artefatos indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. No registro, há colares, plumarias e maracás Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós,

atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Fotografias e painéis Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; imagem

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fotografias e painéis indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas,

situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Reprodução de moradia indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; casa; utensílio; banco; rede, cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Reprodução de moradia indígena em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. No registro, material Fulni-ô. Entre os artefatos, há presença de rede, cesto, bando, esteireira, moradia, arco e flecha etc. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do

grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Artefatos Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; música; ritual; utensílio

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artefatos indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. No registro, há colares, plumarias, maracás, entre outros objetos Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como

Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Maracás Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; música; ritual

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Maracás indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que,

em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Diademas Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; plumária; cabeça

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Diademas verticais e horizontais indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o diadema rotiforme vertical é um adorno corporal usado na altura do vértex, com as penas ornamentais irradiantes intercaladas num suporte de taquara semicircular, muitas vezes combinado com o diadema horizontal, ou com o diadema transversal; já o diadema horizontal é um adorno corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema

rotiforme vertical e o diadema transversal. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Fotografias e objetos Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; imagem; exposição

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fotografias e objetos indígenas em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas,

situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Reprodução de moradia indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; casa; utensílio; banco; rede, cesto

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Reprodução de moradia indígena em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Entre os artefatos, há presença de rede, cesto, bando, esteira, moradia, arco e flecha, chapéu etc. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que

até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Reprodução de moradia indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; casa; utensílio; mulher

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Reprodução de moradia indígena em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas,

situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Reprodução de moradia indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Artefato; exposição; casa; utensílio; homem; mulher

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Reprodução de moradia indígena em exposição, na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas,

situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Abertura da exposição Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Lançamento; público

Descritor geográfico: Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: 07-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Lançamento da exposição na Galeria Massangana, Fundaj de Casa Forte. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Localização nos negativos: Caixa 1982 – Rep. Indígena. Para Regina / 01-04-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; homem; máscara; ritual; sagrado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa dois indígenas de etnia não identificada. Um homem portando arco, flecha e maracá; o outro, vestido com uma máscara ritualística. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia,

ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.); já a máscara é um indumentária de dança que se constitui num disfarce usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, constituído de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; homem; arco e flecha; maracá

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa um indígena, portando arco, flecha e maracá, de etnia não identificada. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena com máscara

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; ritual; sagrado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa um indígena vestido com máscara ritualística. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a máscara é uma indumentária de dança que se constitui num disfarce usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, constituído de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena com coroa

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; adorno; cabeça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa um indígena com uma coroa, de etnia não identificada. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, a coroa é um acessório ornamental corporal destinado à cabeça, manufaturado com matéria-prima animal, vegetal, mineral ou industrializada.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena com coroa

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; adorno; cabeça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa um indígena com uma coroa, de etnia não identificada. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, a coroa é um acessório ornamental corporal destinado à cabeça, manufaturado com matéria-prima animal, vegetal, mineral ou industrializada.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de coroa radial

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Representação; adorno; cabeça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa um indígena com uma coroa (conhecida também como “cocar”), de etnia não identificada. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, a coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e feiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da feira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena Kalapalo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; coroa; cocar; adorno; cabeça

Descritor geográfico: Moto Grosso, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um indígena homem com uma coroa horizontal tucanape (conhecida também como “cocar”) que aparenta pertencer ao povo Kalapalo. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, a coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e fieiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da fieira. Atualmente, os Kalapalo vivem em oito aldeias Aiha (que significa algo "acabado", "pronto"), Tanguro,

Agata, Caramujo, Kunue, Lago Azul e Kaluane todas no Rio Kuluene e seus afluentes e na aldeia Tupeku, no limite sudeste do Parque. Além dessas aldeias, alguns Kalapalo vivem na Coordenação Técnica Local Kuluene da Funai (CTL). O CTL Tanguro localiza-se nas margens do rio de mesmo nome, no limite do Parque, e o PIV Kuluene nas margens desse rio, também no limite. Os Kalapalo e três outros grupos do Alto Xingu – Kuikuro, Matipu e Nahukuá – falam dialetos de uma língua que pertence ao ramo da Guiana Meridional da família lingüística Karib. Seus parentes lingüísticos mais próximos são os Ye'cuana (ou Makiritare) e os Hixkaryana. Os primeiros encontram-se no sul da Venezuela e no norte de Roraima, enquanto os últimos estão na região das Guianas que fica no norte do Pará.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena Kalapalo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; colar; pintura

Descritor geográfico: Moto Grosso, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um indígena homem que apresenta adornos que parecem pertencer ao povo Kalapalo. Atualmente, os Kalapalo vivem em oito aldeias Aiha (que significa algo "acabado", "pronto"), Tanguro, Agata, Caramujo, Kunue, Lago Azul e Kaluane todas no Rio Kuluene e seus afluentes e na aldeia Tupeku, no limite sudeste do Parque. Além dessas aldeias, alguns Kalapalo vivem na Coordenação Técnica Local Kuluene da Funai (CTL). O CTL Tanguro localiza-se nas margens do rio de mesmo nome, no limite do Parque, e o PIV Kuluene nas margens desse rio, também no limite. Os Kalapalo e três outros grupos do

Alto Xingu – Kuikuro, Matipu e Nahukuá – falam dialetos de uma língua que pertence ao ramo da Guiana Meridional da família lingüística Karib. Seus parentes lingüísticos mais próximos são os Ye'cuana (ou Makiritare) e os Hixkaryana. Os primeiros encontram-se no sul da Venezuela e no norte de Roraima, enquanto os últimos estão na região das Guianas que fica no norte do Pará.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor:

Título: Mulheres indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; trabalho; mandioca

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra mulheres indígenas raspando mandioca para o preparo de alimento. Não é possível identificar a etnia que pertencem.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor:

Título: Criança indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Criança; milho

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra uma criança indígena segurando espigas de milho. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor:

Título: Criança indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Criança; milho

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra uma criança indígena segurando espigas de milho. Não é possível identificar a etnia que pertence. Obs: se trata do mesmo negativo anterior, de código 000010.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor:

Título: Mulheres indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; trabalho; mandioca

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra mulheres indígenas raspando mandioca para o preparo de alimento. Não é possível identificar a etnia que pertencem. Obs: se trata do mesmo negativo anterior, de código 000008.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor:

Título: Mapa de ocupação indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Povo; população; ocupação; Brasi; território

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um mapa do território brasileiro relativo à ocupação histórica dos povos indígenas. A qualidade do registro não permite compreender as informações que constam.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; pente; pigente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal e pente de uma haste singelo. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; já pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; pente; pingente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal e pente de uma haste singelo. Segundo o "Tesouro de cultura material dos índios no Brasil", pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; já pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado. Obs: se trata do mesmo negativo anterior, de código 000014.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor:

Título: Mãe e filho indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; mãe; criança; filho

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mãe e filho indígenas, sem etnia identificada, com pente de uma haste singelo no cabelo e tipoia para segurar a criança. Segundo o "Tesauro de cultura material dos índios no Brasil", colar de pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo; já tipoia é uma faixa usada a tiracolo, manufaturada segundo técnicas de tecelagem (entretorcido e entretecido), comumente utilizada para transportar crianças, e, ainda, no transporte de carga leve ou para adorno corporal.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; pente; pingente; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, pente de uma haste singelo e bracelete. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras

transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado; braçadeira é um adorno corporal trançado ou tecido, muitas vezes ornamentado com produtos naturais (sementes, plumas etc.) ou industrializados (miçanga), e provido de borlas e/ ou franjas, usado na altura do bíceps.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; pente; pingente; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, pente de uma haste singelo e bracelete. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras

transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado; braçadeira é um adorno corporal trançado ou tecido, muitas vezes ornamentado com produtos naturais (sementes, plumas etc.) ou industrializados (miçanga), e provido de borlas e/ ou franjas, usado na altura do bíceps.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; pingente; lábio; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, braçadeira, coroa e botoque botão. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, botoque botão é um adorno labial que se constitui num tipo de botoque, provido ou não de vareta e de pingentes plumários, em forma arredondada e com urna das extremidades salientes que obstrui o orifício do lábio inferior.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; pingente; lábio; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, braçadeira, coroa e botoque botão. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, botoque botão é um adorno labial que se constitui num tipo de botoque, provido ou não de vareta e de pingentes plumários, em forma arredondada e com urna das extremidades salientes que obstrui o orifício do lábio inferior.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; pingente; lábio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal e botoque botão. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; já botoque botão é um adorno labial que se constitui num tipo de botoque, provido ou não de vareta e de pingentes plumários, em forma arredondada e com urna das extremidades salientes que obstrui o orifício do lábio inferior.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; pingente; lábio

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de indígenas, sem etnia identificada, com pingente dorsal, botoque botão, braçadeira e coroa. Os desenhos são os de código 000018, 000019 e 000020.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de diademas indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; cabeça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Desenhos de diademas horizontais indígenas não identificados. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, diadema horizontal é um adorno corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; coroa; cabeça

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de duas mulheres indígenas, sem etnia identificada, com pingente dorsal, pente de uma haste singelo, braçadeira e saia. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado; já braçadeira de cordões é um adorno corporal que se constitui num

conjunto de cordões, manufaturado segundo a técnica de crochê ou passamanaria, às vezes provido de borlas ou franjas, usado na altura do bíceps, como braçadeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor:

Título: Máscaras indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Adorno; ritual; sagrado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O desenho representa máscaras-capacete indígenas sem identificação de etnia. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, máscara-capacete é uma indumentária ritual de dança, cuja parte correspondente à cabeça ("cara") é um capacete circular trançado.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor:

Título: Mulher indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; trabalho; mandioca

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra mulher indígena raspando mandioca para o preparo de alimento. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor:

Título: Homem indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; caça; animal

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homem indígena tratando caça animal (aparentemente um veado). Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena kayapó pescando

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; caça; animal

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homem indígena pescando bagre. Pelo batoque, adorno labial introduzido num orifício artificial do lábio inferior, que reduz o beijo ao papel de cercadura, geralmente feito de madeira, o indígena pertence a etnia Kayapó. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado

sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor:

Título: Moradia coletiva indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Casa; oca

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Grande moradia coletiva indígena, sem identificação de localização ou etnia.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor:

Título: Mulher indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; coroa; colar

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra mulher indígena. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena Kalapalo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; botoque; coroa; rede

Descritor geográfico: Mato Grosso, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um indígena homem que apresenta adornos que parecem pertencer ao povo Kalapalo, como o botoque botão e coroa horizontal tucanape (conhecida também como “cocar”). Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; já botoque botão é um adorno labial que se constitui num tipo de botoque, provido ou não de vareta e de pingentes plumários, em forma arredondada e com urna das extremidades salientes que obstrui o orifício

do lábio inferior; a coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e feiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da feira. Atualmente, os Kalapalo vivem em oito aldeias Aiha (que significa algo "acabado", "pronto"), Tanguro, Agata, Caramujo, Kunue, Lago Azul e Kaluane todas no Rio Kuluene e seus afluentes e na aldeia Tupeku, no limite sudeste do Parque. Além dessas aldeias, alguns Kalapalo vivem na Coordenação Técnica Local Kuluene da Funai (CTL). O CTL Tanguro localiza-se nas margens do rio de mesmo nome, no limite do Parque, e o PIV Kuluene nas margens desse rio, também no limite. Os Kalapalo e três outros grupos do Alto Xingu – Kuikuro, Matipu e Nahukuá – falam dialetos de uma língua que pertence ao ramo da Guiana Meridional da família lingüística Karib. Seus parentes lingüísticos mais próximos são os Ye'cuana (ou Makiritare) e os Hixkaryana. Os primeiros encontram-se no sul da Venezuela e no norte de Roraima, enquanto os últimos estão na região das Guianas que fica no norte do Pará.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor:

Título: Homem indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rede; ancião

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homem indígena. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000033

Proveniência: -

Autor:

Título: Mulher indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; adorno; pingente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra uma mulher indígena, sem etnia identificada, portando um pingente dorsal. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000034

Proveniência: -

Autor:

Título: Homem indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; rede

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homem indígena usando colar-amuleto de dentes animais. Não é possível identificar a etnia que pertence. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, esse tipo de colar é um amuleto de uso pessoal ao qual são atribuídas virtudes mágicas, preservativas ou curativas, usado em volta do pescoço, como colar.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000035

Proveniência: -

Autor:

Título: Homens indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; caça; arma

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homens indígenas com armas para caça. Não é possível identificar a etnia que pertence. Na parte inferior da fotografia, há as seguintes informações: “Contemplando o ambiente em que vivem, os índios sedimentam a sua cultura e nutrem a imaginação de sonhos e fantasias”.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000036

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena pescando

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; peixe

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra indígena homem pescando. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000037

Proveniência: -

Autor:

Título: Homens indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; arma; moradia

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homens indígenas com armas em frente a moradia coletiva. Não é possível identificar a etnia que pertence.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000038

Proveniência: -

Autor:

Título: Indígena Marúbo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; jovem; cerâmica

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra a fotografia de uma jovem mulher indígena Marúbo. Na parte superior direita da fotografia, há as seguintes informações: “A habilidade e criatividade das artesãs concorrem para o prestígio social da tribo (Índia Marúbo)”. Os Marúbo vivem no alto curso dos rios Curuçá e Ituí, da bacia do Javari, na Terra Indígena Vale do Javari, junto com os Korubo, Mayá, Matis, Matsés, Kanamari, Kulina Pano, entre outros povos isolados. É uma região cheia de pequenas colinas, com cimos não raro ligados por cristas entre si, coberta pela floresta amazônica. Conhecidos por este nome, os Marúbo o aceitam,

embora não constitua uma auto-denominação, a qual não parece existir. Sua língua se inclui na família Pâno. O etnólogo Philippe Erikson, apoiado nas semelhanças linguísticas e culturais dos Marúbo com os Katukína-Pâno, Nukiní (Rêmo) e Poyanáwa, do Brasil, e ainda com os Kapanáwa, do Peru, classifica o conjunto de suas línguas como o ramo central da família Pâno.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000039

Proveniência: -

Autor:

Título: Grupo de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança; moradia; alimento

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um grupo de indígenas em frente a uma moradia coletiva. Crianças brincam enquanto um indígena homem observa mulheres indígenas preparando alimento. A etnia não foi identificada.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000040

Proveniência: -

Autor:

Título: Grupo de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; criança

Descritor geográfico: Amazonas, Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra um grupo de indígenas com instrumentos de caça. A etnia não foi identificada. Na parte inferior da fotografia, há as seguintes informações: "Os grupos indígenas se referem à existência de outras tribos".

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000041

Proveniência: -

Autor:

Título: Homens indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; jovem; caça; arma

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo registra homens indígenas com armas para caça. Não é possível identificar a etnia que pertence. Na parte inferior da fotografia, há as seguintes informações: “Contemplando o ambiente em que vivem, os índios sedimentam a sua cultura e nutrem a imaginação de sonhos e fantasias”. Obs: se trata do mesmo negativo de código 000035.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000042

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; diadema; pingente; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, diadema horizontal e bracelete. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; braçadeira é um adorno corporal trançado ou tecido, muitas vezes ornamentado com produtos naturais (sementes, plumas etc.) ou industrializados (miçanga), e provido de borlas e/ ou franjas, usado na altura do bíceps; diadema horizontal é um adorno corporal

usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000043

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; botoque; pingente; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, botoque botão com vareta e bracelete. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; braçadeira é um adorno corporal trançado ou tecido, muitas vezes ornamentado com produtos naturais (sementes, plumas etc.) ou industrializados (miçanga), e provido de borlas e/ ou franjas, usado na altura do bíceps; botoque botão com vareta é um adorno

labial que se constitui num tipo de botoque botão, cuja parte em forma de botão sustenta-se na parte interna do lábio inferior, e o segmento deste projeta-se, em forma de haste, para fora da boca.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000044

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Diadema; pingente; botoque

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com pingente dorsal, diadema horizontal e botoque. Segundo o "Tesouro de cultura material dos índios no Brasil", pingente dorsal é um adorno corporal que se constitui num pingente que, preso a um cordel ou a outro suporte, recai sobre o início da região dorsal; diadema horizontal é um adorno corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes

combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal; botoque é um adorno labial introduzido num orifício artificial do lábio inferior, que reduz o beijo ao papel de cercadura, geralmente feito de madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000045

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Coroa; colar; botoque; narigueira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de um indígena, sem etnia identificada, com colar-amuleto, coroa, botoque e narigueira. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, coroa é um adorno corporal que rodeia a cabeça, constituído da associação de um suporte rijo, geralmente trançado, aureolar, e de arranjos de matérias-primas variadas, inclusive plumas e penas, ou constituído somente de enfiadas de contas.; botoque é um adorno labial introduzido num orifício artificial do lábio inferior, que reduz o beijo ao papel de cercadura, geralmente feito de madeira; colar-amuleto é um adorno de uso

peçoal ao qual são atribuídas virtudes mágicas, preservativas ou curativas, usado em volta do pescoço, como colar; narigueira é um adorno facial que atravessa o septo nasal, algumas vezes repousando sobre o pavilhão da orelha.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000046

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; coroa; colar; botoque; narigueira; pingente

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho de uma mulher indígena, sem etnia identificada, com coroa, colar, botoque, narigueira, pingente e braçadeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000047

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Diadema; botoque; brinco; pingente; braçadeira

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho um indígena, sem etnia identificada, diadema rotiforme vertical, botoque, narigueira, pingente, braçadeira e lança.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000048

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Coroa; braçadeira; adorno

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho um indígena, sem etnia identificada, com uma espécie de coroa ou chapéu com cobertura vertical e nas costas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000049

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de máscara indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Ritual; sagrado; encantado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho uma máscara indígena, sem etnia identificada, cobrindo todo o corpo. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000050

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de máscara indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Ritual; sagrado; encantado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho uma máscara indígena, sem etnia identificada, cobrindo todo o corpo. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saio (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a

quase totalidade do corpo. No registro, se trata de uma máscara-escultura, uma indumentária ritual de dança que se caracteriza por ter a parte que reproduz a "cara" esculpida em madeira, ou com aplicações antropozoomorfas sobre ela, também esculpidas em madeira.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000051

Proveniência: -

Autor:

Título: Desenho de máscaras indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Ritual; sagrado; encantado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: 01-04-1982

Ano: -

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo representa o desenho duas máscaras indígenas, sem etnia identificada, cobrindo todo o corpo. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, máscara indígena é uma indumentária que é usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, que podem ser constituídas de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saio (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a

quase totalidade do corpo. No registro, uma delas se trata de máscara-escultura, indumentária ritual de dança que se caracteriza por ter a parte que reproduz a "cara" esculpida em madeira, ou com aplicações antropozoomorfas sobre ela, também esculpidas em madeira.

Localização nos negativos: Cx 1982 – Viagem a Águas Belas 1 / 21-03-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia

tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Frutos da palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Mulher Fulni-ô com palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Produtor: -

Notas: Artesão Fulni-ô confeccionando peça em palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Brasil

Descritor cronológico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Cestaria Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Utensílio; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, cestaria é um conjunto de objetos (cestos-recipientes, cestos-cargueiros, cestos-coadores, esteiras, bolsas, chapéus, berços etc.) manufaturados com elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, entretecidos ou ajuntados manualmente, sem moldura ou tear. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos

étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Palha de Ouricuri secando no sol, em Águas Belas. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de

forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Fulni-ô transportando palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Indígena Fulni-ô transportando palha do Ouricuri na aldeia sede. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígena Fulni-ô transportando palha do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Indígena Fulni-ô transportando palha do Ouricuri na aldeia sede. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor: -

Título: Igreja católica Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Igreja católica na praça da aldeia sede dos Fulni-ô. Grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Atualmente, há uma estátua da Santa nessa mesma praça, em frente à igreja. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais

tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000033

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Localização nos negativos: Cx 1982 – Viagem A Águas Belas 2 / 21-03-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Casas da aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Moradia; indígena; população

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como

Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Casas da aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Moradia; indígena; população

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Desenho em parede na aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; representação

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Casas da aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Moradia; indígena; população

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Farmácia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Medicação; remédio; medicina; indígena; população

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: A fotografia registra que na fachada há as seguintes informações: “Mini-farmácia Cacique Manoel Sarapo. Adm Paulo Tarso”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós,

atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Açude seco no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Água; seca; indígena; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palmeira Ouricuri no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo

anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem em árvore

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desconhecido; natureza

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Homem não identificado em árvores. Não há informações par afirmar que o registro é de um indígena Fulni-ô.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mata; pedra; arqueologia; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mata; pedra; arqueologia; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Gado em deslocamento

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Boi; vaca; animal; transporte

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não há informações do registro para afirmar que se trata de gado pertencente ao povo Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte bovino

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Boi; vaca; animal; deslocamento; criança; homem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Veículo de tração animal, com dois bois. No transporte, uma criança e um homem. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte bovino

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Boi; vaca; animal; deslocamento; criança; homem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Veículo de tração animal, com dois bois. No transporte, uma criança e um homem. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas de mãos em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas de mãos em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pintura em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: População transportando água

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Mulheres e crianças transportando água para consumo. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte animal

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Cavalo; deslocamento; criança; homem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Veículo (charrete) de tração animal, com um cavalo. Não há informações do registro para afirmar que pertence aos Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Cidade de Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Urbano; pessoas; ruas; calcamento

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O município de Águas Belas fica situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. Está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: População transportando água

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Mulheres e crianças transportando água para consumo. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: População transportando água

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Mulheres e crianças transportando água para consumo. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: População transportando água

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Mulheres e crianças transportando água para consumo. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de água por tração animal

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Animal; jumento; seca; homem

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Homens transportando água em veículo (charrete) com tração animal, realizada por jumentos. O registro foi feito na cidade de Águas Belas, município que fica situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. Está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Funcionários da Fundaj em Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; carro

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O registro foi feito na cidade de Águas Belas, município que fica situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. Está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de água por tração animal

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Animal; boi; seca

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Veículo (charrete) com tração animal, realizada por boi. O registro foi feito na cidade de Águas Belas, município que fica situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. Está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; praça; igreja; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Árvore; artesanato; palha; fibra; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Artesã Fulni-ô trabalhando a palha do Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma

clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Por isso, quanto à religiosidade, grande parte dos Fulni-ô se considera católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, apesar de manterem ritos religiosos secretos herdados de seus antepassados. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas rupestres em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor: -

Título: Regina Batista em Águas Belas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Funcionária; Fundaj; Museu do Homem do Nordeste; Mulher

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Regina Batista, funcionária da Fundaj, em Águas Belas. Não há informações no registro para afirmar que se trata do território Fulni-ô.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000033

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pintura rupestre no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pintura rupestre em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000034

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas rupestres em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000035

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas rupestres em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000036

Proveniência: -

Autor: -

Título: Pinturas rupestres no território Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Desenho; arqueologia; patrimônio; passado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pinturas rupestres em rocha no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000037

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000038

Proveniência: -

Autor: -

Título: Placa do Posto Indígena Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Funai; Delegacia; General Dantas Barreto

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Placa do Posto Indígena Fulni-ô, com as seguintes informações: “Fundação Nacional do Índio. 3ª Delegacia Regional. Posto Indígena Fulni-ô”. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós,

atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000039

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de homens

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Ancião; jovem; calçada; sentado; descanso

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Grupo de homens sentados em calçadas. Não há informações se são Fulni-ô, se estão na aldeia sede ou na parte da cidade de Águas Belas não-indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000040

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000041

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000042

Proveniência: -

Autor: -

Título: População transportando água

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Mulheres e crianças transportando água para consumo. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território.

Localização nos negativos: Cx 1982 – Viagem a Águas Belas 3 / 21-03-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como

Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Entrada da aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, uma placa informando que é proibida a entrada no território Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de gado na aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena; animal; cavalo; boi

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, vaqueiros transportando gado na aldeia sede Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica

do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Transporte de gado na aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena; cavalo; boi

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, vaqueiros transportando gado na aldeia sede Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica

do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Venda de umbu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; seca; sertão

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Pessoas vendendo a fruta umbu. Não há informações do registro para afirmar que se tratam indígenas Fulni-ô, nem que seja seu território. O umbuzeiro, *Spondias tuberosa*, tem como seu fruto o umbu. A palavra que lhe deu esse nome é o “ymbu”, de origem tupi-guarani, que significa “árvore que dá de beber”, uma referência a sua característica de armazenamento de água, especialmente da raiz, qualidade necessária para sobrevivência nos longos períodos de seca no seu habitat natural, a Caatinga. A planta pode alcançar sete metros, tem tronco curto e copa em forma de guarda-chuva.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia sede Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor: -

Título: Aldeia do Ouricuri

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Território; moradia; população; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Localização nos negativos: Cx 1982 – Viagem a Águas Belas 3 / 21-03-1982

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesanato Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: O negativo não possibilita analisar o registro que foi feito de algum artesanato Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o

nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; madeira

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como

Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; madeira

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; madeira

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; objeto; palha; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; palha; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O

município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; palha; trançado; ave

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona um diadema indígena. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, diadema indígena é um adorno corporal para a cabeça, no qual as penas, ou as varetas que as sustentam, concentram-se na frente, aproximadamente de orelha a orelha, geralmente ultrapassando bastante o suporte onde são inseridas (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho, do centro para os lados. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século

XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; palha; trançado; ave

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô prova em criança um diadema indígena. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, diadema indígena é um adorno corporal para a cabeça, no qual as penas, ou as varetas que as sustentam, concentram-se na frente, aproximadamente de orelha a orelha, geralmente ultrapassando bastante o suporte onde são inseridas (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho, do centro para os lados. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século

XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; palha; trançado; ave

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô prova em criança um diadema indígena. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, diadema indígena é um adorno corporal para a cabeça, no qual as penas, ou as varetas que as sustentam, concentram-se na frente, aproximadamente de orelha a orelha, geralmente ultrapassando bastante o suporte onde são inseridas (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho, do centro para os lados. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século

XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; palha; trançado; Ouricuri; mulher; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, a artesã Fulni-ô segura um trançado de palha da palmeira Ouricuri, ao lado de uma criança. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes

de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; palha; trançado; Ouricuri; mulher

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, a artesã Fulni-ô segura um trançado de palha da palmeira Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais

tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Bolsas trançadas Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; palha; Ouricuri; transporte

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, bolsas trançadas com palha da palmeira Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é

que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; porta

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, mulher e crianças Fulni-ô debruçadas em porta. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica

do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menina; criança; porta

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô debruçada em porta. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273

quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Crianças Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menina; criança; janela

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, crianças Fulni-ô debruçadas em janela. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menina; criança; porta

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Jovem Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; aldeia; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, jovem mulher Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menino; criança; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menina; criança; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menino; criança; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Criança Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Menina; criança; indígena

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, criança Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; homem; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona artefato indígena ao lado de criança. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; plumária; objeto; homem; criança

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona artefato indígena ao lado de criança. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona

fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; palha; Ouricuri; trançado

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona trançado com palha de Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais

tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; tecido; objeto

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona artesanato. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesão Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; tecido; objeto

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o artesão Fulni-ô confecciona artesanato. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Construção de casa na aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; tijolo; homem; pedreiro

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, construção de uma casa na aldeia Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Construção de casa na aldeia Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; tijolo; homem; pedreiro

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, construção de uma casa na aldeia Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artesã Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; mulher; anciã; palha; trançado; Ouricuri

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artesã Fulni-ô confecciona trançado em palha de Ouricuri. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se

reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas Fulni-ô

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; criança; porta

Descritor geográfico: Águas Belas, Pernambuco; Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 21-03-1982

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, mulher e criança Fulni-ô debruçadas em porta. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a

273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Localização nos negativos: CAIXA – 1988 – Exposição Indígena e lançamento de livro

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá; indígena; Xukuru; Fulni-ô; Pankararu; Maxakali

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, um grupo de indígenas assistem praiás dançando toré. Os praiás são do povo Pankararu, já os indígenas que acompanham a dança são Fulni-ô, Xukuru, Potiguara e Maxakali. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré

Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um "moço" que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá; máscara

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, um grupo de praiás posam para fotografia. Os praiás são do povo Pankararu. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou

serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Lançamento de livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Lançamento de livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, indígena autografando o Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, indígena autografando o Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, indígena autografando o Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, indígena autografando o Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Público no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, público no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000025

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000026

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000027

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000028

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000029

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000030

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000031

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000032

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000033

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000034

Proveniência: -

Autor: -

Título: Apresentação dos praiás Pankararu

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Grupo; plumária; ritual; praiá

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, praiás Pankararu dançando toré. Segundo o Instituto Socioambiental, a Terra Indígena Pankararu, homologada em 1987, está localizada entre os atuais municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão pernambucano, próximo ao rio São Francisco. Os elementos constituintes do sistema ritual do Toré Pankararu estão divididos entre: A) personagens: os Encantados, os Praiá, os pais de Praiá e os dançadores; B) situações rituais: o particular e o Toré público, que podem assumir o caráter de simples demonstrações teatrais, como expressão folclórica, ou serem dedicados ao culto dos Encantados, ligados

ou não ao pagamento de promessas; e C) locais: as cachoeiras, serrotes, casas e terreiros. Os rituais dirigidos aos “Praiá” surgem como fator central de identidade e de identificação dos desses povos indígenas, através dos Encantados. Estes são entes regulares nas cosmologias indígenas e afro-indígenas do norte e do nordeste brasileiros, atuando, principalmente, nos processos cura-doença. Caracterizam-se pelo fato de serem pessoas que passaram de forma volitiva por um processo de “encantamento”, superando, assim, o ato da morte. Tal transformação possibilita que os Encantados se diferenciem dos espectros dos mortos e assumam formas exteriores múltiplas, devendo ser caracterizados como pessoas que podem ser vistas apenas pelos pajés e mestres rituais, auxiliando-os de forma decisiva em suas atividades. Já Praiá é um tipo de Encantado que dança no terreiro usando vestes especiais portadas por um “moço” que é, simultaneamente, seu pupilo e corpo físico durante as apresentações no terreiro de toré. Os Praiá são chamados de Mestre e denominados por mediante referências simbólicas diversas.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_0000036

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafos

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; autor; estudo; indígena

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, indígena autografando o Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Desenho da capa: Rafael Maxakali. Autores: professores Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG). Responsáveis pela publicação: Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Local, editora e data de publicação: Recife, Imprensa Universitária/UFRPE, 1988. Descritivo:

Tomando o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, este livro apresenta uma escola redimensionada, onde o aluno é o agente e autor da sua própria história. É a permuta da prática pedagógica autoritária pela prática pedagógica ativa, dinâmica e real.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000037

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000038

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000039

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000040

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000041

Proveniência: -

Autor: -

Título: Artefatos indígenas no lançamento do livro

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesão

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas no lançamento do Livro “Índios: verdadeiros amantes da terra e de suas culturas”. Possivelmente, são artefatos dos povos Xukuru (PE), Fulni-ô (PE), Potiguara (PB), Pankararu (PE) e Maxakali (MG).

Localização nos negativos: Caixa 1999 – Semana do Índio no Museu – 20/04/1999

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000001

Proveniência: -

Autor: -

Título: Exposição de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesanato

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas expostos no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000002

Proveniência: -

Autor: -

Título: Exposição de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesão; mulher; estereótipo

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas expostos no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992. Detalhe para uma mulher não-indígena posando com gesto estereotipado de indígena.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000003

Proveniência: -

Autor: -

Título: Exposição de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Objetos; material; utensílios; patrimônio; indígena; artesão; mulher

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, artefatos indígenas expostos no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000004

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homens indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Masculino; exposição; objeto; artefato; painel

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia dos indígenas. No registro, homem indígenas posando com painel sobre populações indígenas do estado de Pernambuco, no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000005

Proveniência: -

Autor: -

Título: Homem indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Masculino; exposição; objeto; artefato; painel

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, homem indígenas posando com painel sobre populações indígenas do estado de Pernambuco, no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000006

Proveniência: -

Autor: -

Título: Comercialização de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Comércio; venda; objetos

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas e barracas com artefatos indígenas à venda no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000007

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palestra da Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, palestrantes no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000008

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palestra da Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, palestrantes no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000009

Proveniência: -

Autor: -

Título: Palestra da Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, palestrantes no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000010

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas na Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia dos indígenas. No registro, indígenas acompanham a palestrante no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000011

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas na Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia dos indígenas. No registro, indígenas acompanham a palestrante no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000012

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas na Semana dos Povos Indígenas de 1999

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Debate; apresentação; mesa; evento

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia dos indígenas. No registro, indígenas acompanham a palestrante no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000013

Proveniência: -

Autor: -

Título: Comercialização de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Comércio; venda; objetos

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas e barracas com artefatos indígenas à venda no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000014

Proveniência: -

Autor: -

Título: Indígenas descansando na Fundaj

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Indígena; homem; mulher

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas descansam sentados em frente ao Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000015

Proveniência: -

Autor: -

Título: Crianças observam indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; menino; menina

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, crianças observam indígenas em frente ao Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000016

Proveniência: -

Autor: -

Título: Comercialização de artefatos indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Comércio; venda; objetos

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas e barracas com artefatos indígenas à venda no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000017

Proveniência: -

Autor: -

Título: Grupo de indígenas

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; posando

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas posam para fotografia em frente do Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000018

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; dança; toré

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas dançam em frente do Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000019

Proveniência: -

Autor: -

Título: Sessão de autógrafo

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Mulher; pesquisa; livro; indígenas

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, a autora do livro “As fronteiras do ser Xukuru” (Editora Massangana - Fundação Joaquim Nabuco), Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, concebe autógrafos no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000020

Proveniência: -

Autor: -

Título: Livro “As fronteiras do ser Xukuru”

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; livro; indígenas

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o livro “As fronteiras do ser Xukuru” (Editora Massangana - Fundação Joaquim Nabuco), escrito por Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000021

Proveniência: -

Autor: -

Título: Livro "As fronteiras do ser Xukuru"

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Pesquisa; livro; indígenas

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: No registro, o livro "As fronteiras do ser Xukuru" (Editora Massangana - Fundação Joaquim Nabuco), escrito por Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000022

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; dança; toré

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas dançam no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000023

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; dança; toré

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas dançam no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

Categoria: Iconográfico

Subcategoria: Fotografia

Fundo / Coleção: FUNDAJ

Código: IMA_000024

Proveniência: -

Autor: -

Título: Ritual indígena

Técnica: Negativo P&P

Altura em cm: -

Largura em cm: -

Descritor Geral: Homem; mulher; dança; toré

Descritor geográfico: Fundaj, Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil

Descritor cronológico: -

Ano: 19-04-1988

Local / Procedência: -

Produtor: -

Notas: Não foi possível identificar a etnia do indígena. No registro, indígenas dançam no Museu do Homem do Nordeste, localizado na Fundaj de Casa Forte, Recife, durante as comemorações da Semana dos Povos Indígenas, criada pela Lei 8.151/1992.

DIAGNÓSTICO DA COLEÇÃO DE ARTEFATOS

Número de registro: 51.2.1

Objeto/Título: Macuru (locomoção infantil)

Classe: Equipamentos de Lazer e de Esporte

Subclasse: Equipamento Lúdico

Autoria: Não Identificado

Local de execução: Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Madeira - Tecido - Fibra vegetal / Trançado - Costura

Dimensões: 102,5cm, 34cm

Descrição antiga: 1925

Ano de aquisição: 27/06/1951

Aquisição: Doação

Procedência: Dr. Nunes Pereira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6

Observações: Apetrecho para locomoção infantil, formado por talas, em que as crianças podem se locomover, como uma espécie de andador. Não há informação sobre a qual etnia indígena pertence a peça.



Número de registro: 52.190.1

Objeto/Título: Flauta com orifício

Classe: Objetos de Atividades Artísticas

Subclasse: Objetos Associados à Música

Autoria: Não Identificado

Local de execução: Não Identificado

Material/Técnica: Osso humano / Escultura - Entalhe

Dimensões: 22cm, 5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flauta é instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.). Já a flauta com orifício é um instrumento de sopro que contém orifícios para digitação e emissão de sons variados. Não foi possível detectar a etnia indígena ao qual a peça pertencia.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 52.208.1

Objeto/Título: Capacete Palikur

Classe: Objetos de uso pessoal

Subclasse: Acessórios de vestuário

Autoria: Indígenas Palikur

Local de execução: Não Identificado

Material/Técnica: Penas - Vime / Trançado - Amarração

Dimensões: 14,5cm, 39cm, 32 cm

Descrição_antigo: Capacete indígena com penas brancas, pretas,

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Palikur estão divididos entre os dois lados da fronteira Brasil/ Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão localizados no extremo norte do Estado do Amapá, no perímetro do município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá, um tributário do baixo rio Oiapoque. São os habitantes mais antigos dentre as populações indígenas que atualmente vivem nesta região que, segundo dados arqueológicos e fontes históricas, até a invasão européia, foi amplamente ocupada por populações Arawak. Hoje em dia, os Palikur são os únicos representantes dessa ocupação. Os Palikur falam o parikwaki, uma língua pertencente à sub-família Maipure filiada à grande família linguística Arawak. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o créole, proveniente do francês, língua forjada na rede de relações socioeconômicas que interligava colonos franceses, escravos de origem africana e os índios da região; a língua Kaliña da família linguística Karib, falada pelos Galibi do Oiapoque; e o patoá, uma variação do créole que, por processos diferentes, foi adotada pelos Karipuna e Galibi-Marworno como língua indígena diferenciada.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>

Número de registro: 52.210.1

Objeto/Título: Capacete Palikur

Classe: Objetos de uso pessoal

Subclasse: Acessórios de vestuário

Autoria: Indígenas Palikur

Local de execução: Não Identificado

Material/Técnica: Penas - Vime / Trançado - Amarração

Dimensões: 16cm, 37,5cm, 30cm

Descrição_antigo: Capacete indígena com penas brancas, rosas e pretas

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Palikur estão divididos entre os dois lados da fronteira Brasil/ Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão localizados no extremo norte do Estado do Amapá, no perímetro do município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá, um tributário do baixo rio Oiapoque. São os habitantes mais antigos dentre as populações indígenas que atualmente vivem nesta região que, segundo dados arqueológicos e fontes históricas, até a invasão européia, foi amplamente ocupada por populações Arawak. Hoje em dia, os Palikur são os únicos representantes dessa ocupação. Os Palikur falam o parikwaki, uma língua pertencente à sub-família Maipure filiada à grande família linguística Arawak. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o créole, proveniente do francês, língua forjada na rede de relações socioeconômicas que interligava colonos franceses, escravos de origem africana e os índios da região; a língua Kaliña da família linguística Karib, falada pelos Galibi do Oiapoque; e o patoá, uma variação do créole que, por processos diferentes, foi adotada pelos Karipuna e Galibi-Marworno como língua indígena diferenciada.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>

Número de registro: 96.3.5

Objeto/Título: Capacete Fulni-ô (Aloa)

Classe: -

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena

Autoria: Josefa Jositania Pereira da Silva (indígena Fulni-ô)

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha de Ouricuri e anilina / Trançado - Costurado

Dimensões: 14,5cm, 27cm

Descrição_antigo: Capacete de toré denominado aloa, confeccionado em palha de ouricuri (cocos coronata), em forma de cone, trancado, costurado, natural e tingida de anilina nas cores amarelo, verde, rosa e lilás. peça usada pelos índios na dança ritual. Peça adquirida para o projeto caixas didáticas em 1996.

Ano de aquisição: 1996

Aquisição: Compra

Documentação associada: Etnografia indígena Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A



vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.3.1

Objeto/Título: Peneira miniatura

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Talas de palmeira / Trancado, Sarjado, Espinha De Peixe

Dimensões: 3cm, 19,5cm, 16cm

Descrição_antigo: Peneira circular media, confeccionada em palha trancada entretecida, tafetá, crivo central largo, borda dupla extrovertida.

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.33.1

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Classe: Objetos Domésticos

Subclasse: Objetos e Equipamentos de Serviços de Manutenção

Autoria: Não identificado

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Fibra de agave e madeira / Trancado – Desfiado

Dimensões: 28cm, 12cm

Descrição_antigo: Espanador confeccionado pelos indígenas Fulni-ô, de Águas Belas, Pernambuco, em fibra de agave desfiada, cabo trancado, com haste em madeira.

Aquisição: Doação

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Agave é um gênero de plantas suculentas da subfamília Agavoideae da família Asparagaceae. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto



Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.34.1

Objeto/Título: Chapéu Fulni-ô

Classe: Objetos de uso pessoal

Subclasse: Adornos Corporais

Autoria: Não identificado

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha de ouricuri / Trançado - Sarjado - Espinha de peixe

Dimensões: 12,5cm, 36,5cm

Descrição_antigo: Chapéu de abas largas e copa alta, confeccionado em palha de ouricuri pelos indígenas Fulni-ô, trancado sarjado espinha de peixe. usado como complemento da indumentaria masculina nas áreas tropicais e entre as mulheres para se protegerem do sol.

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Doação

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 2

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema,



que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.35.1

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Classe: Objetos de uso pessoal

Subclasse: Objetos de Auxílio, Cuidados e Conforto Pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha ouricuri - Corante verde - Rosa - Roxo / Trançado entrecruzado

Dimensões: 50cm, 30cm, 5cm

Descrição_antigo: Sacola quadrada, com duas alças curtas e gastas, fechamento com aba, confeccionada em palha de ouricuri, trancado entrecruzado, decoração geométrica cruzada, pintada com anilina nas cores verde, rosa, roxo, usadas para pequenas compras, principalmente.

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Doação

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias.



Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.36.1

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Classe: Objetos de uso pessoal

Subclasse: Objetos de Auxílio, Cuidados e Conforto Pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha ouricuri / Trançado - Sarjado - Espinha de peixe

Dimensões: 58,5cm, 50cm, 5,5 cm

Descrição_antigo: Sacola retangular com duas alças, confeccionada em palha natural de ouricuri, trancado sarjado e espinha de peixe, usadas para pequenas compras, principalmente em feiras no Nordeste.

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Doação

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias.



Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.40.1

Objeto/Título: Bilha indígena

Classe: Objetos Domésticos

Subclasse: Acessórios de Interiores

Autoria: Não identificado

Local de execução: Matueira, Paraíba, Brasil

Material/Técnica: Argila / Modelagem

Dimensões: 21,5cm, 17,5 cm

Descrição_antigo: Vaso de procedência indígena

Aquisição: Doação

Procedência: Fazenda Jabre Texeira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a etnia ao qual a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bilha é uma vasilha de cerâmica, bojuda, provida ou não de gargalo e boca estreita, com ou sem tampa, com ou sem asa, usada para guardar e servir líquidos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 96.3.10

Objeto/Título: Machadinha Fulni-ô (brinquedo)

Subclasse: Etnografia / Arma / Artesanato indígena

Autoria: Josefa Jositania Pereira da Silva (indígena Fulni-ô)

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Madeira - Pedra – Cordão - Penas pretas e tina / Manual

Dimensões: 3cm, 35cm, 6,5 cm

Descrição_antigo: Machado de pedra, em forma semilunar, atado ao cabo de madeira e provido de alça para carregar. Cabo decorado com incisos geométricos. Lâmina de pedra pintada de amarelo e marrom.

Ano de aquisição: 1966

Aquisição: Compra

Documentação associada: Etnografia indígena Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4

Observações: Peça adquirida para o projeto caixas didáticas em 1996. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, machado é um instrumento cortante encabado usado para rachar lenha, para aparelhar madeira, ou em atividades agrícolas. No caso da peça, trata-se de uma machadinha de brinquedo, equipamento lúdico infantil. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território



Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 62.84.1

Objeto/Título: Flecha polipontas Tuxá

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Francisco – Projeto 17/62

Material/Técnica: Madeira - Corda - Fibra vegetal

Dimensões: 1,12cm, 3cm

Ano de aquisição: 05/06/1962

Aquisição: Compra

Procedência: Rodelas, Bahia, Brasil

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 3

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha polipontas é uma arma de arremesso munida de vareta de madeira à qual se adaptam estiletes pontudos, destinada à pesca de peixes pequenos. De acordo o Instituto Sociambiental, o povo Tuxá vive principalmente na cidade de Rodelas, em uma aldeia urbana de mais de 60 casas. Além da aldeia na cidade, os Tuxá ocupavam diversas ilhas e em especial a Ilha da Viúva, no Rio São Francisco, que constituía seu exíguo território agrícola. A Ilha da Viúva foi submersa pela construção da hidrelétrica de Itaparica. Com suas terras tradicionais inundadas, os Tuxá foram transferidos para três áreas, um grupo vivendo nos limites dos municípios de Ibotirama (Área Indígena Tuxá de Ibotirama), outro no município de Rodelas (Áreas Indígenas Tuxá de Rodelas e Nova Rodelas), ambos no estado da Bahia, e outro à margem direita do rio Moxotó, junto aos limites do município pernambucano de Inajá, onde se situa a Terra Indígena Tuxá da Fazenda Funil.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tux%C3%A1>



Número de registro: 62.119.1

Objeto/Título: Cesto Fulni-ô

Autoria: Não identificado

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco, Projeto 17/62

Material/Técnica: Caroá

Dimensões: 24cm, 25,5cm, 22 cm

Descrição_antigo: Peça não encontrada durante o mapeamento da coleção de trançados e cestaria do Muhne. Dada baixa em 23.05.94. Esta peça originalmente tinha o número 62.127.1. Regina Silva.

Ano de aquisição: 04/01/1962

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de

setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 96.3.2

Objeto/Título: Cesto Fulni-ô (miniatura)

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena

Autoria: Josefa Jositania Pereira da Silva (indígena Fulni-ô)

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palhas de ouricuri – Anilina / Trançado - Costurado - Espacejado

Dimensões: 16cm, 14cm, 10 cm

Descrição_antigo: Cesta com alça, miniatura confeccionada em talas da palmeira Ouricuri (cocos coronata), trancado, costurado, decorada com anilina tingida na cor rosa.

Ano de aquisição: 1996

Aquisição: Compra

Documentação Associada: Etnografia indígena Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Peça adquirida para o projeto caixa didática em 1996. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território



indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.3.1

Objeto/Título: Peneira oval

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Juazeiro, Bahia, Brasil

Material/Técnica: Lâminas de carnaúba / Trancado entrançado quadriculado com aro duplo na borda

Dimensões: 7,5cm, 37cm

Descrição_antigo: Peneira circular confeccionada em lâmina de carnaúba natural, trancado entrançado quadriculado, crivo fechado, aro duplo costurado na borda, usada para peneirar grãos.

Ano de aquisição: 12/04/1966

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.36.2

Objeto/Título: Cesto miniatura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Cestaria / Artesanato indígena / Lúdico

Autoria: Não identificado

Local de execução: Iha das Onças, Belém, Pará

Material/Técnica: Palha de arumã / Trançado quadricula

Dimensões: 7,5cm, 7cm

Descrição_antiga: Cesto concavo com alça miniatura, confeccionado em talas de arumã natural, trancado entrelaçado quadriculado, provavelmente artesanato feito pelos índios do meio norte do Brasil, usado como brinquedo.

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.36.3

Objeto/Título: Cesto miniatura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Cestaria / Artesanato indígena / Lúdico

Autoria: Não identificado

Local de execução: Iha das Onças, Belém, Pará

Material/Técnica: Palha de arumã / Trançado quadricula

Dimensões: 9,5cm, 11cm

Descrição_antiga: Cesto miniatura em forma de cone confeccionado em tala de arumã natural, trancado entrelaçado quadriculado, borda extrovertida costurada, usado como brinquedo pelos índios do meio norte do Brasil.

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 67.40.1

Objeto/Título: Peneira miniatura

Classe: -

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Iha das Onças, Belém, Pará

Material/Técnica: Talas de arumã / Trançado - Sarjado

Dimensões: 4cm, 20,5cm, 20,5 cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.46.1

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Belém, Pará

Material/Técnica: Fasquias de buriti / Trançado – Entrelaçado

Dimensões: 3cm, 16cm, 28cm

Descrição_antigo: Abano em forma de coração, confeccionado em fasquias de buriti natural, trancado entrelaçado arqueado, usado para ativar o fogo.

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano em forma de coração é confeccionado em fasquias de buriti natural, trancado entrelaçados arqueados, usado para ativar o fogo e para abanar-se. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.51.1

Objeto/Título: Rede de dormir

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Descanso

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão

Material/Técnica: Tucum / Trançado entretecido apertado

Dimensões: 3cm, 160cm, 280cm

Descrição_antigo: Rede de dormir, confeccionada em fibra de tucum entrançado entretecido apertado, com franja do mesmo material, trabalhada como crochê, decorada com listras de cores predominando o azul. Fabricada e usada pelos índios para descanso.

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, rede de dormir é um leito balançante, manufaturado de tecido resistente de linho, algodão ou qualquer outra fibra, com as extremidades terminadas em punhas ou argolas, pelas quais a rede é suspensa em armadores ou ganchos, geralmente pregados em paredes, árvores, ou em armações metálicas, usado para dormir. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.53.1

Objeto/Título: Cesto gameliforme Tukano

Subclasse: Etnografia / Trancado / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Indígenas Tukano

Local de execução: Manaus, Amazonas

Material/Técnica: Talas de arumã - Resina natural negra / Trancado - Marchetado - Bicromo - Crivo fechado – Fundo duplo

Dimensões: 30cm, 16cm

Descrição_antigo: Cesto com tampa e alça, confeccionado pelos índios tukanos no norte do Brasil, em palha de arumã, trancado marchetado, crivo fechado e fundo duplo, decoração de listras marrom e detalhes em preto usada pelos índios para guardar pequenos objetos.

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 2

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, o cesto gameliforme é um recipiente trançado, semelhante a uma gamela, de borda alargada e diâmetro proporcional ao da base, de bojo atarracado, ou seja, mais largo que alto, usado para guarda de itens domésticos e para transporte de carga, geralmente transportado sobre a cabeça. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Tukano autodenominam-se Ye'pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família linguística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. É possível que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada qual com um nome e, idealmente, compondo um conjunto hierarquizado. Chamado de “cidade do índio”, o povoado multiétnico de Iauaretê é hoje o maior núcleo populacional da Terra Indígena Alto Rio Negro, que fica no médio curso do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na zona de fronteira entre Brasil e Colômbia.



Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>

Número de registro: 67.56.1

Objeto/Título: Flauta de pão Tukano

Subclasse: Etnografia / Artesanato indígena / Instrumento musical / Aerofone

Autoria: Indígenas Tukano

Local de execução: Manaus, Amazonas

Material/Técnica: Taboca - Fio - Fibra vegetal / Manufatura

Dimensões: -

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 7

Observações Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flauta de pão é um instrumento de sopro constituído de uma série de tubos reunidos para formar um todo, geralmente fechados na extremidade distal, amarrados com fios em ordem decrescente de comprimento, onde cada tubo produz um som diferente, relativo ao comprimento do tubo. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Tukano autodenominam-se Ye'pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família linguística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. É possível que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada qual com um nome e, idealmente, compondo um conjunto hierarquizado. Chamado de “cidade do índio”, o povoado multiétnico de Iauaretê é hoje o maior núcleo populacional da Terra Indígena Alto Rio Negro, que fica no médio curso do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na zona de fronteira entre Brasil e Colômbia.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>

Número de registro: 67.57.1

Objeto/Título: Cesto tigeliforme Tukano

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Indígena uso doméstico

Autoria: Tukano

Local de execução: Manaus, Amzonas, Brasil

Material/Técnica: Talas de arumã tingidas de negro/ Trançado, Marchetado Policromo, Crivo Fechado

Dimensões: 19cm

Descrição_antigo: Cesto em forma de tigela, confeccionado pelos índios tukanos no norte do brasil, em palha de arumã, trançado marchetado policromo, fundo fechado decorado com resina vegetal marrom e detalhes em negro.

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto tigeliforme é um recipiente trançado em forma de tijela, comumente arredondado, com fundo plano e paredes de pouca altura, usado para guarda de itens domésticos. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Tukano autodenominam-se Ye'pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família linguística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. É possível que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada qual com um nome e, idealmente, compondo um conjunto hierarquizado. Chamado de "cidade do índio", o povoado multiétnico de Iauaretê é hoje o maior núcleo populacional da Terra Indígena Alto Rio Negro, que fica no médio curso do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na zona de fronteira entre Brasil e Colômbia.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>

Número de registro: 67.58.1

Objeto/Título: Abano trançado Tukano

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cozinha

Autoria: Indígenas Tukano

Local de execução: Manaus, Amazonas

Material/Técnica: Talo de tucumã / Trançado retangular

Dimensões: 37cm, 21cm, 2cm

Descrição_antigo: Abano retangular confeccionado pelos índios tukanos do norte do Brasil, em palha de tucumã, trancado retangular, usado como equipamento de cozinha para ativar o fogo.

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. Tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G.Mey.) é pertencente à família Arecaceae. É amplamente utilizado no Amazonas como forma de alimento e matéria-prima para artesanato, alimentação outros fins. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Tukano autodenominam-se Ye'pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família linguística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. É possível que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada qual com um nome e, idealmente, compondo um conjunto hierarquizado. Chamado de "cidade do índio", o povoado multiétnico de Iauaretê é hoje o maior núcleo populacional da Terra Indígena Alto Rio Negro, que fica no médio curso do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), na zona de fronteira entre Brasil e Colômbia.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>

Número de registro: 67.61.1

Objeto/Título: Cinto trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Indumentária

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Tucum – Resina negra / Trancado / Sarjado / Decoração geométrica

Dimensões: -

Descrição_antigo: Cinto estreito, confeccionado por índios do Maranhão, em fibra de tucum, trancado sarjado, decoração geométrica de linhas negras, usado pelas mulheres na cintura de acordo com a idade.

Ano de aquisição: 15/08/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5

Observações: Não há identificação a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cinto é um adorno corporal que se constitui numa faixa ou tira, tecida ou trançada, mais estreita do que a cinta, de couro ou de outras matérias-primas, usada ao redor da cintura. Já cinto trançado é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.62.1

Objeto/Título: Colar trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena uso pessoal / Adorno

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Fibra de tucum / Trançado - Sarjado

Dimensões: 39cm, 2cm

Descrição_antigo: Colar confeccionado por índios do Maranhão, em fibra de tucum, trancado sarjado, usado como adorno feminino ou masculino, de acordo com a idade

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não foi identificada a etnia a qual a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.63.1

Objeto/Título: Tipiti

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena / Alimentação

Autoria: Não identificado

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Fasquias de buriti / Trancado diagonal / Sarjado / Corpo cilíndrico / Borda extrovertida

Dimensões: 92cm, 10cm

Descrição_antigo: Espécie de cesto em forma de tubo, trançado em fibra de buriti, com duas argolas nos extremos, utilizado para a extração do ácido cianídrico da mandioca, sobretudo pelos índios da região amazônica e do centro-oeste.

Ano de aquisição: 25/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 3

Observações: Não foi possível identificar a etnia indígena a qual a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tipiti é um utensílio trançado que se constitui num tipo de cesto cilíndrico, extensível, com abertura na parte superior e duas alças, usado para a extração do ácido hidrocianídrico da mandioca brava, também usado por alguns povos para sepultar as cinzas das mulheres das tribos. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 68.2.1

Objeto/Título: Peneira miniatura

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena / Alimentação

Autoria: Não identificado

Local de execução: Belém, Pará

Material/Técnica: Talas de arumã / Trancado sarjado diagonal e espinha de peixe - Trama semi aberta

Dimensões: 2,5cm, 18cm, 21 cm

Descrição_antigo: Peneira miniatura quadrado, confeccionada em palha de arumã natural, trancado sarjado diagonal e espinha de peixe entreaberta, borda extrovertida, usada como brinquedo

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://artebaniwa.org.br/aruma1.html>



Número de registro: 70.120.1

Objeto/Título: Cesto paneiriforme (miniatura)

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena lúdico

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Palha de arumã / Trançado cruzado

Dimensões: 5cm, 2cm



Descrição_antigo: Cesto paneiriforme, miniatura confeccionado em palha de arumã natural, trancado cruzado, usado provavelmente como brinquedo.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://artebaniwa.org.br/aruma1.html>

Número de registro: 70.121.1

Objeto/Título: Cesto cargueiro descartável

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena

Autoria: Não identificado

Local de execução: -

Material/Técnica: Fasquias de buriti / Trancado hexagonal – Entretecido

Dimensões: 29,5cm, 31,5cm

Ano de aquisição: 1970

Descrição_antigo: Cesto cargueiro cônico com alça, confeccionado em fasquias de buriti, trancado diagonal entretecido aberto, usado pelos índios para pesa.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto cargueiro descartável é um recipiente trançado, manufaturado com fibras disponíveis no local da caça, da pesca, ou da coleta, em geral distante das aldeias, sem técnica de confecção elaborada e que, por isso mesmo, pode ser descartado após o uso, usado no transporte de carga. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Buriti>



Número de registro: 78.1.19

Objeto/Título: Encacho (genitália feminina)

Subclasse: Etnografia / Artesanato / Cerâmica / Indumentária

Autoria: Não identificado

Local de execução: Belém (Icoaraci), Pará, Brasil

Material/Técnica: Argila / Modelagem – Relevo incisivo

Dimensões: -

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Peça usada pelas indígenas para cobrir o sexo, feita em argila decorada com incisos geométricos, característico da tradição marajoara.

Localização: Reserva técnica, sala 1, armário 1 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, encacho é uma peça de indumentária usada para cobrir o corpo, especificamente as genitálias masculina e feminina, lançada entre as pernas e sustentadas por uma faixa que cinge a cintura, comumente feita de estopa de líber, às vezes, enegrecido por maceração na lama.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.17

Objeto/Título: Cesto cargueiro bornaliforme Timbira

Subclasse: Etnografia / Cestaria artesanato indígena / Uso doméstico

Autoria: Timbira

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Pecíolos de buriti / Trancado - Entrecruzado – Entrelaçado

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Descrição_antigo: Cesto denominado uru, bornaliforme, confeccionado em pecíolo de buriti natural, trancado entrecruzado e entrelaçado usado pelos índios para transportar caca.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto cargueiro bornaliforme é um recipiente trançado em forma de boral, bojudo, geralmente feito com duas folhas em forma de leque, usado para guarda de itens domésticos, para transporte de carga, e como berço para crianças por determinados povos indígenas. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros Mauritia, Mauritiella, Trithrinax e Astrocaryum, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião

Parkatejê, Gavião Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Buriti> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.18

Objeto/Título: Cesto paneiriforme Timbira

Subclasse: Etnografia / Cestaria artesanato indígena / Uso doméstico

Autoria: Timbira

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado sarjado

Dimensões: 34cm, 39cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Descrição_antigo: Cesto grande bernaliforme, confeccionado em talos de carnaúba natural, bordo de talo de grosso calibre, trançado sarjado.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.



Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.39

Objeto/Título: Cesto bolsiforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena de uso pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: Santa Rita, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Hexagonal / Entretecido / Trancado em espiral simples

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Seu Cado Artenasto

Descrição_antigo: Bolsa grande com alça, confeccionada em talas de tucum natural, trancado entretecido hexagonal, bordas com cipó de grosso calibre costurada. usado pelos índios para transportar

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto bolsiforme é um recipiente trançado de espessura mínima ou média, comumente chamado de bolsa, sacola ou patrona, com alça, utilizado para guardar e carregar pequenos pertences de uso pessoa. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.92

Objeto/Título: Cesto paneiriforme Timbira

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Timbira

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Lâmina de taquara - Penas coloridas de jandaia / Trançado tecido com textura tafetá / 2. Borda atado

Dimensões: Comprimento 250, diâmetro 150mm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto fundo confeccionado em lâmina de taquara natural, trancado tecido com textura tafetá apertado, adornado nos bordos atados com penas coloridas de jandaia.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. Taquara é a denominação comum a várias espécies de gramíneas nativas da América do Sul, a maioria com caules ocos e segmentados em gomos, em cujas intersecções se prendem as folhas. A taquara era conhecida e usada desde tempos pré-colombianos pelos povos nativos da América do Sul, que lhe davam as mais diversas utilidades, desde o uso de seus colmos ocos como pequenos recipientes, como canudos para diversas finalidades (inclusive na zarabatana), como vigas e travessas leves para a construção de suas habitações, como cercas ou paliçadas leves para a contenção de aves ou outros pequenos animais e principalmente, com suas lascas, para feitiço de cestas das mais diversas formas e para as mais diversas utilidades, como alqueires e balaios. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do gênero Aratinga. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião

Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krokekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.93

Objeto/Título: Cesto paneiriforme imbira

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal/ Cestaria

Autoria: Timbira

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Lâmina de taquara – Algumas tingidas de negro / Trançado tecido com textura tafetá / 2. Borda atado

Dimensões: Comprimento 200, diâmetro 100mm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto bolsiforme, confeccionado em lâmina de taquara, algumas tingidas de marrom com detalhes em preto, trancado tecido com textura tafetá.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. Taquara é a denominação comum a várias espécies de gramíneas nativas da América do Sul, a maioria com caules ocos e segmentados em gomos, em cujas intersecções se prendem as folhas. A taquara era conhecida e usada desde tempos pré-colombianos pelos povos nativos da América do Sul, que lhe davam as mais diversas utilidades, desde o uso de seus colmos ocos como pequenos recipientes, como canudos para diversas finalidades (inclusive na zarabatana), como vigas e travessas leves para a construção de suas habitações, como cercas ou paliçadas leves para a contenção de aves ou outros pequenos animais e principalmente, com suas lascas, para feitiço de cestas das mais diversas formas e para as mais diversas utilidades, como alqueires e balaios. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do gênero Aratinga. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião

Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krokekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.94

Objeto/Título: Cesto paneiriforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena / Uso doméstico / Cestaria

Autoria: Timbira

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Lâmina de taquara - Penas coloridas de jandaia / Trançado tecido com textura tafetá apertado

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto fundo confeccionado em laminas de taquara natural, trancado tecido com textura tafetá apertado, adornado nas bordas com penas coloridas de jandaia.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. Taquara é a denominação comum a várias espécies de gramíneas nativas da América do Sul, a maioria com caules ocos e segmentados em gomos, em cujas intersecções se prendem as folhas. A taquara era conhecida e usada desde tempos pré-colombianos pelos povos nativos da América do Sul, que lhe davam as mais diversas utilidades, desde o uso de seus colmos ocos como pequenos recipientes, como canudos para diversas finalidades (inclusive na zarabatana), como vigas e travessas leves para a construção de suas habitações, como cercas ou paliçadas leves para a contenção de aves ou outros pequenos animais e principalmente, com suas lascas, para feitiço de cestas das mais diversas formas e para as mais diversas utilidades, como alqueires e balaios. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do gênero Aratinga. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião



Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krokekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.95

Objeto/Título: Cesto paneiriforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Timbira

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Lâmina de buriti / 2. Penas coloridas de arara / Trancado tecido com textura tafetá apertado

Dimensões: Comprimento 220, diâmetro 130mm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto fundo confeccionado em lâmina de taquara natural, trancado tecido com textura tafetá apertado, adornado nas bordas com penas coloridas de jandaia.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos



psitacídeos do género Aratinga. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira, que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 81.16.97

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado – Cordoado

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesta redonda com tampa e alça, confeccionada em palha natural, trancado cordoado costurado fechado, decorada com 2 faixas tingidas com tinta preta.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.98

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso pessoal / Cestaria

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado – Cordoado - Costurado

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesta redonda com tampa vazada e alça, confeccionada em palha natural, trancado cordoado costurado fechado, decorado no meio com uma tira larga trancada e uma faixa fina preta.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 4 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.100

Objeto/Título: Cesto estojiforme Kayapó

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso pessoal / Cestaria

Autoria: Kayapó

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum com tingimento de anilina negro / Trançado - Costurado e retorcido

Dimensões: 240cm, 10cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto na cor natural com duas faixas finas pretas

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 4

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os



Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))

Número de registro: 81.16.101

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado

Dimensões: 13,5cm, 15cm, 19,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto na cor natural com duas faixas finas pretas

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 4

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.



Número de registro: 81.16.102

Objeto/Título: Cesto vasiforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Fasquias de cipó de buriti / Trançado entrancado

Dimensões: 60cm, 32cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesta bojuda com alça, confeccionada em fasquias de cipó de buriti trançado, cruzado, bordas reviradas e costuradas. usada pelos índios para o transporte de raízes.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 7

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto vasiforme é um recipiente trançado em forma de vaso, podendo ter gargalo e bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula, usado como cesto de pescador, defumador de pimenta, ou para guardar objetos longos.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.150

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Uso doméstico / Limpeza

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado

Dimensões: 18cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Peça confeccionada em palha natural de tucum, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.151

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Uso doméstico / Limpeza

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Desfiado

Dimensões: 30cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Peça confeccionada em palha natural de tucum, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 1

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.152

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Uso doméstico / Limpeza

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado

Dimensões: 26cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Peça confeccionada em palha natural de tucum, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.155

Objeto/Título: Peneira Timbira

Subclasse: Etnografia / Trancado / 3. Artesanato indígena / Uso doméstico / Cozinha

Autoria: Timbira

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Talo de tucum / Trancado tecido encanado textura tafetá

Dimensões: 27cm, 11,5cm, 15cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Peneira do tipo coador, confeccionada em hastes de babaçu rígido e fios de palha natural, trancado tecido encanado textura tafetá, bordos torcidos atado, usado pelos índios timbira para filtrar o mel recolhido.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 3

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Timbira é o nome que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados. Alguns desses povos, apesar de distintos, são conhecidos pelas mesmas denominações. A três deles é aplicado o termo Canela: Ramkokamekrá, Apanyekrá e Kenkateyê. Esses diferentes grupos étnicos falam uma só língua, a timbira,



que pertence à família jê, certamente com algumas diferenças dialetais entre si. Os grupos timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>

Número de registro: 82.2.2.a

Objeto/Título: Arco elipsoidal Fulni-ô

Subclasse: Arte indígena

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira fibra

Dimensões: -

Ano de aquisição: 22/02/1986

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 3



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco elipsoidal é uma arma de arremesso cujo corte transversal é achatado, com as arestas arredondadas, assemelhando-se a uma elipse. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-

ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.2.b

Objeto/Título: Flecha Fulni-ô

Subclasse: Arte indígena

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Dimensões: -

Ano de aquisição: 22/02/1986

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-

ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.5

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cestaria / Objeto uso pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Tala de Ouricuri / Trancado - Entrelaçado diagonal quadricular ourela dupla

Dimensões: 44cm, 39cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola com alças, retangular, confeccionada em palha de ouricuri natural, trancado entrelaçado diagonal quadriculado, ourela dupla.

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena



General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.8

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena lúdico

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Tala de Ouricuri - Corante roxo - Rosa – verde / Trancado - Entrelaçado diagonal

Dimensões: 21cm, 60cm, 31cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola miniatura com alças, retangular, confeccionada em palha de ouricuri natural, trancado entrelaçado diagonal quadriculado, decorado com motivo geométrico nas cores rosa, roxo e verde.

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 4

Observações: Não se trata de uma bolsa em miniatura. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais



antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.10

Objeto/Título: Bolsa oval trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Indumentária / Uso pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Tala de Ouricuri - Corante roxo - Rosa – Azul - Verde / Trancado sarjado - Espinha de peixe - Arremate costurado

Dimensões: 63cm, 23cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Bolsa funda, oval, com alças, confeccionada em palha de ouricuri natural, trancado sarjado costurado aberto, decoração geométrica policromada nas cores vermelho e verde. usada para comprar

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se

encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.20

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígenas / Doméstico limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha de Ouricuri / Trancado – Desfiado

Dimensões: 34cm

Descrição_antigo: Peça confeccionada em palha natural de tucum, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra



assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.21

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígenas / Doméstico limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha de Ouricuri / Trancado – Desfiado

Dimensões: 34cm

Descrição_antigo: Peça confeccionada em palha natural de tucum, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra



assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.22

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígenas / Doméstico limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Sisal / Trancado – Desfiado

Dimensões: -

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural, desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que



se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.23

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígenas / Doméstico limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Sisal / Trancado – Desfiado

Dimensões: -

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural, desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que



se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.25

Objeto/Título: Esteira oval Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso doméstico / Descanso

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha ouricuri - Corante verde / Trancado entrancado diagonal

Dimensões: 122cm

Descrição_antigo: Esteira redonda, confeccionada em palha natural tingida de verde e amarelo, trancado diagonal entrancado, usado pelos índios para sentar nas horas das refeições ou mesmo em atividades domésticas.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 5 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, esteira é um utensílio trançado de duas dimensões, de tamanhos variados, usado como leito, assento, cobertura, divisória interna das casas, tapume das entradas das casas, paravento, cobertura de carga, ou como parte de máscaras rituais. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas

Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesauroidoIndioMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.3

Objeto/Título: Esteira oval Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso doméstico / Descanso

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha ouricuri / Trancado - Sarjado decorado diagonal

Dimensões: -

Descrição_antigo: Policromado

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 5 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, esteira é um utensílio trançado de duas dimensões, de tamanhos variados, usado como leito, assento, cobertura, divisória interna das casas, tapume das entradas das casas, paravento, cobertura de carga, ou como parte de máscaras rituais. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas

rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.4

Objeto/Título: Esteira quadrangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso doméstico / Descanso

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha ouricuri / Trançado diagonal entrançado

Dimensões: 99cm

Descrição_antigo: Esteira retangular, confeccionada em palha natural, trancado diagonal entrançado, usada como assento ou leito.

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 5 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, esteira é um utensílio trançado de duas dimensões, de tamanhos variados, usado como leito, assento, cobertura, divisória interna das casas, tapume das entradas das casas, paravento, cobertura de carga, ou como parte de máscaras rituais. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas

rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.6

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Fibra de agave - Corante / Trançado diagonal entrançado

Dimensões: 32cm, 20cm

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Bolsa retangular com alças, confeccionada em palha natural tingida nas cores verde, azul e rosa formando desenhos geométricos, trancado diagonal entrançado.

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se

encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.8

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Cestaria / Artesanato indígena uso pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha ouricuri decorada verde - Rosa – Roxo / Trançado diagonal entrançado

Dimensões: 47cm, 42,5cm

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Bolsa retangular com alças, confeccionada em palha natural, tingida nas cores verde, azul e rosa formando desenhos geométricos, trancado diagonal entrançado.

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 6



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se

encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.12

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígenas / Limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha / Trançado – Desfiado

Dimensões: 42cm

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que



se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.13

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena uso doméstico / Limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Agave corante rosa - Verde / Trançado – Desfiado

Dimensões: 42cm, 19cm

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que

se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.14

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena uso doméstico / Limpeza

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha / Trançado – Desfiado

Dimensões: 42cm

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que

se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.15

Objeto/Título: Vassoura miniatura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena / Lúdico

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Palha / Trançado – Desfiado

Dimensões: 22cm

Descrição_antigo: Espanador confeccionado em sisal natural desfiado e amarrado com detalhes policromados, artesanato dos índios Fulni-ô.

Ano de aquisição: 12/11/1984

Aquisição: Compra

Procedência: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.). Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que



se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.17

Objeto/Título: Tipiti Kayapó

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso doméstico / Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Fasquias de buriti / Trancado diagonal / Sarjado

Dimensões: -

Descrição_antigo: Estojo cilíndrico, confeccionado em fasquias de buriti natural, trancado diagonal, sarjado, empregado para extrair o sumo toxico contido na polpa da mandioca, bastando para isso esticá-lo através do efeito alavanca, para comprimir fortemente o seu conteúdo.

Ano de aquisição: 31/05/1985

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tipiti é um utensílio trançado que se constitui num tipo de cesto cilíndrico, extensível, com abertura na parte superior e duas alças, usado para a extração do ácido hidrocianico da mandioca brava, também usado por alguns povos para sepultar as cinzas das mulheres das tribos. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros Mauritia, Mauritiella, Trithrinax e Astrocaryum, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do



caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))

Número de registro: 86.17.95

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Subclasse: Arte indígena instrumento musical idiofone

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Cabaça - Madeira - Sementes

Dimensões: 26cm

Documentação Associada: Pesquisa Antônio José Madureira

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 86.17.136

Objeto/Título: Reco-reco (Querequexé)

Subclasse: Arte indígena instrumento musical idiofone

Autoria: Não identificado

Local de execução: Porto Seguro, Bahia, Brasil

Material/Técnica: Bambu - Madeira - Palha - Penas

Dimensões: -

Documentação Associada: Pesquisa Antônio José Madureira

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena pertence a peça. Querequexé também é conhecido como reco-reco. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, reco-reco é um instrumento de percussão manufaturado com madeira maciça ou oca com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras, pelas quais um bastão de madeira é esfregado para produzir som.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.4.1

Objeto/Título: Chapéu Ka'apor

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Indumentária uso pessoal

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha - Corante vermelho – Rosado – Verde / Trançado - Espiralado - Costurado com borda em espiralado

Dimensões: 30,5cm, 10,3cm

Descrição_antigo: Chapéu de abas estreitas e copa alta, confeccionado em tala grossa de jupati natural tingida nas cores vermelho, rosa e verde, trancado espiralado, costurado nas bordas.

Ano de aquisição: 04/01/1991

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Eriberto Costa e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracáçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apear. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto

como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 93.10.1

Objeto/Título: Capacete Xucuru

Subclasse: Etnografia / Artesanato indígena / Indumentaria ritual / Dança

Autoria: Xucuru

Local de execução: Pesqueira (Aldeia Lagoa), Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de milho - Cadarço de algodão - Semente de lucena - Semente de Ave Maria / Trançado

Dimensões: 31cm, 12cm

Descrição_antigo: Chapéu ou cocar usado pelos índios Xucuru de pesqueira, no ritual da dança do tore, confeccionado em palha de milho, adornado com sementes.

Ano de aquisição: 14/04/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Maria Regina Batista e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 1



Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, capacete trançada é um adorno para a cabeça, manufaturado com palha trançada, fechado no bordo superior ornamentado ou não com penas. Segundo o Instituto Socioambiental, os Xukuru habitam um conjunto de montanhas, conhecido como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Os registros sobre esses índios datam do século XVI e desde então indicavam que a sua ocupação nessa região já sofria transformações devido aos violentos processos de expropriação de suas terras. Documentos relativos ao período colonial atestam essa invasão por parte dos portugueses e registram que a antiga Vila de Cimbres, hoje uma aldeia xukuru, foi palco de conflitos entre os Xukuru e os colonizadores. Muitas aldeias foram extintas e as terras logo registradas em nome de fazendeiros. Os Xukuru estão situados na mesorregião do agreste pernambucano que tem características propícias à agricultura, considerando a existência de água e de um clima ameno. A região também possui uma área semi-árida, localizada entre o Agreste e o Sertão. Limita-se ao norte com o município de Poção e com o estado da Paraíba; ao sul com Mimoso; ao Leste com a cidade de Pesqueira e a Oeste com Arcoverde. Isso faz com que a Terra Indígena esteja incrustada numa região com solo e clima variáveis, possuindo, desde áreas úmidas a áreas

extremamente secas e dependentes da chuva. A Serra do Ororubá é composta por uma cadeia de montanhas com uma altitude aproximada de 1.125 metros. É uma região que dispõe de uma hidrografia privilegiada com a presença de um grande açude e rios, como Ipanema e Ipojuca que cortam a Terra Indígena. Essa conjugação hidrográfica é responsável pela fertilidade de parte das terras dos Xukuru, abastecendo também, em época de seca, a cidade de Pesqueira, ao pé da serra. Desde muito tempo conflitos entre os Xukuru e os fazendeiros e políticos locais são constantes, mas sua intensificação se deu especialmente com o início do processo demarcatório de suas terras em 1989. O assassinato de um importante líder xukuru, de outros dois índios e de um procurador, no fim da década de 1990, foram tentativas de inibir o andamento do processo de regularização da Terra Xukuru, assim como os inúmeros processos jurídicos e administrativos que surgiram no caminho. A Terra Indígena somente foi homologada em 2001. A crença na natureza sagrada é outra característica importante desse povo. É nos terreiros distribuídos nesse território que os rituais religiosos são realizados e constituem o espaço de contato com os caboclos e encantados. O toré se destaca nesse contexto como a principal manifestação do sistema cosmológico xukuru. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Xucuru. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>

Número de registro: 93.10.2

Objeto/Título: Cesto Xucuru

Subclasse: Etnografia cestaria artesanato indígena

Autoria: Socorro

Local de execução: Pesqueira (Aldeia Lagoa), Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Cipó de japicanga / Trançado entrançado

Dimensões: 32 cm, 36 cm, 23 cm

Descrição_antigo: Cesto com alças, fundo, confeccionado em cipó de japicanga natural, trancado entrançado, elaborado pelos índios xucurus de pesqueira, Pernambuco, para fins de comercio. usado para conter frutos ou pequenos objetos.

Ano de aquisição: 14/04/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Maria Regina Batista e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 6

Observações: Nos metadados anteriores, há informação de que o termo indígena da peça é “cacua”. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Segundo o Instituto Socioambiental, os Xukuru habitam um conjunto de montanhas, conhecido como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Os registros sobre esses índios datam do século XVI e desde então indicavam que a sua ocupação nessa região já sofria transformações devido aos violentos processos de expropriação de suas terras. Documentos relativos ao período colonial atestam essa invasão por parte dos portugueses e registram que a antiga Vila de Cimbres, hoje uma aldeia xukuru, foi palco de conflitos entre os Xukuru e os colonizadores. Muitas aldeias foram extintas e as terras logo registradas em nome de fazendeiros. Os Xukuru estão situados na mesorregião do agreste pernambucano que tem características propícias à agricultura, considerando a existência de água e de um clima ameno. A região também possui uma área semi-árida, localizada entre o Agreste e o Sertão. Limita-se ao norte com o município de



Poção e com o estado da Paraíba; ao sul com Mimoso; ao Leste com a cidade de Pesqueira e a Oeste com Arcoverde. Isso faz com que a Terra Indígena esteja incrustada numa região com solo e clima variáveis, possuindo, desde áreas úmidas a áreas extremamente secas e dependentes da chuva. A Serra do Ororubá é composta por uma cadeia de montanhas com uma altitude aproximada de 1.125 metros. É uma região que dispõe de uma hidrografia privilegiada com a presença de um grande açude e rios, como Ipanema e Ipojuca que cortam a Terra Indígena. Essa conjugação hidrográfica é responsável pela fertilidade de parte das terras dos Xukuru, abastecendo também, em época de seca, a cidade de Pesqueira, ao pé da serra. Desde muito tempo conflitos entre os Xukuru e os fazendeiros e políticos locais são constantes, mas sua intensificação se deu especialmente com o início do processo demarcatório de suas terras em 1989. O assassinato de um importante líder xukuru, de outros dois índios e de um procurador, no fim da década de 1990, foram tentativas de inibir o andamento do processo de regularização da Terra Xukuru, assim como os inúmeros processos jurídicos e administrativos que surgiram no caminho. A Terra Indígena somente foi homologada em 2001. A crença na natureza sagrada é outra característica importante desse povo. É nos terreiros distribuídos nesse território que os rituais religiosos são realizados e constituem o espaço de contato com os caboclos e encantados. O toré se destaca nesse contexto como a principal manifestação do sistema cosmológico xukuru. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Xucuru. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>

Número de registro: 93.17.1

Objeto/Título: Gaiola

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Transporte de Caça

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cipó / Trançado arqueado

Dimensões: 22,5cm, 46cm, 26cm

Descrição_antigo: Cesto cargueiro fechado e oblongo, confeccionado em cipó trançado arqueado, que serve para conduzir galinhas e outras aves ao mercado, também chamado no Nordeste de garajau.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Nos metadados anteriores, há informação de que a gaiola serve para transporte de galinhas, mas, o bocal de entrada é menor do que as dimensões médias dessa ave. Portanto, se trata de uma gaiola, que serve para transporte de outros tipos de aves menores. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, gaiola é um utensílio trançado que se constitui num tipo de cesto bojudo, de diversas formas, frequentemente manufaturado em trançado hexagonal, com alça, utilizado para transportar aves e pequenos animais.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.14.1

Objeto/Título: Socó Canela (armadilha de pesca)

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena para pesca

Autoria: Indígenas Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cipó pau / Trançado entrecruzado torcido

Dimensões: 51cm, 37cm

Descrição_antigo: Armadilha para pesca, em forma de cone com pontas afiadas para enterrar na areia evitando a saída do peixe. confeccionada em varetas de cipó pau amarradas com arame, este tipo de armadilha e ainda hoje muito usada para a pesca em barragens, rios e mares rasantes. borda extrovertida com trancado costurado.

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, socó é uma armadilha para pesca em forma de cone truncado, manufaturada pela interpolação alternada de lascas de madeira, ou talas da nervura da folha do babaçu, aguçadas na extremidade inferior. De acordo com o Instituto Socioambiental Canela é o nome pelo qual ficaram conhecidos dois grupos Timbira: os Ramkokamekrá e os Apanyekrá. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekrá e os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se auto-denomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do



crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. Os Canela entendem o Krikati/Pukobyé com facilidade e, certamente, o Gavião do Tocantins. Essas são as principais línguas Timbira orientais que sobreviveram. Já o Apinayé (Timbira Ocidental) é tão diferente do Canela como o espanhol é do português. Um Canela não compreende o Xavante (Jê Central) ou o Xokleng (Jê Meridional), e apresenta muita dificuldade para compreender o Xikrin (Jê setentrional).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 95.12.6

Objeto/Título: Tigela cerâmica Asurini

Subclasse: Etnografia / Cerâmica utilitária indígena

Autoria: Asurini

Local de execução: Manaus (Fundação Nacional do Índio), Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Argila - Corante natural de planta / Modelagem - Pintura

Dimensões: 6cm, 11cm, 16cm

Descrição_antigo: Peça de cerâmica modelada e decorada com corante natural, usado para o consumo de bebidas na tribo Asurini.

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 1, armário 2 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tigela é uma vasilha de cerâmica de boca larga, pouco funda, de formas variadas (fitomorfa, zoomorfa, geminada), usada para armazenagem ou serviço de alimentos, no âmbito doméstico ou em cerimônias rituais. De acordo com o Instituto Socioambiental, os relatos do Asuriní apontam o Rio Xingu, como sua região de origem, aonde teriam vivido com os Parakanã, constituindo no passado um único povo. Estima-se que, nas primeiras décadas deste século, os Asuriní abandonaram a região do Xingu, motivados por uma série de cisões internas e conflitos com outros povos indígenas. Assim, foram deslocando-se para leste, ocupando as cabeceiras do Rio Pacajá e, posteriormente, para as proximidades do Rio Trocará, aonde encontram-se até os dias de hoje [para informações detalhadas sobre as Terras Indígenas em que atualmente vivem, veja ao lado em "Terras habitadas". A TI Trocará é atravessada em toda a sua largura pela PA-156 que divide a área em duas partes. A aldeia e o posto da Funai ficam a leste da estrada, na porção banhada pelo Rio Tocantins. A parte situada a oeste é um retângulo de matas que constituem uma das últimas florestas virgens de certa proporção na região. A TI Trocará está encravada na região do Projeto Grande Carajás, que abrange o Estado do Maranhão e partes do Pará e Tocantins. Este imenso programa de exploração minero-metalúrgica, que vem acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (como a hidrelétrica de Tucuruí e a

ferrovia que liga a Serra dos Carajás à São Luís), vem provocando mudanças radicais em toda a estrutura socioeconômica da região habitada pelos Asuriní. Os Asuriní são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. O termo Asuriní tem sua origem na língua Juruna e, desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação. Os Asuriní do Tocantins são conhecidos também por Asuriní do Trocará (nome da área indígena), e por Akuáwa-Asuriní.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins

Número de registro: 95.12.7

Objeto/Título: Tigela cerâmica

Subclasse: Etnografia / Cerâmica utilitária indígena

Local de execução: Manaus (Fundação Nacional do Índio), Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Argila - Corante natural de planta (resina) / Modelagem - Pintura

Dimensões: 6,8cm, 15,7cm

Descrição_antigo: Peça de cerâmica modelada, apresentando interna e externamente manchas escuras de resina natural.

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 1, armário 2 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tigela é uma vasilha de cerâmica de boca larga, pouco funda, de formas variadas (fitomorfa, zoomorfa, geminada), usada para armazenagem ou serviço de alimentos, no âmbito doméstico ou em cerimônias rituais.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.8

Objeto/Título: Panela cerâmica

Subclasse: Etnografia / Cerâmica utilitária indígena

Autoria: Caia

Local de execução: -

Material/Técnica: Argila – Resina escura / Modelagem

Dimensões: 12,4cm, 11,5cm

Descrição_antigo: Pote de argila com manchas escuras de material resinoso, boca menor que base, como para conter bebidas fermentada.

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Documentação: Fundação Nacional do Índio, Manaus, Amazonas

Localização: Reserva técnica, sala 1, armário 2 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, panela é um recipiente doméstico manufaturado com argila, largo e fundo, provido ou não de tampa, de forma e tamanho variados, usado no preparo e no uso de alimentos e bebidas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.9

Objeto/Título: Panela cerâmica

Subclasse: Etnografia / Cerâmica utilitária indígena

Autoria: Caia

Local de execução: -

Material/Técnica: Argila – Resina vegetal / Modelagem

Dimensões: 12,5cm, 19,5cm

Descrição_antigo: Pote de argila com manchas de resina vegetal externa de uso doméstico.

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Documentação: Fundação Nacional do Índio, Manaus, Amazonas

Localização: Reserva técnica, sala 1, armário 2 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, panela é um recipiente doméstico manufaturado com argila, largo e fundo, provido ou não de tampa, de forma e tamanho variados, usado no preparo e no uso de alimentos e bebidas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 97.2.1

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena

Autoria: Josefa Jositania Pereira (indígena Fulni-ô)

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de Ouricuri / Trançado sarjado

Dimensões: 47cm, 42cm, 8cm

Descrição_antigo: Bolsa com duas alças retangulares, confeccionada em palha de ouricuri, trançado sarjado, decorada com 3 (três) flores de palha nas cores azul e rosa e abotoamento frontal lilás, enrolado. Inscrição em negro, aldeia Fulni-ô.

Marca: Aldeia Fulni-ô

Ano de aquisição: -

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Josefa Jositania Pereira da Silva (indígena Fulni-ô)

Documentação Associada: Etnografia indígena

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 7

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas



Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 64.69.1

Objeto/Título: Corda

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Amarração

Local de execução: Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Material/Técnica: Fibra / Torcedura

Dimensões: 5,5cm, 15cm, 13,5cm

Descrição_antigo: Peça não encontrada durante o mapeamento da coleção de trancados e cestaria do Muhne, para dar baixa, em 23.05.94.

Ano de aquisição: 30/06/1964

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 3

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena.



Número de registro: 66.186.1

Objeto/Título: Cesto estojiforme miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Agave - Anilina verde / Trançado, Enlaçado Horizontal

Dimensões: 6cm, 9,5cm, 9,5cm

Descrição_antigo: Cesta oval, miniatura com tampa e alça, confeccionada em agave natural, trancado entrançado costurado, tingida de anilina nas cores verde e vermelho.

Ano de aquisição: 14/11/1966

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 3

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.187.1

Objeto/Título: Cesto estojiforme miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Agave – Corante, Costurado, Espacejado

Dimensões: 5cm, 10cm, 8cm

Ano de aquisição: 14/11/1966

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 3

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 75.132.1

Objeto/Título: Bolsa trançada miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico, Brinquedo

Material/Técnica: Palha / Trançado – Sarjado - Vertical

Dimensões: 2,5cm, 5cm, 9,5cm

Descrição_antigo: Sacola miniatura com alças, confeccionada em palha natural, trancado sarjado vertical, utilizada como brinquedo.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 3

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.2.1

Objeto/Título: Cesto alguidariforme miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico, Brinquedo

Local de execução: Ceará, Brasil

Material/Técnica: Palha, tinta verde a vermelha - Semente / Trançado, Arqueado

Dimensões: 4,5cm, 6cm

Ano de aquisição: 08/11/1976

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesta miniatura com alças, confeccionada em palha natural, trancado do tipo arqueado, decorado com pintura nas cores verde e vermelha.

Procedência: Maria Graziela Peregrino

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 3

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto alguidariforme é um recipiente trançado em forma de alguidar, ou seja, alongado ou ovalado na borda, comumente também ovalado no fundo, utilizado para armazenagem de itens domésticos ou transporte de carga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.4.1

Objeto/Título: Peneira circular

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Talas de palmeira / Trançado entretecido - Sarjado, Tafetá

Dimensões: 11cm, 5,5cm

Descrição_antigo: Peneira circular, confeccionada em palha trancada entretecida, tafetá, crivo central largo, borda dupla extrovertida costurada, usada para peneirar grãos. Movimentação do acervo: exposição do ciclo junino, para a fundação da cidade do Recife, no Sítio da Trindade - de 22/06 a 20/07/93.

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.5.1

Objeto/Título: Peneira circular

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Talas de palmeira / Trançado entretecido - Sarjado, Tafetá

Dimensões: 11cm, 5,5cm

Descrição_antigo: Peneira circular, confeccionada em palha trancada entretecida, tafetá, crivo central largo, borda dupla extrovertida costurada, usada para peneirar grãos.

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 75.131.1

Objeto/Título: Bolsa trançada miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico, Brinquedo

Material/Técnica: Palha / Trançado

Dimensões: 14,5cm, 8cm, 2cm

Descrição_antigo: Bolsa miniatura, em forma de cesta, confeccionada em palha natural, trancado espinha de peixe.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 4

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.3.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cozinha

Material/Técnica: Palha / Trançado, Quadricular, Diagonal

Dimensões: 36cm, 24cm, 1,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.4.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cozinha

Material/Técnica: Palha / Trançado, Quadricular, Diagonal

Dimensões: 37cm, 20cm, 1,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.19.1

Objeto/Título: Cesto gameliforme miniatura (balaio)

Subclasse: Etnografia, Trancado, Cestaria, Artesanato Lúdico

Material/Técnica: Palha / Trançado

Dimensões: 6cm, 7,5

Ano de aquisição: 9/9/1991

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesta miniatura, confeccionada em cipó natural, trancado arqueado, artesanato usado como brinquedo.

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1, prateleira 4

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto gameliforme é recipiente trançado, semelhante a uma gamela, de borda alargada e diâmetro proporcional ao da base, de bojo atarracado, ou seja, mais largo que alto, usado para guarda de itens domésticos e para transporte de carga, geralmente transportado sobre a cabeça.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.14.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato uso doméstico / Cozinha

Local de execução: Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha - Carnaúba / Trançado tecido cruzado

Dimensões: 12cm, 31cm, 2cm

Descrição_antigo: Peça em forma de leque triangular, confeccionada em palha de carnaúba natural, trancado tecido cruzado diagonal, usado para ativar o fogo.

Ano de aquisição: 31/08/1981

Aquisição: Doação

Procedência: Fernando De Mello Freyre

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.14.1

Objeto/Título: Abano trançado

Local de execução: Barra, Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha de buriti / Trançado - Sarjado

Dimensões: 29cm, 29,5cm, 1cm

Ano de aquisição: 13/12/80

Aquisição: Doação

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5



Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto tigeliforme é um recipiente trançado em forma de tijela, comumente arredondado, com fundo plano e paredes de pouca altura, usado para guarda de itens domésticos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 64.67.1

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Local de execução: Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado diagonal espinha de peixe

Dimensões: 18,5cm, 21cm, 1cm

Descrição_antigo: Abano retangular confeccionado em palha, trancado entretecido diagonal e espinha de peixe, haste no mesmo material que serve de apoio para as mãos. Usado para ativar o fogo.

Ano de aquisição: 30/06/1964

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.5.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico

Local de execução: -

Material/Técnica: Palha / Trançado, Tafetá, Entretecido

Dimensões: 22,5cm, 18cm, 9,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.6.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico

Material/Técnica: Palha / Trançado, Tafetá, Entretecido

Dimensões: 18,5cm, 16,5cm, 2cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.2.5

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico, Brinquedo

Local de execução: Gravatá, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado, Sarjado Diagonal

Dimensões: 14cm, 12,5cm, 1,5cm

Descrição_antigo: Abano miniatura, confeccionado em palha natural, trancado sarjado diagonal, usado como brinquedo

Ano de aquisição: 08/11/1976

Aquisição: Doação

Procedência: Maria Graziela Peregrino

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.2.18

Objeto/Título: Abano trançado Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha Ouricuri / Trançado, Sarjado Diagonal, Espinha de peixe

Dimensões: 17cm, 10cm, 1,5cm

Descrição_antigo: Abano miniatura confeccionado em palha natural, trancado sarjado vertical, desfiado, utilizado como brinquedo.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Aldeia Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se

encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.19

Objeto/Título: Abano trançado Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha Ouricuri / Trançado, Sarjado Diagonal, Espinha de peixe

Dimensões: 16cm, 9cm, 1,5cm

Descrição_antigo: Abano miniatura confeccionado em palha natural, trancado sarjado vertical, desfiado, utilizado como brinquedo. Movimentação do acervo: utilizada na exposição "Olinda recebe luz elétrica", em comemoração aos 10 anos de elevação de Olinda a patrimônio histórico da humanidade, enfocando aspectos sobre a chega da luz elétrica em 14/07/1913. promovida pela biblioteca pública estadual de Pernambuco, Recife. Período de 23/07 a 07/08/1992.

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Aldeia Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa "povo da beira do rio" ou "povo que vive ao lado do rio". Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono



das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 61.2.2

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato /Uso indígena / Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Belém, Pará

Material/Técnica: Palha de buriti / Trançado – Quadricular diagonal

Dimensões: 35,5cm, 25,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano em forma de coração é confeccionado em fasquias de buriti natural, trancado entrelaçados arqueados, usado para ativar o fogo e para abanar-se. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 64.68.2

Objeto/Título: Peneira circular

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato uso doméstico, Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado, Entretecido, Sarja

Dimensões: 25cm, 4cm

Descrição_antigo: Peneira redonda confeccionada em palha de tucum natural, trancado entretecido sarjado, bordas duplas costuradas, usada para o processamento de alimentos principalmente a farinha de mandioca e grãos. Movimentação do acervo: exposição do ciclo junino, para a Fundação da Cidade do Recife, no Sítio da Trindade - de 22/06 a 20/07/93.

Ano de aquisição: 30/06/1964

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.99

Objeto/Título: Cesto estojiforme Kayapó

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato indígena uso doméstico / Cestaria

Autoria: Kayapó

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha natural tingimento de anilina negro / Trançado - Cordado

Dimensões: 41cm, 30cm, 14,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesta ovalada com alça, fundo fechado, confeccionada em palha natural trancado cordado entreaberto costurado, com detalhes em linhas sinuosas e preta.

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas



semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))

Número de registro: 66.46.1

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato / Cestaria

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Tala de palmeira / Trançado – Cordoado costurado

Dimensões: 31cm, 32cm, 23cm

Ano de aquisição: 12/04/1966

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesta oval com tampa e alça, confeccionada em talas de palmeira natural, com tampa. trancado cordoado costurado, usada para a guarda de pequenos objetos

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.10.1.A.B

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato / Cestaria

Material/Técnica: Taliscas de bambu / Trançado – Entrecruzado

Dimensões: 15cm, 20cm

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto com tampa 3 pés de caule e bambu

Procedência: Rio Grande do Norte, Brasil

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.21.1.A.B

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia / Trançado / Artesanato / Cestaria

Local de execução: Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil

Material/Técnica: Talas de carnaúba, Bambu e Tinta azul e marrom / Trançado entrelaçado quadriculado, Pintura

Dimensões: 11cm, 14cm

Ano de aquisição: 23/9/91

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesta redonda com tampa, confeccionada em talas de carnaúba natural e decorada com faixas pintadas de cor azul e marrom, trancado entrelaçado quadriculado, base apoiada em três pés de bambu. Peça do artesanato do Rio Grande do Norte, para guardar objetos pessoais

Procedência: Maria Regina Batista e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.96

Objeto/Título: Cesto vasiforme

Subclasse: Etnografia / Cestaria / Artesanato indígena

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Etnografia, Trançado, Artesanato Decorativo, Cestaria

Dimensões: 16cm, 22,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cachepot na cor natural com detalhes marrom

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto vasiforme é um recipiente trançado em forma de vaso, podendo ter gargalo e bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula, usado como cesto de pescador, defumador de pimenta, ou para guardar objetos longos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.2.19

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico, Brinquedo

Material/Técnica: Fasquias de tucum / Trançado, Tafetá entretecido

Dimensões: 18m, 11cm, 1,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.15.1

Objeto/Título: Covo indígena (armadilha para pesca)

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Para Pesca

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Varetas de bambu e arames / Trançado quadrado

Dimensões: 58,5cm, 22,5cm

Descrição_antigo: Armadilha de recipiente para pesca, em forma de cilindro com pontas internas voltadas para dentro como um cone invertido que impede a saída do peixe. Confeccionada em varetas de bambu amarradas com arame. Este tipo de armadilha é ainda hoje muito usada para a pesca em barragens, rios e mare rasantes.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 1 e prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, covo, também conhecido como matapi, é uma armadilha de pesca feita de varetas, unidas entre si por trançado torcido, oblonga, fechada em funil na parte posterior, alargada na do meio e extrovertida na anterior. O bambu possui caules lenhificados utilizados na fabricação de diversos objetos como instrumentos musicais, móveis, cestos e até na construção civil. Também é possível produzir a partir desta gramínea, a fibra de bambu.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 61.32.1

Objeto/Título: Vassoura Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, artesanato indígena, uso domestico

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de Ouricuri / Trançado - Desfiado

Dimensões: 34cm, 9,5cm

Ano de aquisição: 1961

Aquisição: Doação

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. Vassoura confeccionada em palha natural amarrada para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no

primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 66.51.1

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Autoria: Fulni-ô

Material/Técnica: Palha/ Trançado - Desfiado

Dimensões: 33cm, 14cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural amarrada para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 70.122.1

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Material/Técnica: Palha de carnaúba / Trançado

Dimensões: 31cm, 11,5cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural amarrada para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 75.130.1

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Material/Técnica: Palha de carnaúba / Trançado

Dimensões: 28,5cm, 9cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural amarrada para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.14.4

Objeto/Título: Feixe de palha

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha de carnaúba / Trançado

Dimensões: 37cm, 12cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural amarrada para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento.

Ano de aquisição: 31/08/1981

Aquisição: Doação

Procedência: Fernando De Mello Freyre

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence, e se tem relação com algum povo indígena. “Feixe” é um conjunto de objetos; grande quantidade de algo; molho; ou braçada. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.



Número de registro: 81.16.10

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Santa Quitéria, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 26m, 9cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.11

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Santa Quitéria, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 27m, 8,5cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.13

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Santa Quitéria, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 17m, 10cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.14

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Santa Quitéria, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 28,5m, 6,5cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.146

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 25m, 9,5cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.147

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 31m, 8cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.148

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 28m, 11,5cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.149

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 27m, 7cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.150

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 31m, 18cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.151

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 31m, 18cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.152

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de tucum / Trançado - Desfiado

Dimensões: 26m, 12cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. A carnaúba, também chamada carnaubeira e carnaíba, é uma palmeira, da família Arecaceae, endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil. É a árvore-símbolo do Estado do Ceará e do Estado do Piauí, conhecida como "árvore da vida", pois oferece uma infinidade de usos ao ser humano.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.18.1

Objeto/Título: Vassoura

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato uso doméstico, Limpeza

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de buriti / Trançado - Costurado

Dimensões: 25,5m, 7cm

Descrição_antigo: Vassoura confeccionada em palha natural de carnaúba, amarradas para conter as hastes que formam o cabo, trabalhado com um simples entrelaçamento das palhas.

Ano de aquisição: 1981

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 1

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.50.1

Objeto/Título: Chapéu

Subclasse: Etnografia, Trancado, Indumentaria, Artesanato uso pessoal

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Palha / Trançado - Diagonal

Dimensões: 11,5cm, 29 cm

Descrição_antigo: Chapéu de aba curta e copa alta, confeccionado em palha natural, trancado diagonal

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.13.4

Objeto/Título: Cesto vasiforme

Subclasse: Etnografia, Trancado, Cestaria, Artesanato doméstico

Autoria: Não identificado

Local de execução: Parnaíba, Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha de carnaúba / Traçado diagonal

Dimensões: 21cm, 35cm, 10cm

Ano de aquisição: 31/08/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto redondo aberto, confeccionado em palha de carnaúba tingida nas cores verde, rosa, roxo e amarelo, trancado diagonal. usado para decorar

Procedência_antigo: Cooperativa Artesanal Mista

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 2

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence, e se tem relação com algum povo indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto vasiforme é um recipiente trançado em forma de vaso, podendo ter gargalo e bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula, usado como cesto de pescador, defumador de pimenta, ou para guardar objetos longos.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.52.1

Objeto/Título: Bolsa trançada

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato, Indumentária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de buriti / Trançado em ponto de crochê

Dimensões: 44,5cm, 31cm, 2cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola retangular com alças entrançadas, confeccionada em palha de buriti natural, trabalhada em ponto de croche aberto formando um rendilhado

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 4

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros Mauritia, Mauritiella, Trithrinax e Astrocaryum, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 75.128.1

Objeto/Título: Bolsa oval trançada

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato, Indumentária

Material/Técnica: Palha, Papel Crepom Vermelho, Azul, Amarelo / Trançado, Costurado, Espacejado

Dimensões: 49,5cm, 41cm, 14cm

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Bolsa redonda com alças, trancado vazado costurado e espacejado, no formato de dois chapéus ligados, confeccionada em palha enrolada como feixes roliços, decorados com papel celofane vermelho, azul e amarelo

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 4

Observações: Não há identificação sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.14.1

Objeto/Título: Bolsa trançada

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato uso doméstico

Local de execução: Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha de tabua / Trançado sarjado entrançado

Dimensões: 44cm, 28,5cm, 5,5cm

Ano de aquisição: 31/08/1981

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Bolsa redonda com alças, trancado vazado costurado e espacejado, no formato de dois chapéus ligados, confeccionada em palha enrolada como feixes roliços, decorados com papel celofane vermelho, azul e amarelo

Procedência_antigo: Fernando de Melo Freyre

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 4

Observações: Não há identificação sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.47.1

Objeto/Título: Bolsa trançada

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato uso pessoal

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado, Cruzado, Sarjado

Dimensões: 50cm, 34,5cm, 2cm

Ano de aquisição: 12/04/1966

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola retangular com duas pequenas alças trancadas, confeccionada em palha natural, trancado cruzado sarjado, usada para pequenas compras nas feiras do nordeste

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 6

Observações: Não há identificação sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.48.1

Objeto/Título: Bolsa trançada

Subclasse: Etnografia, Trançado, Indumentária, Artesanato uso pessoal, Cestaria-

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado, Cruzado, Sarjado

Dimensões: 50cm, 34,5cm, 2cm

Ano de aquisição: 12/04/1966

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola retangular com duas pequenas alças trancadas, confeccionada em palha natural, trancado cruzado sarjado, usada para pequenas compras nas feiras do nordeste

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 6

Observações: Não há identificação sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.2.13

Objeto/Título: Bolsa trançada Fulni-ô

Subclasse: Etnografia / Trancado / Artesanato indígena / Cestaria / Objeto uso pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Tala de Ouricuri / Trancado entrelaçado diagonal

Dimensões: 56,5cm, 40cm, 4cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sacola com alças, retangular, confeccionada em palha de ouricuri natural, trancado entrelaçado diagonal quadriculado, orela dupla.

Procedência_antigo: Indígenas Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 6

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena



General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.17

Objeto/Título: Abano trançado Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Uso doméstico, Cozinha

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha Ouricuri / Trançado quadriculado diagonal

Dimensões: 29cm, 19cm, 1,5cm

Descrição_antigo: Abano retangular, trancado quadriculado diagonal policromado, decorado nas cores rosa e verde

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Aldeia Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 7

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se



encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 70.123.1

Objeto/Título: Abano trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Cozinha

Local de execução: -

Material/Técnica: Talos de palmeira / Trançado cruzado diagonal

Dimensões: 25cm, 30cm, 25cm

Descrição_antigo: Abano retangular, trancado quadriculado diagonal policromado, decorado nas cores rosa e verde

Ano de aquisição: 1970

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 7

Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.17.1

Objeto/Título: Abano trançado (Ventarola)

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Cozinha

Local de execução: Barra, Piauí, Brasil

Material/Técnica: Talos de palmeira / Trançado cruzado diagonal

Dimensões: 25cm, 30cm, 25cm

Descrição_antigo: Abano tipo ventarola ovalado com cabo curto, confeccionado em palha natural, trancado diagonal entrançado. Usado como leque.

Ano de aquisição: 03/12/1980

Aquisição: Doação

Procedência: Maria Regina Martins B.e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.3.A.B

Objeto/Título: Cesto com tampa

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato

Autoria: Não identificado

Local de execução: Pará, Brasil

Material/Técnica: Talo de Arumã / Trançado, Sarjado, Espinha De Peixe

Dimensões: 3,5cm, 14cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto com tampa, redondo, trancado, provavelmente para uso decorativo

Procedência_antigo: Osmar Salles De Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.1.A.B

Objeto/Título: Cesto com tampa

Subclasse: Etnografia, Trancado, Cestaria, Artesanato decorativo

Autoria: Não identificado

Local de execução: Pará, Brasil

Material/Técnica: Talo de Arumã / Trançado, Sarjado, Espinha De Peixe

Dimensões: 15,5cm, 16,5cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto com tampa redondo e fundo, confeccionado em fibras de seda de arumã, trançado sarjado espinha de peixe, usado para guardar pequenos objetos, com função decorativa

Procedência_antigo: Osmar Salles De Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor parda clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.2.A.B

Objeto/Título: Cesto com tampa

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato

Autoria: Não identificado

Local de execução: Pará, Brasil

Material/Técnica: Talo de Arumã / Trançado, Sarjado, Espinha De Peixe

Dimensões: 5,5cm, 16,5cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto com tampa, redondo, trançado, provavelmente para uso decorativo

Procedência_antigo: Osmar Salles De Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.4.A.B

Objeto/Título: Cesto com tampa

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato

Autoria: Não identificado

Local de execução: Pará, Brasil

Material/Técnica: Talo de Arumã / Trançado, Sarjado, Espinha De Peixe

Dimensões: 3cm, 12cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto com tampa, redondo, trançado, provavelmente para uso decorativo

Procedência_antigo: Osmar Salles De Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 2, armário 2 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor parda clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.13.1

Objeto/Título: Cesto-cargueiro

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato uso pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: Parnaíba, Piauí, Brasil

Material/Técnica: Cipó, Leite escurecido / Trançado arqueado

Dimensões: 58cm, 37cm, 24,5cm

Ano de aquisição: 31/08/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto fundo com tampa e alças de corda, confeccionado em cipó de leite escurecido trancado arqueado. Usado para pesca

Procedência_antigo: Cooperativa Artesanal Mista

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto-cargueiro é um recipiente trançado, de tamanho avantajado, com uma alça para cingir a testa, ou com duas alças para transpor os braços, usado sobre as costas, no transporte de carga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.B

Objeto/Título: Carcás

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 25cm, 8cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, carcás é um recipiente acessório da sarabatana, provido de alça, no qual são acondicionadas pequenas setas envenenadas com curare.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.C

Objeto/Título: Seta de sarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 1cm, 23cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, seta de sarabatana é uma arma de sopro ofensiva que se constitui em finos estiletes de madeira ou em raízes-escoras, muitas vezes extraídos da palmeira paxiúba barriguda, aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare, impelidos por sopro através de uma sarabatana, geralmente conduzidos em carcases.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.D

Objeto/Título: Seta de sarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 1cm, 23cm, 1cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: -

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, seta de sarabatana é uma arma de sopro ofensiva que se constitui em finos estiletes de madeira ou em raízes-escoras, muitas vezes extraídos da palmeira paxiúba barriguda, aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare, impelidos por sopro através de uma sarabatana, geralmente conduzidos em carcases.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.E

Objeto/Título: Seta de sarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 1cm, 23cm, 1cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, seta de sarabatana é uma arma de sopro ofensiva que se constitui em finos estiletes de madeira ou em raízes-escoras, muitas vezes extraídos da palmeira paxiúba barriguda, aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare, impelidos por sopro através de uma sarabatana, geralmente conduzidos em carcases.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.F

Objeto/Título: Seta de sarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 2cm, 23cm, 1cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, seta de sarabatana é uma arma de sopro ofensiva que se constitui em finos estiletes de madeira ou em raízes-escoras, muitas vezes extraídos da palmeira paxiúba barriguda, aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare, impelidos por sopro através de uma sarabatana, geralmente conduzidos em carcases.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.G

Objeto/Título: Seta de sarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 1cm, 23cm, 1cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, seta de sarabatana é uma arma de sopro ofensiva que se constitui em finos estiletes de madeira ou em raízes-escoras, muitas vezes extraídos da palmeira paxiúba barriguda, aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare, impelidos por sopro através de uma sarabatana, geralmente conduzidos em carcases.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 68.29.1

Objeto/Título: Tela em plumária (quadro)

Autoria: Não identificado

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Penas napa

Dimensões: 2cm, 55cm, 47cm

Ano de aquisição: 10/10/1968

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Catarina Real

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 2



Observações: Segundo os metadados anteriores, se trata de uma peça do povo Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter

viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Número de registro: 60.2.1

Objeto/Título: Colar de canutilhos

Subclasse: Etnografia, Arte, Plumaria, Adorno Pessoal, Instrumento

Autoria: Não identificado

Local de execução: Maranhão, Brasil (Pindaré-Gurupi)

Material/Técnica: Osso - Penas / Amarração - Colagem

Dimensões: 49cm, 5cm

Ano de aquisição: 27/12/1960

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de canutilhos é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter componentes ornamentais em forma de tubos fragmentados de ossos longos de aves, e também de taquaras, enfiados em cordéis.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 60.3.1

Objeto/Título: Colar de pingente Ka'apor

Subclasse: Etnografia, Arte, Plumaria, Adorno Pessoal

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil (Pindaré-Gurupi)

Material/Técnica: Penas - Tecido / Trançado – Colagem - Costura

Dimensões: 36cm, 9cm

Ano de aquisição: 27/12/1960

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Colar feminino, trançado de algodão com fieira de plumas de papo de tucano, um medalhão no topo e uma placa ou pingente na extremidade, ambos de penas e ornitomorfos

Procedência_antigo: Ka'apor

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracáçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apear. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto



como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 81.16.73

Objeto/Título: Testeira trançada

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Sementes - Penas

Dimensões: 6cm, 11cm, 31,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.74

Objeto/Título: Testeira trançada

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Sementes - Penas

Dimensões: 11m, 13cm, 29cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.72

Objeto/Título: Testeira trançada

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Penas

Dimensões: 7m, 20cm, 26cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.71

Objeto/Título: Tiara indígena

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Penas - Sementes

Dimensões: 1,5m, 23cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.85

Objeto/Título: Diadema horizontal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 20,5m, 91cm, 1,5

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.45

Objeto/Título: Maracá Ka'apor (chocalho globular)

Autoria: Ka'apor

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Coité – Madeira – Palha - Sementes

Dimensões: 44m, 28,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 3



Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.). De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambô, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembê e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembê (Tenetehara) e Guajá: das duas,

parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 66.230.1

Objeto/Título: Tear (em forma de pente)

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 1,5m, 66cm, 20cm

Ano de aquisição: 14/11/1966

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tear é um equipamento têxtil usado para tensão de fios que, tramados, produzem um tecido.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.36.1

Objeto/Título: Cesto miniatura

Subclasse: Etnografia / Trancado / Cestaria / Artesanato indígena / Lúdico

Autoria: Não identificado

Local de execução: Iha das Onças, Belém, Pará

Material/Técnica: Palha de arumã / Trançado quadricular

Dimensões: 7,5 x 7 cm

Descrição_antiga: Cesto com alça miniatura, confeccionado em talas de arumã natural, trancado quadriculado. provavelmente artesanato feito pelos índios do meio norte do Brasil, usado como brinquedo

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesta é um utensílio manufaturado com elementos vegetais (palha, tala) adredemente preparados, segundo técnicas do trançado, provido ou não de alças e de tampa, com várias utilidades: transporte de carga ou de bebês, guarda ou serviço de alimentos, guarda de utensílios domésticos ou pessoais etc. Arumã (*Ischnosiphon spp.*), da família das matantáceas, é uma espécie de cana de colmo liso e reto, oferece superfícies planas, flexíveis, que suportam o corte de talas milimétricas. O colmo da planta é descascado/raspado/ariado, pode ser tingido ou mantido na cor natural. Também usado com casca, que lhe confere maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão, onde a planta (que tem várias espécies) cresce em regiões semi-alagadas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.25.1

Objeto/Título: Peneira

Subclasse: Etnografia, Trancado, Artesanato, Cozinha

Autoria: Não identificado

Local de execução: Juazeiro, Bahia, Brasil

Material/Técnica: Lâminas de tucum / Trançado sarjado – Espinha de peixe

Dimensões: 7,5cm, 37cm

Descrição_antigo: Peneira quadrada pequena, confeccionada em lâmina de tucum natural, trancado sarjado, espinha de peixe malha apertada, grade dupla de cipó, usada para peneirar grãos

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha. Tucum (*Bactris setosa*), tucunzeiro, é uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Atinge de 10 a 12 metros de altura. Tem caules coberto por espinhos, sendo muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 centímetros de diâmetro. Das folhas, faz-se uma fibra muito forte e útil.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 52.208.1

Objeto/Título: Capacete Palikur

Subclasse: Etnologia, Arte Indígena

Autoria: Palikur

Material/Técnica: Penas – Vime / Trançado - Amarração

Dimensões: 14,5cm, 39cm, 32cm

Descrição_antigo: Capacete indígena com penas brancas, pretas, rosas

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Palikur estão divididos entre os dois lados da fronteira Brasil/ Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão localizados no extremo norte do Estado do Amapá, no perímetro do município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá, um tributário do baixo rio Oiapoque. São os habitantes mais antigos dentre as populações indígenas que atualmente vivem nesta região que, segundo dados arqueológicos e fontes históricas, até a invasão europeia, foi amplamente ocupada por populações Arawak. Hoje em dia, os Palikur são os únicos representantes dessa ocupação. Os Palikur falam o parikwaki, uma língua pertencente à sub-família Maipure filiada à grande família linguística Arawak. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o créole, proveniente do francês, língua forjada na rede de relações socioeconômicas que interligava colonos franceses, escravos de origem africana e os índios da região; a língua Kaliña da família linguística Karib, falada pelos Galibi do Oiapoque; e o patoá, uma variação do créole que, por processos diferentes, foi adotada pelos Karipuna e Galibi-Marworno como língua indígena diferenciada.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>

Número de registro: 52.209.1

Objeto/Título: Capacete Palikur

Subclasse: Etnologia, Arte Indígena

Autoria: Palikur

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Vime / Trançado - Amarração

Dimensões: 13cm, 37cm, 35cm

Descrição_antigo: Penas brancas, azuis e pintadas

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Palikur estão divididos entre os dois lados da fronteira Brasil/ Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão localizados no extremo norte do Estado do Amapá, no perímetro do município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá, um tributário do baixo rio Oiapoque. São os habitantes mais antigos dentre as populações indígenas que atualmente vivem nesta região que, segundo dados arqueológicos e fontes históricas, até a invasão européia, foi amplamente ocupada por populações Arawak. Hoje em dia, os Palikur são os únicos representantes dessa ocupação. Os Palikur falam o parikwaki, uma língua pertencente à sub-família Maipure filiada à grande família linguística Arawak. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o créole, proveniente do francês, língua forjada na rede de relações socioeconômicas que interligava colonos franceses, escravos de origem africana e os índios da região; a língua Kaliña da família linguística Karib, falada pelos Galibi do Oiapoque; e o patoá, uma variação do créole que, por processos diferentes, foi adotada pelos Karipuna e Galibi-Marworno como língua indígena diferenciada.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>

Número de registro: 50.5.1

Objeto/Título: Pente de uma haste singelo Ka'apor

Subclasse: Etnologia, Arte Indígena

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil (Pindaré-Gurupi)

Material/Técnica: Penas – Vime / Trançado - Amarração

Descrição_antigo: Pente de madeira, adornado com pequenos ossos, guirlandas e pingentes de plumas. Usado por homens e mulheres como o mais faustoso dos adereços

Aquisição: Doação

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, pente de uma haste singelo é um utensílio para cuidado/higiene dos cabelos, composto de duas barras transversais que se correspondem entre si, no qual os dentes ficam só de um lado. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia

do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 67.7.1

Objeto/Título: Capacete de plumária Karajá

Subclasse: Etnologia, Arte Indígena

Autoria: Karajá

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Penas – Fibra vegetal

Dimensões: 22,5cm, 32,5cm

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, capacete é um adorno corporal que se constitui numa armação oval para a cabeça, manufaturado com palha trançada ou com outros materiais, como couro animal. Vime é uma haste ou vara nova e flexível de vimeiro que, após ser descascada e seca, é utilizada para fabricações de móveis, cestas, etc. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>

Número de registro: 95.12.14

Objeto/Título: Rede de dormir

Subclasse: Etnografia, Artesanato Indígena, Objeto de Descanso

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Algodão e fios de fibra natural / Trançado

Dimensões: 4cm, 186cm, 135cm

Descrição_antigo: Rede usada para dormir, confeccionada em fios entrelaçados finos de fibra natural

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Compra

Procedência: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6



Observações Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, rede de dormir é um leito balançante, manufaturado de tecido resistente de linho, algodão ou qualquer outra fibra, com as extremidades terminadas em punhas ou argolas, pelas quais a rede é suspensa em armadores ou ganchos, geralmente pregados em paredes, árvores, ou em armações metálicas, usado para dormir. De acordo com o Instituto Socioambiental, os relatos do Asuriní apontam o Rio Xingu, como sua região de origem, aonde teriam vivido com os Parakanã, constituindo no passado um único povo. Estima-se que, nas primeiras décadas deste século, os Asuriní abandonaram a região do Xingu, motivados por uma série de cisões internas e conflitos com outros povos indígenas. Assim, foram deslocando-se para leste, ocupando as cabeceiras do Rio Pacajá e, posteriormente, para as proximidades do Rio Trocará, aonde encontram-se até os dias de hoje [para informações detalhadas sobre as Terras Indígenas em que atualmente vivem, veja ao lado em "Terras habitadas". A TI Trocará é atravessada em toda a sua largura pela PA-156 que divide a área em duas partes. A aldeia e o posto da Funai ficam a leste da estrada, na porção banhada pelo Rio Tocantins. A parte situada a oeste é um retângulo de matas que constituem uma das últimas florestas virgens de certa proporção na região. A TI Trocará está encravada na região do Projeto Grande Carajás, que abrange o Estado do Maranhão e partes do Pará e Tocantins. Este imenso programa de exploração minero-metalúrgica, que vem acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (como a hidrelétrica de Tucuruí e a ferrovia que liga a Serra dos Carajás à São Luís), vem provocando mudanças radicais em toda a estrutura socioeconômica da região habitada pelos Asuriní. Os Asuriní são falantes de uma língua da

família Tupi-Guarani. O termo Asuriní tem sua origem na língua Juruna e, desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação. Os Asuriní do Tocantins são conhecidos também por Asuriní do Trocará (nome da área indígena), e por Akuáwa-Asuriní.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins

Número de registro: 67.38.1

Objeto/Título: Carcás trançado

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Madeira / Trançado

Dimensões: 16,5cm, 2cm, 1cm

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6



Observações Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, carcás é um recipiente acessório da sarabatana, provido de alça, no qual são acondicionadas pequenas setas envenenadas com curare. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>

Número de registro: 81.16.106

Objeto/Título: Pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 25cm, 3cm, 1cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 7

Observações Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, pingente é um adorno pequeno que pende de algum suporte, geralmente de outros adornos corporais, como colares, pulseiras etc.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.108

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 12,5cm, 8m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.3.2

Objeto/Título: Borduna

Local de execução: Porto Seguro, Bahia, Brasil

Material/Técnica: Madeira – Palha - Penas

Dimensões: 46,5cm, 5,5m, 2cm

Ano de aquisição: 17/03/1982

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Adaga com cabo revestido de palha e ornado com penas

Procedência_antigo: Maria Regina Batista e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 7

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, borduna é uma arma de choque contundente, feita de madeira dura e pesada, usada como cacete para bordoar, na qual distinguem-se o cabo, o cinto de separação entre o cabo e o corpo da arma, o segmento superior, o inferior e a extremidade basal, e que apresenta diversas formas na metade inferior do corpo e diversos tipos de decoração. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Pataxó vivem no extremo sul do Estado da Bahia, em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas - Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha -- situadas nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado. No estado de Minas Gerais, os Pataxó vivem em sete comunidades, das quais quatro -- Sede, Imbiruçu, Retirinho e Alto das Posses -- estão localizadas na Terra Indígena Fazenda Guarani, município de Carmésia; Muã Mimatxí, em um imóvel cedido à Funai pelo Serviço de Patrimônio da União, no município de Itapeçerica; Jundiba/Cinta Vermelha, no município de Araçuaí e também habitada pelos Pankararu; e Jeru Tukumã, em Açucena. A rigor, a língua indígena não é mais falada, a comunicação sendo feita através do português mesclado com vocábulos da língua indígena. Todavia, um grande esforço está sendo desenvolvido para a reconstrução do Patxohã.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>



Número de registro: 95.12.11.

Objeto/Título: Colar de pingente Karajá

Subclasse: Etnografia, Artesanato Indígena, Objeto Ritual

Autoria: Karajá

Local de execução: Mato Grosso, Brasil

Material/Técnica: Cabaça, Plumas Brancas, Rosas e Cordel de Palha / Manufaturada

Dimensões: 10cm,6m

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Objeto feito de pequena cabeça pintado com riscos negros, guarnecida de plumas atadas a um fino cordel de fibra trançado

Procedência: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grossa, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.80

Objeto/Título: Cocar (diadema horizontal)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 55cm, 87cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.83

Objeto/Título: Cocar (diadema horizontal)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 14cm, 81cm, 1cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.76

Objeto/Título: Tanga de plumária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 26,5cm, 91cm, 1cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cinza, preta e branca

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tanga é uma peça do vestuário feminino, semelhante ao avental, tecida em tear ou constituída de franjas de cordões de fios flexíveis torcidos um sobre o outro, usada na região compreendida entre o ventre e as coxas, de comprimento variável, caso se destine à mulher adulta ou à criança.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 60.1.1

Objeto/Título: Coroa radial

Subclasse: Etnografia, Arte, Plumaria, Adorno Pessoal

Local de execução: Maranhão, Brasil (Pindaré-Gurupi)

Material/Técnica: Penas – Algodão / Amarração - Trançado

Dimensões: 15cm, 88,5cm, 1,5cm

Ano de aquisição: 27/12/1960

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cor amarela

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e fieiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da fieira.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.84

Objeto/Título: Cocar (diadema vertical)

Subclasse: Etnografia, Arte, Plumaria, Adorno Pessoal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Algodão

Dimensões: 34cm, 66cm, 1cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: -

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema vertical, é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos xinguanos).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.86

Objeto/Título: Cocar (diadema horizontal)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Algodão

Dimensões: 27cm, 79cm, 1,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Amarelo

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.2.16

Objeto/Título: Abano trançado Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Artesanato, Uso Doméstico, Cozinha

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha Ouricuri tingida de verde e rosa / Trançado, Hexagonal Policromado

Dimensões: 1,5cm, 20,5cm, 0,5cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência: Aldeia Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam

um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.15

Objeto/Título: Cinto trançado

Autoria: Não identificado

Material/Técnica: Fibra de tucum

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há identificação a qual etnia a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cinto é um adorno corporal que se constitui numa faixa ou tira, tecida ou trançada, mais estreita do que a cinta, de couro ou de outras matérias-primas, usada ao redor da cintura. Já cinto trançado é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 2000.3.211

Objeto/Título: Cocar (diadema vertical)

Material/Técnica: Penas – Algodão

Dimensões: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. No entanto, pelas plumarias utilizadas, sugere-se que a peça pertença a alguma etnia indígena do Nordeste. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema vertical, é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos xinguanos).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 2000.3.212

Objeto/Título: Coroa radial

Material/Técnica: Penas – Algodão

Dimensões: 22cm, 148cm, 2cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3



Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. No entanto, pelas plumarias utilizadas, sugere-se que a peça pertença a alguma etnia indígena do Nordeste. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e fieiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da fieira.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 60.10.1

Objeto/Título: Braçadeira de cordões Ka'apor

Subclasse: Etnografia, Arte Plumaria, Adorno Pessoal

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil (Pindaré-Gurupi)

Material/Técnica: Penas, Fibra, Vegetal / Amarração

Dimensões: 2cm, 25cm, 1cm

Ano de aquisição: 27/12/1960

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Vermelhas

Procedência: Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, braçadeira de cordões é um adorno corporal que se constitui num conjunto de cordões, manufaturado segundo a técnica de crochê ou passamanaria, às vezes provido de borlas ou franjas, usado na altura do bíceps, como braçadeira. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acentoônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não

considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 62.89.1

Objeto/Título: Adaga manufaturada

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira, osso e palha / Manufaturada

Dimensões: 1,5cm, 21,5cm, 4,5cm

Ano de aquisição: 05/06/1962

Descrição_antigo: Projeto 17/62

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4



Observações: Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas

consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Número de registro: 67.37.1

Objeto/Título: Borduna espatulada Karajá

Autoria: Karajá

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 2cm, 50cm, 5cm

Ano de aquisição: 12/09/1967

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, borduna espatulada é uma arma de choque cuja metade inferior adquire forma de pá. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.125

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 6cm, 44,5cm, 32,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.135

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 5cm, 45cm, 30m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.138

Objeto/Título: Colar

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 4cm, 19cm, 4m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.4.2

Objeto/Título: Cesto vasiforme Kayapó

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato Indígena, Cestaria, Uso Pessoal

Autoria: Kayapó

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Lâminas de Buriti e Cordão de Algodão / Trancado, Sarjado, Tipo Espinha de Peixe

Dimensões: 28cm, 20cm

Ano de aquisição: 04/01/1991

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cesto bolsiforme com tampa e alças finas tecidas com fios de algodão, confeccionado em lâminas de buriti, trancado sarjado diagonal, confeccionado pelos índios Kayapó para transportar pequenos objetos pessoais

Procedência_antigo: Eriberto Costa e Silva

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto vasiforme é um recipiente trançado em forma de vaso, podendo ter gargalo e bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula, usado como cesto de pescador, defumador de pimenta, ou para guardar objetos longos. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros Mauritia, Mauritiella, Trithrinax e Astrocaryum, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti. Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu, desenhando no Brasil Central um território quase tão grande quanto a Áustria. É



praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da porção oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. O território kayapó está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente 300 ou 400 metros acima do nível do mar. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Os próprios não se designam por esse termo, lançado por grupos vizinhos para nomeá-los e que significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que se deve provavelmente a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))

Número de registro: 91.4.3

Objeto/Título: Cesto bolsiforme

Subclasse: Etnografia / Trançado / Cestaria / Artesanato uso doméstico

Autoria: Não identificado

Local de execução: Santa Rita, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado

Dimensões: 6cm, 70cm, 59cm

Ano de aquisição: 04/01/1991

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Eriberto Costa e Silva

Descrição_antigo: Bolsa quadrada com alças, confeccionada em fasquias de buriti trancado entrelaçado gradeado formando padrão geométrico em faixas negras tingidas com pó de carvão e mordente, da tradição dos índios do norte do Brasil. Alça única com acabamento aurelar.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto bolsiforme é um recipiente trançado de espessura mínima ou média, comumente chamado de bolsa, sacola ou patrona, com alça, utilizado para guardar e carregar pequenos pertences de uso pessoal.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.44

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cabaça - Madeira – Penas - Sementes

Dimensões: 61cm, 20cm

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.43

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cabaça - Madeira – Pena

Dimensões: 37cm, 18,5cm

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.55

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Coité - Madeira – Penas

Dimensões: 43cm, 12,5cm

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.56

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cabaça - Madeira – Penas

Dimensões: 32cm, 17cm

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.9.1

Objeto/Título: Cocar Karajá (diadema horizontal)

Autoria: Karajá

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Fibra vegetal / Penas

Dimensões: 16cm, 24,5cm, 3cm

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: -

Procedência: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>

Número de registro: 81.16.81

Objeto/Título: Diadema horizontal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 23,5m, 99cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.82

Objeto/Título: Diadema horizontal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 21m, 87cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.88

Objeto/Título: Diadema horizontal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 23,5m, 133cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.89

Objeto/Título: Diadema horizontal

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 20,5m, 118cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema horizontal, é um corporal usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol, algumas vezes combinado com faixas frontais sobre as coroas trançadas, ou em associação com o diadema rotiforme vertical e o diadema transversal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.139

Objeto/Título: Colar de plumária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 20,5m, 118cm, 2cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.77

Objeto/Título: Testeira trançada

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Sementes - Penas

Dimensões: 3cm, 18cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.42.1

Objeto/Título: Cocar (Diadema vertical)

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 32,5m, 84cm, 2cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema vertical, é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos xinguanos).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.62

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Ka'apor

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cabaça – Madeira – Palha - Penas

Dimensões: 14m, 7,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.110

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 32cm, 7m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.126

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 32cm, 7m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: -

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.115

Objeto/Título: Colar de plumária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 20m, 9cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.118

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 54cm, 5m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.120

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 45cm, 13m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.117

Objeto/Título: Colar de contas

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 55cm, 4,5m

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de contas é um a adorno corporal usado no pescoço, composto de discos (ou " pérolas") com um furo no centro, feitos do endocárpio do coco de palmeiras, de caramujo ou de concha nacarada (madrepérola), de osso, de pedra, de metal, de plástico, de miçanga etc.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.107

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 38,5cm, 10cm, 5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.119

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 30cm, 14,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.127

Objeto/Título: Colar apito

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 22cm, 8,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar apito é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por incluir um apito entre seus elementos ornamentais.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.121

Objeto/Título: Colar apito

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 25cm, 7cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar apito é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por incluir um apito entre seus elementos ornamentais.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.131

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 36cm, 3cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.132

Objeto/Título: Colar de amuleto

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 40cm, 4,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

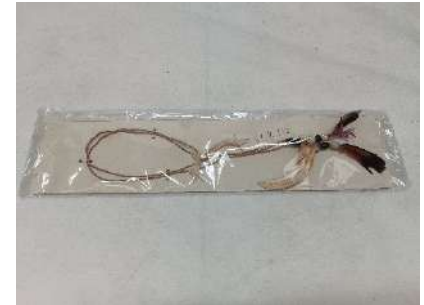
Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de amuleto é um adorno de uso pessoal ao qual são atribuídas virtudes mágicas, preservativas ou curativas, usado em volta do pescoço, como colar.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.133

Objeto/Título: Colar apito

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 8cm, 18cm, 7,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar apito é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por incluir um apito entre seus elementos ornamentais.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.134

Objeto/Título: Colar trançado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 46cm, 5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar trançado é um adorno corporal usado no pescoço, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.39.1

Objeto/Título: Cocar (diadema vertical)

Local de execução: Belém, Pará, Brasil

Material/Técnica: Penas – Fibra vegetal

Dimensões: 31cm, 1cm, 2cm

Ano de aquisição: 12/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema vertical, é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos xinguanos).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.75

Objeto/Título: Tanga de plumária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: 26cm, 98cm, 1cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cinza, preta e branca

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, tanga é uma peça do vestuário feminino, semelhante ao avental, tecida em tear ou constituída de franjas de cordões de fios flexíveis torcidos um sobre o outro, usada na região compreendida entre o ventre e as coxas, de comprimento variável, caso se destine à mulher adulta ou à criança.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.105

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 27cm, 7cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.109

Objeto/Título: Colar de pingentes

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 50cm, 6cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.112

Objeto/Título: Colar de canutilhos Ka'apor

Autoria: Ka'apor

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Osso - Penas / Amarração - Colagem

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Sementes, Penas / Trançado de algodão, sementes, penas e ossos

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de canutilhos é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter componentes ornamentais em forma de tubos fragmentados de ossos longos de aves, e também de taquaras, enfiados em cordéis. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembê e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente,

Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 81.16.113

Objeto/Título: Colar de pingentes

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 35cm, 5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.116

Objeto/Título: Colar de pingentes

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 38,5cm, 10,5cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.123

Objeto/Título: Colar de pingentes

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 40cm, 34cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.136

Objeto/Título: Chocalho globular (maracá com plumária)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Sementes

Dimensões: -

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 1

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.58

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cabaça – Madeira – Palha - Penas

Dimensões: 28cm, 8,5cm

Procedência: Fundação Casa do Artesão

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5 e prateleira 6

Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.26.1

Objeto/Título: Cesto gameliforme

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato, Transporte

Local de execução: -

Material/Técnica: Cipó - Madeira / Trançado - Arqueado

Dimensões: 34,5cm, 53cm, 29xm

Descrição_antigo: Cesto concavo fundo, confeccionado em cipó de grosso calibre, trancado arqueado, usado para transportar mantimentos em animal para as feiras livres, ou comercializar produtos nas zonas rurais. O cacua normalmente é usado aos pares.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 6

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto gameliforme é recipiente trançado, semelhante a uma gamela, de borda alargada e diâmetro proporcional ao da base, de bojo atarracado, ou seja, mais largo que alto, usado para guarda de itens domésticos e para transporte de carga, geralmente transportado sobre a cabeça.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.2.6

Objeto/Título: Cesto bernaliforme

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Indumentária, Artesanato Uso Pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de ouricuri / Trançado - Cordoado - Costurado

Dimensões: 38,5cm, 21cm, 42cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Descrição_antigo: Bolsa funda, oval com alças, confeccionada em palha e ouricuri natural, trancado cordoado costurado aberto, decoração geométrica policromada nas cores vermelho e verde.

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 1

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto cargueiro bernaliforme é um recipiente trançado em forma de bernal, bojudo, geralmente feito com duas folhas em forma de leque, usado para guarda de itens domésticos, para transporte de carga, e como berço para crianças por determinados povos indígenas. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma



delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 66.1.1

Objeto/Título: Chapéu trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Indumentária

Autoria: Não identificado

Local de execução: Guadalupe, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha de babaçu / Trançado - Entrançado

Dimensões: 12 x 30 cm

Descrição_antigo: Chapéu de aba curta e copa alta, confeccionado em palha natural de babaçu, trancado entrançado, decorado com pintura na cor verde

Ano de aquisição: 17/02/1966

Aquisição: Doação

Procedência: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.185.1

Objeto/Título: Cesto estojiforme miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Agave – Corante avermelhado / Costurado, Espacejado

Dimensões: 18,5cm, 10,5cm

Descrição_antigo: Cesta redonda, miniatura, com tampa e alça confeccionada em agave, trancado entrancado costurado e espacejado, tingida de vermelho. peça usada como brinquedo

Ano de aquisição: 14/11/1966

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6, prateleira 2

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.1.2

Objeto/Título: Bolsa trançada oval (miniatura)

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico, Brinquedo

Material/Técnica: Palha / Trançado, Enrolado

Dimensões: 27cm, 9cm, 2,5cm

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Bolsa redonda com tampo e alça, miniatura, confeccionada em palha natural, trancado enrolado, costurado

Procedência_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6, prateleira 2

Observações: Não há identificação sobre a qual etnia indígena pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.2.4

Objeto/Título: Abano trançado (miniatura)

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato lúdico, Brinquedo

Local de execução: Gravatá, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado – Entrelaçado

Dimensões: 14cm, 11cm, 1cm

Descrição_antigo: Abano miniatura, confeccionado em palha natural, trancado sarjado diagonal, usado como brinquedo

Ano de aquisição: 08/11/1976

Aquisição: Doação

Procedência: Maria Graziela Peregrino

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a etnia indígena que confeccionou a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 77.2.7

Objeto/Título: Cesto estojiforme miniatura

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato Lúdico, Brinquedo

Local de execução: Ceará, Brasil

Material/Técnica: Palha / Trançado, Pintura

Dimensões: 22cm, 7cm

Descrição_antigo: Sambura com tampa e alça, miniatura, confeccionado em palha natural, trancado cordelado decorado com tintas nas cores rosa e verde

Ano de aquisição: 08/11/1976

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Maria Graziela Peregrino

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6, prateleira 2

Observações: Não há informação para afirmar se é uma peça da temática indígena. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 79.6.1

Objeto/Título: Feixe de palha buriti

Subclasse: Etnografia, Artesanato, Material para cobertura de casa

Local de execução: Piauí, Brasil

Material/Técnica: Palha de buriti / Trançado

Dimensões: 7cm, 26cm, 8cm

Descrição_antigo: Natural

Aquisição: Compra

Procedência: Fernando Freyre

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 2



Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence, e se tem relação com algum povo indígena. “Feixe” é um conjunto de objetos; grande quantidade de algo; molho; ou braçada. O termo buriti é a designação comum das plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das arecáceas (antigas palmáceas). As folhas jovens produzem uma fibra muito fina, a "seda" do buriti, usada pelos artesãos na fabricação de peças de capim-dourado. Na região dos Lençóis Maranhenses nos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves o artesanato feito por mulheres em vários povoados. A folha jovem, conhecida como "olho do buriti" ou "linho do buriti", possui uma fibra, que é transformada no artesanato de bolsas, tapetes, toalhas de mesa, brinquedos, bijuterias, redes, cobertura de teto, cordas etc. O talo das folhas se presta ainda à fabricação de móveis, que se destacam pela leveza e durabilidade. O caule e as flores são utilizadas na fabricação do vinho de buriti. A madeira é utilizada na construção do instrumento musical viola de buriti.

Número de registro: 62.83.1

Objeto/Título: Trombeta Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Aldeia Fulni-ô, Águas Belas, Pernambuco

Material/Técnica: Tecido - Madeira

Dimensões: 106m, 5cm



Descrição_antigo: Instrumento de madeira, recoberto de tecido. Projeto 17/62. Peça feita de canudo de facheiro dentro do qual se introduz o pífano feito de dois pedaços de taquari, ligadas por cera de abelha. Um sabugo de milho sustenta o taquari no oco da trombeta. Cobre-se o instrumento com uma capa de flanela, quase sempre vermelha, presas por lanços de fitas. A flanela é molhada, de tempos em tempos, para evitar rachaduras na taboca. Extremidades furadas. A trombeta se constitui o principal instrumento da dança denominada “toré” realizada pelos índios Fulni-ô em homenagem a pessoas vivas e mortas. Os indígenas masculinos e femininos tomam parte do toré, ora dançando e cantando, ora tocando o toré. Fulni-ôs ou Karnijós (“gente que mora junto do rio”) habitam a região do Ipanema e da Serra do Comunati, no município de Águas Belas no estado de Pernambuco. Entre todos os remanescentes indígenas do nordeste brasileiro são os menos aculturados. Nos meados do século XVII os Fulni-ôs eram denominados Carnijós. São exímios confeccionadores de artefatos de palha de ouricuri, de agave e de caroá.

Ano de aquisição: 05/06/1962

Aquisição: Compra

Procedência: Prof. Waldemar Valente

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3 e prateleira 6

Observações: Instrumento para o ritual da cafurna Fulni-ô. Trombeta é um instrumento de sopro formado por um tubo longo e afunilado na extremidade, usado no toré e cafurna dos Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da

capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Fulni-ô. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas. As músicas tradicionais do povo Fulni-ô são o toré e a cafurna. O Toré é um ritual sagrado, o cântico coletivo sem letra é o único canto que usa instrumentos de sopro junto à percussão e que segundo seus praticantes é o mais antigo dos Fulni-ô. O toré afirma a união e é praticado em ocasiões especiais. As cafurnas, em Yaathê, são manifestações de sentido múltiplo, pois se referem à dança, à música, aos modos de cantar, à profecia, ao estilo e tradição e à estética.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.60

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Coité – Madeira – Palha

Dimensões: 43m, 11cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Instrumento musical, cabaça, pintura preta, penas coloridas, madeira e palha

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.61

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Cabaça – Madeira – Palha

Dimensões: 31m, 7cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Instrumento musical, cabaça, penas vermelhas e pretas, madeira e palha

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.10

Objeto/Título: Maracá Asurini (chocalho globular)

Subclasse: Etnografia, Instrumento musical indígena

Autoria: Papatinha (Povo Asurini)

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil (Fundação Nacional do Índios)

Material/Técnica: Plumas Vermelhas, Madeira, Cabaça / Plumária

Descrição_antigo: Instrumento musical usado pelos índios nas danças rituais, enfeitado com plumas de arara vermelha

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4



Observações: Segundo o “Tesouro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.). De acordo com o Instituto Socioambiental, os relatos do Asuriní apontam o Rio Xingu, como sua região de origem, aonde teriam vivido com os Parakanã, constituindo no passado um único povo. Estima-se que, nas primeiras décadas deste século, os Asuriní abandonaram a região do Xingu, motivados por uma série de cisões internas e conflitos com outros povos indígenas. Assim, foram deslocando-se para leste, ocupando as cabeceiras do Rio Pacajá e, posteriormente, para as proximidades do Rio Trocará, aonde encontram-se até os dias de hoje [para informações detalhadas sobre as Terras Indígenas em que atualmente vivem, veja ao lado em "Terras habitadas". A TI Trocará é atravessada em toda a sua largura pela PA-156 que divide a área em duas partes. A aldeia e o posto da Funai ficam a leste da estrada, na porção banhada pelo Rio Tocantins. A parte situada a oeste é um retângulo de matas que constituem uma das últimas florestas virgens de certa proporção na região. A TI Trocará está encravada na região do Projeto Grande Carajás, que abrange o Estado do Maranhão e partes do Pará e Tocantins. Este imenso programa de exploração minero-metalúrgica, que vem acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (como a hidrelétrica de Tucuruí e a ferrovia que liga a Serra dos Carajás à São Luís), vem provocando mudanças radicais em toda a estrutura socioeconômica da região habitada pelos Asuriní. Os Asuriní são falantes de uma língua

da família Tupi-Guarani. O termo Asuriní tem sua origem na língua Juruna e, desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação. Os Asuriní do Tocantins são conhecidos também por Asuriní do Trocará (nome da área indígena), e por Akuáwa-Asuriní.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini do Tocantins](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins)

Número de registro: 81.16.124

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.122

Objeto/Título: Colar de contas

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de contas é um a adorno corporal usado no pescoço, composto de discos (ou " pérolas") com um furo no centro, feitos do endocárpio do coco de palmeiras, de caramujo ou de concha nacarada (madrepérola), de osso, de pedra, de metal, de plástico, de miçanga etc.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.140

Objeto/Título: Colar de contas

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de contas é um a adorno corporal usado no pescoço, composto de discos (ou " pérolas") com um furo no centro, feitos do endocárpio do coco de palmeiras, de caramujo ou de concha nacarada (madrepérola), de osso, de pedra, de metal, de plástico, de miçanga etc.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.114

Objeto/Título: Colar de plumária

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.144

Objeto/Título: Colar de plumária Ka'apor

Autoria: Ka'apor

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas - Algodão

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Trançado em palha, ornado com sementes e penas. usado também como pulseira e nos tornozelos

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar é um adorno corporal trançado, tecido ou constituído de elementos ornamentais de origem animal (inclusive plumas e penas), vegetal, mineral ou industrializada, usado à volta do pescoço. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente,

Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 81.16.141

Objeto/Título: Colar de amuleto Ka'apor

Autoria: Ka'apor

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de amuleto é um adorno de uso pessoal ao qual são atribuídas virtudes mágicas, preservativas ou curativas, usado em volta do pescoço, como colar. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais

parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 81.16.128

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: -

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.129

Objeto/Título: Colar de pingente

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Sementes - Penas

Dimensões: 11cm, 7cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.57

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Cabaça – Madeira – Palha

Dimensões: 35cm, 10cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.59

Objeto/Título: Maracá (chocalho globular)

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Penas – Coité – Madeira

Dimensões: 40m, 15cm

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chocalho globular é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovóide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 66.49.1

Objeto/Título: Chapéu trançado

Subclasse: Etnografia, Indumentária, Artesanato Uso Pessoal

Autoria: Não identificado

Local de execução: Juazeiro, Ceará, Brasil

Material/Técnica: Palha de Ouricuri / Trancado, Sarjado, Espinha de Peixe Costurada

Dimensões: 12,5cm, 39,5cm

Descrição_antigo: Natural

Ano de aquisição: 12/04/1966

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.16.1

Objeto/Título: Chapéu Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Indumentaria Uso Pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de ouricuri / Trançado - Sarjado - Espinha de peixe

Dimensões: 14m, 39cm

Descrição_antigo: Chapéu de abas largas e copa alta, confeccionado em palha natural, trancado diagonal sarjado e espinha de peixe

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser

considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 93.16.2

Objeto/Título: Chapéu Fulni-ô

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Indumentaria Uso Pessoal

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Palha de ouricuri / Trançado - Sarjado - Espinha de peixe

Dimensões: 14m, 38,5cm

Descrição_antigo: Chapéu de abas largas e copa alta, confeccionado em palha natural, trancado diagonal sarjado e espinha de peixe

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu. Ouricuri, *Syagrus coronata*, é uma palmeira nativa do bioma Caatinga e de toda a costa leste do Brasil. Pode chegar a ter 12 metros de altura. A sua palha é bastante utilizada por populações indígenas, incluindo os Fulni-ô. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser

considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 81.16.15

Objeto/Título: Chapéu trançado

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Dimensões: -

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Descrição_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 75.127.1

Objeto/Título: Chapéu trançado

Subclasse: Etnografia, Trançado, Artesanato, Indumentaria

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha – Corante / Trançado, Enlaçado, Costurado, Policromo em roxo

Dimensões: 12cm, 49cm

Descrição_antigo: Chapéu com aba larga e copa arredondada, trancado enlaçado e costurado em palha natural, abas largas decorada com um friso lilás

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, chapéu é uma peça de indumentária, com copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. Já chapéu trançado é uma peça de indumentária trançada, constituindo-se num tipo de chapéu.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 81.16.5

Objeto/Título: Cesto-cargueiro coniforme

Subclasse: Etnografia, Trançado, Cestaria, Artesanato Indígena, Transporte

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Palha (guauma e tucum) / Trançado, Entretecido, Textura, Tafetá

Ano de aquisição: 23/10/1981

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fundação Casa do Artesão

Descrição_antigo: Cesta de palha de guaiuma e tucum, funda, em forma de cone, com estreitamento na boca, alças duplas para apoio na cabeça, trancado entretecido textura tafetá apertado, bordos revirados cordados, usado pelos índios como equipamento para transporte de raízes

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6 e prateleira 6

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto-cargueiro é um recipiente trançado, cilíndrico, com fundo cônico ou arredondado, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal e possuindo borda extrovertida, usado no transporte de carga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.5.92

Objeto/Título: Flecha espeque

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cipó, Linha, Pena

Dimensões: 1cm, 92cm

Ano de aquisição: 22/11/1990

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Marly Arruda R Mota

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha espeque é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha, provida de ponta de madeira aguçada e endurecida ao fogo, sem vareta, lisa e sem farpas, usada principalmente para espetar animais pequenos, como ratos e lagartixas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 91.5.91

Objeto/Título: Flecha espeque

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Cipó, Linha, Pena

Dimensões: 1,5cm, 3cm, 56cm

Ano de aquisição: 22/11/1990

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Marly Arruda R Mota

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha espeque é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha, provida de ponta de madeira aguçada e endurecida ao fogo, sem vareta, lisa e sem farpas, usada principalmente para espetar animais pequenos, como ratos e lagartixas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.82.1

Objeto/Título: Flecha

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Taquara, Pena

Dimensões: 1,5cm, 4cm, 158cm

Ano de aquisição: 02/10/1967

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Museu de Proteção aos Índios

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. A taquara era conhecida e usada desde tempos pré-colombianos pelos povos nativos da América do Sul, que lhe davam as mais diversas utilidades, desde o uso de seus colmos ocos como pequenos recipientes, como canudos para diversas finalidades (inclusive na zarabatana), como vigas e travessas leves para a construção de suas habitações, como cercas ou paliçadas leves para a contenção de aves ou outros pequenos animais e principalmente, com suas lascas, para feitiço de cestas das mais diversas formas e para as mais diversas utilidades, como alqueires e balaios. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do género Aratinga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 85.16.7

Objeto/Título: Flecha

Subclasse: Etnografia

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 1,5cm, 150cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. A taquara era conhecida e usada desde tempos pré-colombianos pelos povos nativos da América do Sul, que lhe davam as mais diversas utilidades, desde o uso de seus colmos ocos como pequenos recipientes, como canudos para diversas finalidades (inclusive na zarabatana), como vigas e travessas leves para a construção de suas habitações, como cercas ou paliçadas leves para a contenção de aves ou outros pequenos animais e principalmente, com suas lascas, para feitiço de cestas das mais diversas formas e para as mais diversas utilidades, como alqueires e balaios. A ave jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do gênero Aratinga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 85.16.11

Objeto/Título: Flecha triangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia - Armaria

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 5cm, 4cm, 103cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha triangular é uma arma de arremesso com ponta em forma de seta, de arestas aguçadas, feita de madeira, metal e, antigamente, de pedra. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais

tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.12

Objeto/Título: Flecha triangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia - Armaria

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 2cm, 4cm, 104cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha triangular é uma arma de arremesso com ponta em forma de seta, de arestas aguçadas, feita de madeira, metal e, antigamente, de pedra. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais

tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.6

Objeto/Título: Flecha lanceolada

Subclasse: Etnografia

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 1cm, 3cm, 117cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.23

Objeto/Título: Flecha lanceolada arqueada

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Local de execução: Belém, Pará, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Bambu, Fio de Algodão e Pena Branca / Entalhe

Dimensões: 2,5cm, 5cm, 151cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Descrição_antigo: Flecha de bambu feita para pesca, com pena branca e preta. Haste de bambu danificada e desconectada da ponta da lança

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada arqueada é uma arma de arremesso que se caracteriza por ter a ponta em forma de lança, curva, geralmente de taquara.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 68.17.2

Objeto/Título: Flecha serrilhada Canela

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 1,5cm, 175,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha serrilhada é uma arma de arremesso provida de ponta com entalhe em forma de serra. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekráe os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 95.12.17

Objeto/Título: Flecha lanceolada Asurini

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Asurini

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Madeira Sucupira, Pena de Urutum / Emplumado

Dimensões: 1cm, 3,5cm, 63cm

Ano de aquisição: 29/12/93

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Descrição_antigo: Flecha fina de sucupira com terminação no punho de pena de urtum na cor preta

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal. De acordo com o Instituto Socioambiental, os relatos do Asuriní apontam o Rio Xingu, como sua região de origem, aonde teriam vivido com os Parakanã, constituindo no passado um único povo. Estima-se que, nas primeiras décadas deste século, os Asuriní abandonaram a região do Xingu, motivados por uma série de cisões internas e conflitos com outros povos indígenas. Assim, foram deslocando-se para leste, ocupando as cabeceiras do Rio Pacajá e, posteriormente, para as proximidades do Rio Trocará, aonde encontram-se até os dias de hoje [para informações detalhadas sobre as Terras Indígenas em que atualmente vivem, veja ao lado em "Terras habitadas". A TI Trocará é atravessada em toda a sua largura pela PA-156 que divide a área em duas partes. A aldeia e o posto da Funai ficam a leste da estrada, na porção banhada pelo Rio Tocantins. A parte situada a oeste é um retângulo de matas que constituem uma das últimas florestas virgens de certa proporção na região. A TI Trocará está encravada na região do Projeto Grande Carajás, que abrange o Estado do Maranhão e partes do Pará e Tocantins. Este imenso programa de exploração mineiro-metalúrgica, que vem acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (como a hidrelétrica de Tucuruí e a ferrovia que liga a Serra dos Carajás à São Luís), vem provocando



mudanças radicais em toda a estrutura socioeconômica da região habitada pelos Asuriní. Os Asuriní são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. O termo Asuriní tem sua origem na língua Juruna e, desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação. Os Asuriní do Tocantins são conhecidos também por Asuriní do Trocará (nome da área indígena), e por Akuáwa-Asuriní.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini do Tocantins](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins)

Número de registro: 85.16.8

Objeto/Título: Flecha farpada Canela

Subclasse: Etnografia

Autoria: Asurini

Local de execução: Barra do Corda, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira / Entalhe

Procedência_antigo: Aécio Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha farpada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha com ponteira de madeira, osso ou metal, provida de fisga terminal e farpas distribuídas por um ou ambos os lados. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekráe os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 85.16.13

Objeto/Título: Flecha triangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia - Armaria

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 1,5cm, 3cm, 75cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, triangular é uma arma de arremesso com ponta em forma de seta, de arestas aguçadas, feita de madeira, metal e, antigamente, de pedra. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais

tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 95.12.16

Objeto/Título: Arco Asurini

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Asurini

Local de execução: Manaus, Amazonas Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Sucupira, Fio de algodão tingido de vermelho / Torcedura

Dimensões: 4,5cm, 4cm, 70cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Descrição_antigo: Arco confeccionado por criança indígena, marcado ao centro com cordel de algodão torcido e fio vermelho de algodão

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. De acordo com o Instituto Socioambiental, os relatos do Asuriní apontam o Rio Xingu, como sua região de origem, aonde teriam vivido com os Parakanã, constituindo no passado um único povo. Estima-se que, nas primeiras décadas deste século, os Asuriní abandonaram a região do Xingu, motivados por uma série de cisões internas e conflitos com outros povos indígenas. Assim, foram deslocando-se para leste, ocupando as cabeceiras do Rio Pacajá e, posteriormente, para as proximidades do Rio Trocará, aonde encontram-se até os dias de hoje [para informações detalhadas sobre as Terras Indígenas em que atualmente vivem, veja ao lado em "Terras habitadas". A TI Trocará é atravessada em toda a sua largura pela PA-156 que divide a área em duas partes. A aldeia e o posto da Funai ficam a leste da estrada, na porção banhada pelo Rio Tocantins. A parte situada a oeste é um retângulo de matas que constituem uma das últimas florestas virgens de certa proporção na região. A TI Trocará está encravada na região do Projeto Grande Carajás, que abrange o Estado do Maranhão e partes do Pará e Tocantins. Este imenso programa de exploração mínero-metalúrgica, que vem acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (como a hidrelétrica de Tucuruí e a ferrovia que liga a Serra dos Carajás à São



Luís), vem provocando mudanças radicais em toda a estrutura socioeconômica da região habitada pelos Asuriní. Os Asuriní são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani. O termo Asuriní tem sua origem na língua Juruna e, desde o século passado, vem sendo utilizado para designar diferentes grupos Tupi da região entre os rios Xingu e Tocantins. Este termo começou a ser empregado para denominar este povo em particular na década de 50, pelos funcionários do SPI durante os trabalhos de pacificação. Os Asuriní do Tocantins são conhecidos também por Asuriní do Trocará (nome da área indígena), e por Akuáwa-Asuriní.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini do Tocantins](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins)

Número de registro: 82.2.1.A

Objeto/Título: Arco Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira – Fibra vegetal

Dimensões: 3cm, 97cm, 117cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz

perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.3.A

Objeto/Título: Arco Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira – Fibra vegetal

Dimensões: 12cm, 3,5cm, 77cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Descrição_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a

exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.2.A

Objeto/Título: Arco Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira – Fibra vegetal

Dimensões: 3,5cm, 18cm, 108cm

Ano de aquisição: 22/02/1986

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Descrição_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a

exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 67.85.1

Objeto/Título: Arco retangular

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Madeira Fios de Algodão

Dimensões: 28cm, 2,5cm, 113cm

Ano de aquisição: 20/10/1967

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Museu de Proteção aos Índios

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 68.18.1

Objeto/Título: Arco retangular

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Fibra vegetal / Entalhe

Dimensões: 3cm, 32cm, 162cm

Ano de aquisição: 21/08/1968

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Katarina Real Cate

Descrição_antigo: -

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekráe os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 95.12.26

Objeto/Título: Arco Parakanã

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Parakanã

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Madeira e Fibra Vegetal / Manufaturada

Dimensões: 6cm, 5cm, 171cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Descrição_antigo: Arco confeccionado em madeira sucupira, corda de fibra vegetal e armação do mesmo material no centro

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. Os Parakanã são habitantes tradicionais do interflúvio Pacajá-Tocantins. Falam uma língua tupi-guarani pertencente ao mesmo subconjunto do Tapirapé, Avá (Canoeiro), Asurini e Suruí do Tocantins, Guajajara e Tembé. Vivem em duas áreas indígenas diferentes, divisão que não corresponde a dos blocos oriental e ocidental. A primeira área, denominada Terra Indígena (TI) Parakanã, localiza-se na bacia do Tocantins, municípios de Repartimento, Jacundá e Itupiranga, no Pará. A segunda área, denominada TI Apyterewa, localiza-se na bacia do Xingu, nos municípios de Altamira e São Félix do Xingu, também no Pará. O termo 'parakanã' não corresponde a uma autodenominação. Os Parakanã se dizem awaeté, 'gente (humanos) de verdade', em oposição a akwawa, categoria genérica para estrangeiros.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Parakan%C3%A3>



Número de registro: 95.12.25

Objeto/Título: Arco Parakanã

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Parakanã

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Madeira, Cordão de Fibra de Pluma Vermelha / Manufaturada, Plumaria

Dimensões: 4,5cm, 9cm, 175cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Descrição_antigo: Arco confeccionado em madeira sucupira em emplumação vermelha adornando a parte interna. corda de fibra vegetal

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas. Os Parakanã são habitantes tradicionais do interflúvio Pacajá-Tocantins. Falam uma língua tupi-guarani pertencente ao mesmo subconjunto do Tapirapé, Avá (Canoeiro), Asurini e Suruí do Tocantins, Guajajara e Tembé. Vivem em duas áreas indígenas diferentes, divisão que não corresponde a dos blocos oriental e ocidental. A primeira área, denominada Terra Indígena (TI) Parakanã, localiza-se na bacia do Tocantins, municípios de Repartimento, Jacundá e Itupiranga, no Pará. A segunda área, denominada TI Apyterewa, localiza-se na bacia do Xingu, nos municípios de Altamira e São Félix do Xingu, também no Pará. O termo 'parakanã' não corresponde a uma autodenominação. Os Parakanã se dizem awaeté, 'gente (humanos) de verdade', em oposição a akwawa, categoria genérica para estrangeiros.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Parakan%C3%A3>



Número de registro: 75.112.1

Objeto/Título: Arco

Material/Técnica: -

Dimensões: 3cm, 2cm, 98cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 82.2.2.B

Objeto/Título: Flecha espeque Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira – Penas

Dimensões: 1,5cm, 62cm

Ano de aquisição: 22/02/1986

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha espeque é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha, provida de ponta de madeira aguçada e endurecida ao fogo, sem vareta, lisa e sem farpas, usada principalmente para espetar animais pequenos, como ratos e lagartixas. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao

ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 82.2.3.B

Objeto/Título: Flecha espeque Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Dimensões: 2cm, 41cm

Ano de aquisição: 02/02/1982

Aquisição: Compra

Procedência_antigo: Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha espeque é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha, provida de ponta de madeira aguçada e endurecida ao fogo, sem vareta, lisa e sem farpas, usada principalmente para espetar animais pequenos, como ratos e lagartixas. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o

reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 84.16.1.B

Objeto/Título: Flecha farpada Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Dimensões: 1cm, 3cm, 79,5cm

Ano de aquisição: 12/11/1984

Procedência_antigo: Fulni-ô

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesauro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha farpada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha com ponteira de madeira, osso ou metal, provida de físga terminal e farpas distribuídas por um ou ambos os lados. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e

reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.1

Objeto/Título: Arco Ka'apor

Subclasse: Etnografia

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Plumas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 3cm, 67cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembê e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembê (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e

foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 85.16.2

Objeto/Título: Arco Ka'apor

Subclasse: Etnografia

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Plumas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 2,5cm, 3cm, 177cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais parecida, léxica e

foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 85.16.16

Objeto/Título: Arco

Subclasse: Etnografia

Material/Técnica: Madeira, Fio de Algodão, Sisal

Dimensões: 158cm, 2cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco retangular é uma arma de arremesso, de seção reta retangular, de forma plana na parte interna e encurvada na externa.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 85.16.4

Objeto/Título: Flecha lanceolada Ka'apor

Subclasse: Etnografia

Autoria: Ka'apor

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas, Fio de Algodão, Pequeno, Côco, Metal / Fundição

Dimensões: 141cm, 8cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Ka'apor vivem no norte do Maranhão. Suas terras fazem limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes meridionais do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. Todos os córregos e rios drenam para três grandes rios: Maracaçumé, Turiaçu e Gurupi, que, por sua vez, desaguam diretamente no oceano Atlântico. Sua auto-denominação é Ka'apor ou Ka'apór (o apóstrofo representa uma parada da glote; o acento tônico na língua Ka'apor em geral cai na última sílaba). Outros nomes pelos quais são conhecidos são Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece derivar de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, Ka'apehar. Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani. Não é falada por nenhum outro grupo conhecido, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi etnicamente não considerados Ka'apor; dialetos da língua são minimamente desenvolvidos. Pequenas diferenças léxicas e livres variações podem ser notadas entre o povo Ka'apor originário das aldeias da bacia do Turiaçu e o da bacia do Gurupi. A língua não se aproxima das línguas Tupi-Guarani faladas pelos grupos mais próximos geograficamente, Tembé (Tenetehara) e Guajá: das duas, parece ser ligeiramente mais

parecida, léxica e foneticamente, com o Guajá. Historicamente, é provável que a língua Ka'apor esteja mais intimamente relacionada à língua Waiãpi, que é falada a uma distância de 900 km, no outro lado do rio Amazonas.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>

Número de registro: 68.15.1

Objeto/Título: Flecha lanceolada Canela

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Metal, Bambu, Penas

Dimensões: 1,5cm, 3,5cm, 143cm

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Katarina Real Kate

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekráe os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 85.16.5

Objeto/Título: Flecha lanceolada arqueada

Subclasse: Etnografia

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas, Fibra Vegetal / Entalhe

Dimensões: 1cm, 3cm, 117cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada arqueada é uma arma de arremesso que se caracteriza por ter a ponta em forma de lança, curva, geralmente de taquara.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.15.5

Objeto/Título: Flecha lanceolada

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Bambu

Dimensões: 205cm, 1,5cm

Ano de aquisição: 19/09/1980

Procedência_antigo: João Suassuna

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.22.A.B

Objeto/Título: Arco e Flecha lanceolada Parakanã

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Parakanã

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Madeira, Sucupira e Cipó Vegetal / Manufaturada

Dimensões: 8cm, 60cm, 23cm / 4cm, 29cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Descrição_antigo: Arco de sucupira sem a corda amarrada a flecha com cipó vegetal, cabaça desenhada com incisões de uma face humana colocada na extremidade da flecha

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flechas; já flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal. Os Parakanã são habitantes tradicionais do interflúvio Pacajá-Tocantins. Falam uma língua tupi-guarani pertencente ao mesmo subconjunto do Tapirapé, Avá (Canoeiro), Asurini e Suruí do Tocantins, Guajajara e Tembê. Vivem em duas áreas indígenas diferentes, divisão que não corresponde a dos blocos oriental e ocidental. A primeira área, denominada Terra Indígena (TI) Parakanã, localiza-se na bacia do Tocantins, municípios de Repartimento, Jacundá e Itupiranga, no Pará. A segunda área, denominada TI Apyterewa, localiza-se na bacia do Xingu, nos municípios de Altamira e São Félix do Xingu, também no Pará. O termo 'parakanã' não corresponde a uma autodenominação. Os Parakanã se dizem awaeté, 'gente (humanos) de verdade', em oposição a akwawa, categoria genérica para estrangeiros.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Parakan%C3%A3>

Número de registro: 68.17.1

Objeto/Título: Flecha serrilhada Canela

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 2cm, 173cm

Ano de aquisição: 21/08/1968

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha serrilhada é uma arma de arremesso provida de ponta com entalhe em forma de serra. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekrá e os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 68.16.1

Objeto/Título: Flecha serrilhada Canela

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Penas

Dimensões: 1,5cm, 168cm

Ano de aquisição: 21/08/1968

Procedência_antigo: Katarina Real Cate

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha serrilhada é uma arma de arremesso provida de ponta com entalhe em forma de serra. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekrá e os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 68.17.3

Objeto/Título: Flecha serrilhada Canela

Autoria: Canela

Local de execução: Maranhão, Brasil

Dimensões: 1,5cm, 175cm

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha serrilhada é uma arma de arremesso provida de ponta com entalhe em forma de serra. Os Canela são compostos das cinco nações remanescentes dos Timbira Orientais, sendo a maior a dos Ramkokamekrá, descendentes dos Kapiékran (como eram conhecidos até 1820). O nome Canela também era utilizado pelos sertanejos para os Apanyekrá e os Kenkateye, que foram massacrados e dispersos em 1913. Os Kenkateye separaram-se dos Apanyekrá por volta de 1860. O grupo Ramkokamekrá atualmente se autodenomina com o nome português Canela. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega". Usam o termo Me(n)hi(n) para se referir aos Timbira Orientais. É provável que o nome Canela seja uma referência ao fato desses índios serem visivelmente mais altos - com suas longas pernas -, quando comparados pela população regional a seus vizinhos Guajajara. Os Canela e os Krahô falam uma mesma língua da família Jê, no tronco Macro-Jê, com pequenas variações. A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 Km, ao longo do limite noroeste.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1

Número de registro: 85.16.10

Objeto/Título: Flecha triangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia - Armaria

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 2cm, 4cm, 104cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, triangular é uma arma de arremesso com ponta em forma de seta, de arestas aguçadas, feita de madeira, metal e, antigamente, de pedra. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais

tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 85.16.9

Objeto/Título: Flecha triangular Fulni-ô

Subclasse: Etnografia

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira - Entalhe

Dimensões: 1,5cm, 4cm, 104cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5



Observações Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, triangular é uma arma de arremesso com ponta em forma de seta, de arestas aguçadas, feita de madeira, metal e, antigamente, de pedra. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais

tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: 67.83.1

Objeto/Título: Flecha

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Taquara, Penas

Dimensões: 142cm, 5cm

Ano de aquisição: 02/10/1967

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Museu de Proteção aos Índios

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.84.1

Objeto/Título: Flecha

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Taquara, Penas

Dimensões: 1,5cm, 142cm

Ano de aquisição: 02/10/1967

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Museu de Proteção aos Índios

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.24

Objeto/Título: Flecha Gavião

Subclasse: Etnografia, Armaria, Artesanato Indígena

Autoria: Gavião

Local de execução: Belém, Pará, Brasil (Fundação Nacional do Índio)

Material/Técnica: Bambu, Pena Colorida, Madeira / Manufatura

Dimensões: 1,5cm, 4cm, 119cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Flecha para pesca com haste em bambu, ponta de madeira, terminação superior emplumada

Procedência_antigo: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. O nome "Gavião" foi atribuído a diferentes grupos Timbira por viajantes do século passado que desse modo destacavam seu caráter belicoso. Dentre os assim chamados, Curt Nimuendajú qualificou de "ocidentais", "de oeste", ou ainda "da mata", aos que vivem na bacia do Tocantins, a fim de os distinguir assim dos Pukôbjê e Krinkatí, do alto Pindaré no Estado do Maranhão, também conhecidos por aquela designação. Os Gaviões falam um dialeto da língua Timbira Oriental, pertencente à família Jê. Os Gaviões vivem na Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Estado do Pará. Situada em terras firmes de mata tropical, apresenta como limites os igarapés Flecheiras e Jacundá, afluentes da margem direita do curso médio do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA



Número de registro: 99.2.1

Objeto/Título: Jupago Xucuru

Subclasse: Etnografia / Artesanato indígena / Indumentaria ritual / Dança

Autoria: Xucuru

Local de execução: Pesqueira, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 92,5cm, 11cm, 13,5cm

Descrição_antigo: Peça única em madeira, utilizando a raiz ainda com resto de terra para formar a base. Instrumento utilizado para marcação do toré, dança tribal

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Noris Morais

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 4 e prateleira 6



Observações: Segundo o Instituto Socioambiental, “jupago” é um instrumento utilizado na dança do toré, cujas batidas no chão marcam o ritmo dos passos e dos toantes. Os Xukuru habitam um conjunto de montanhas, conhecido como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Os registros sobre esses índios datam do século XVI e desde então indicavam que a sua ocupação nessa região já sofria transformações devido aos violentos processos de expropriação de suas terras. Documentos relativos ao período colonial atestam essa invasão por parte dos portugueses e registram que a antiga Vila de Cimbres, hoje uma aldeia xukuru, foi palco de conflitos entre os Xukuru e os colonizadores. Muitas aldeias foram extintas e as terras logo registradas em nome de fazendeiros. Os Xukuru estão situados na mesorregião do agreste pernambucano que tem características propícias à agricultura, considerando a existência de água e de um clima ameno. A região também possui uma área semi-árida, localizada entre o Agreste e o Sertão. Limita-se ao norte com o município de Poção e com o estado da Paraíba; ao sul com Mimoso; ao Leste com a cidade de Pesqueira e a Oeste com Arcoverde. Isso faz com que a Terra Indígena esteja incrustada numa região com solo e clima variáveis, possuindo, desde áreas úmidas a áreas extremamente secas e dependentes da chuva. A Serra do Ororubá é composta por uma cadeia de montanhas com uma altitude aproximada de 1.125 metros. É uma região que dispõe de uma hidrografia privilegiada com a presença de um grande açude e rios, como Ipanema e Ipojuca que cortam a Terra Indígena. Essa conjugação hidrográfica é responsável pela fertilidade de parte das terras dos Xukuru,

abastecendo também, em época de seca, a cidade de Pesqueira, ao pé da serra. Desde muito tempo conflitos entre os Xukuru e os fazendeiros e políticos locais são constantes, mas sua intensificação se deu especialmente com o início do processo demarcatório de suas terras em 1989. O assassinato de um importante líder xukuru, de outros dois índios e de um procurador, no fim da década de 1990, foram tentativas de inibir o andamento do processo de regularização da Terra Xukuru, assim como os inúmeros processos jurídicos e administrativos que surgiram no caminho. A Terra Indígena somente foi homologada em 2001. A crença na natureza sagrada é outra característica importante desse povo. É nos terreiros distribuídos nesse território que os rituais religiosos são realizados e constituem o espaço de contato com os caboclos e encantados. O toré se destaca nesse contexto como a principal manifestação do sistema cosmológico xukuru. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Xucuru. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas

Link: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>

Número de registro: 99.2.2

Objeto/Título: Jupago Xucuru

Subclasse: Etnografia / Artesanato indígena / Indumentaria ritual / Dança

Autoria: Xucuru

Local de execução: Pesqueira, Pernambuco, Brasil

Material/Técnica: Madeira

Dimensões: 98cm, 10cm, 11cm

Descrição_antigo: Peça única em madeira, utilizando a raiz ainda com resto de terra para formar a base. Instrumento utilizado para marcação do toré, dança tribal

Aquisição: Doação

Procedência_antigo: Noris Moraes

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 4 e prateleira 6



Observações: Segundo o Instituto Socioambiental, “jupago” é um instrumento utilizado na dança do toré, cujas batidas no chão marcam o ritmo dos passos e dos toantes. Os Xukuru habitam um conjunto de montanhas, conhecido como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Os registros sobre esses índios datam do século XVI e desde então indicavam que a sua ocupação nessa região já sofria transformações devido aos violentos processos de expropriação de suas terras. Documentos relativos ao período colonial atestam essa invasão por parte dos portugueses e registram que a antiga Vila de Cimbres, hoje uma aldeia xukuru, foi palco de conflitos entre os Xukuru e os colonizadores. Muitas aldeias foram extintas e as terras logo registradas em nome de fazendeiros. Os Xukuru estão situados na mesorregião do agreste pernambucano que tem características propícias à agricultura, considerando a existência de água e de um clima ameno. A região também possui uma área semi-árida, localizada entre o Agreste e o Sertão. Limita-se ao norte com o município de Poção e com o estado da Paraíba; ao sul com Mimoso; ao Leste com a cidade de Pesqueira e a Oeste com Arcoverde. Isso faz com que a Terra Indígena esteja incrustada numa região com solo e clima variáveis, possuindo, desde áreas úmidas a áreas extremamente secas e dependentes da chuva. A Serra do Ororubá é composta por uma cadeia de montanhas com uma altitude aproximada de 1.125 metros. É uma região que dispõe de uma hidrografia privilegiada com a presença de um grande açude e rios, como Ipanema e Ipojuca que cortam a Terra Indígena. Essa conjugação hidrográfica é responsável pela fertilidade de parte das terras dos Xukuru,

abastecendo também, em época de seca, a cidade de Pesqueira, ao pé da serra. Desde muito tempo conflitos entre os Xukuru e os fazendeiros e políticos locais são constantes, mas sua intensificação se deu especialmente com o início do processo demarcatório de suas terras em 1989. O assassinato de um importante líder xukuru, de outros dois índios e de um procurador, no fim da década de 1990, foram tentativas de inibir o andamento do processo de regularização da Terra Xukuru, assim como os inúmeros processos jurídicos e administrativos que surgiram no caminho. A Terra Indígena somente foi homologada em 2001. A crença na natureza sagrada é outra característica importante desse povo. É nos terreiros distribuídos nesse território que os rituais religiosos são realizados e constituem o espaço de contato com os caboclos e encantados. O toré se destaca nesse contexto como a principal manifestação do sistema cosmológico xukuru. O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, como nos Xucuru. Trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira. A cerimônia inclui ainda uma dança circular, em fila ou pares, acompanhada por cantos ao som de alguns instrumentos musicais. Cada comunidade possui um Toré próprio e singular, apresentando variações de toadas, ritmos e expressões. Ao longo do ritual são invocados os Encantados, entidades espirituais dessas tradições indígenas

Link: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>

Número de registro: 67.55.1

Objeto/Título: Máscara ritualística

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Casca de árvore, Palha

Ano de aquisição: 15/09/1967

Procedência_antigo:-

Localização: Reserva técnica, sala 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, máscara é uma indumentária de dança que se constitui num disfarce usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, constituído de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 93.20.1

Objeto/Título: Cesto estojiforme

Subclasse: Etnografia, Cestaria, Artesanato de Uso Domestico

Autoria: Não identificado

Local de execução: São Luiz, Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Fasquias de cipó / Trancado, Arqueado, Cruzado

Aquisição: Compra

Descrição_antigo: Cesto cargueiro fundo com tampa e alças justas de cada lado, confeccionado em fasquias de cipó, trancado arqueado cruzado usado para guardar roupas ou ainda de uso decorativo

Localização: Reserva técnica, sala 7, armário 5 e prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto estojiforme é um recipiente trançado com formato de caixa, cofre ou estojo, com paredes singelas ou duplas, com entremeio de folha, de textura rígida, usado na guarda de objetos preciosos, como os plumários.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 67.59.1.A

Objeto/Título: Zarabatana

Autoria: Não identificado

Local de execução: Manaus, Amazonas, Brasil

Material/Técnica: Vara de bambu dente de porco

Dimensões: 214cm, 4cm

Ano de aquisição: 15/09/1967

Aquisição: Compra

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. A zarabatana é uma arma que consiste num tubo originalmente de madeira (caule oco), e hoje de metal ou plástico, pelo qual são soprados pequenos dardos, setas ou projéteis. As zarabatanas eram utilizadas pelos povos indígenas da América do Sul (Amazônia e Guianas) e Sudeste da Ásia, e por algumas tribos da América do Norte, que as utilizavam para caçar pequenos animais.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.15.4

Objeto/Título: Flecha lanceolada

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Bambu

Dimensões: 4,5cm, 191cm, 2cm

Ano de aquisição: 19/09/1980

Procedência_antigo: João Suassuna

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.15.2

Objeto/Título: Flecha lanceolada

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Bambu

Dimensões: 4,5cm, 191cm, 2cm

Ano de aquisição: 19/09/1980

Procedência_antigo: João Suassuna

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.15.3

Objeto/Título: Flecha-Curabi

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Bambu

Dimensões: 2cm, 208cm, 4cm

Ano de aquisição: 19/09/1980

Procedência_antigo: João Suassuna

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha-Curabi é uma arma de arremesso com ponta aguçada destacável, envenenada com curare, usada na caça de animais grandes e na guerra.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 85.16.3

Objeto/Título: Arco

Subclasse: Etnografia

Local de execução: Maranhão, Brasil

Material/Técnica: Madeira, Plumas, Fibra Vegetal

Dimensões: 3cm, 204cm, 3cm

Ano de aquisição: 31/05/1985

Procedência_antigo: Aécio de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 80.15.1

Objeto/Título: Arco

Local de execução: Amazonas (Rio Negro), Brasil

Material/Técnica: Bambu

Dimensões: 4cm, 203cm, 2cm

Ano de aquisição: 19/09/1980

Procedência_antigo: João Suassuna

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.001

Objeto/Título: Flecha lanceolada arqueada

Dimensões: 144cm, 9cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras. Já flecha lanceolada arqueada é uma arma de arremesso que se caracteriza por ter a ponta em forma de lança, curva, geralmente de taquara.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.002

Objeto/Título: Flecha serrilhada

Dimensões: 167cm, 4cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. Já flecha serrilhada é uma arma de arremesso provida de ponta com entalhe em forma de serra.



Número de registro: CI.2024.003

Objeto/Título: Flecha

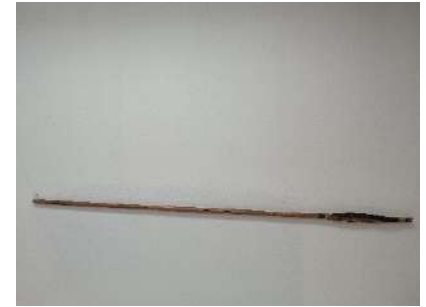
Dimensões: 135cm, 5cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.004

Objeto/Título: Flecha fisga

Dimensões: 12cm, 2,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras. Já flecha fisga é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha, geralmente provida de uma ponta penetrante em forma de ângulo agudo (monofarpada), unida à vareta pelo enrolamento de envira revestido de resina, geralmente feita de madeira, osso ou metal.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.005

Objeto/Título: Arco

Dimensões: 253cm, 3,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.006

Objeto/Título: Arco

Dimensões: 168cm, 14cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.007

Objeto/Título: Máscara ritualística

Dimensões: 160,5cm, 121cm

Localização: Reserva técnica, sala 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Na etiqueta, há as seguintes informações: “Pernilongo macho”. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, máscara é uma indumentária de dança que se constitui num disfarce usado em cerimônias rituais que personifica entes sobrenaturais antropozoomorfos, constituído de "cara" (parte correspondente à cabeça), gola e saiote (partes correspondentes ao resto do corpo), formando uma veste que encobre a quase totalidade do corpo.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.008

Objeto/Título: Abano trançado

Dimensões: 42cm, 23cm, 2cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.009

Objeto/Título: Abano trançado

Dimensões: 37cm, 26cm, 2,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.010

Objeto/Título: Bolsa trançado

Dimensões: 29cm, 15cm, 3,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.011

Objeto/Título: Vassoura miniatura

Dimensões: 29cm, 15cm, 3,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.012

Objeto/Título: Vassoura miniatura

Material/Técnica: Sisal

Dimensões: 15,5cm, 10cm, 7cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vassoura é um utensílio doméstico manufaturado com taliscas de cipó ou de piaçaba, usado para o asseio de ambientes. O sisal (*Agave sisalana*, família Agavaceae) é uma planta originária da América Central, utilizada para fins comerciais. Do sisal, utiliza-se principalmente a fibra das folhas que, após o beneficiamento, é destinada majoritariamente à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, fios, tapetes etc.).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.013

Objeto/Título: Colar de contas

Dimensões: 50cm, 8cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar de contas é um a adorno corporal usado no pescoço, composto de discos (ou " pérolas") com um furo no centro, feitos do endocárpio do coco de palmeiras, de caramujo ou de concha nacarada (madrepérola), de osso, de pedra, de metal, de plástico, de miçanga etc.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.014

Objeto/Título: Colar de pingente Pataxó

Autoria: Pataxó

Dimensões: 5cm, 15cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo. De acordo com o Instituto Socioambiental, os Pataxó vivem no extremo sul do Estado da Bahia, em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas - Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha -- situadas nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado. No estado de Minas Gerais, os Pataxó vivem em sete comunidades, das quais quatro -- Sede, Imbiruçu, Retirinho e Alto das Posses -- estão localizadas na Terra Indígena Fazenda Guarani, município de Carmésia; Muã Mimatxí, em um imóvel cedido à Funai pelo Serviço de Patrimônio da União, no município de Itapeçerica; Jundiba/Cinta Vermelha, no município de Araçuaí e também habitada pelos Pankararu; e Jeru Tukumã, em Açucena. A rigor, a língua indígena não é mais falada, a comunicação sendo feita através do português mesclado com vocábulos da língua indígena. Todavia, um grande esforço está sendo desenvolvido para a reconstrução do Patxohã.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>

Número de registro: CI.2024.015

Objeto/Título: Vasilha de cuia Tuxá

Autoria: Tuxá de Rodelas

Dimensões: 12cm, 22,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, vasilha de cuia é um recipiente manufaturado com o fruto maduro da cuieira, depois de esvaziado, ou com sua casca lenhosa, dura e alongada, utilizado particularmente para guardar/ conter alimentos ou outros elementos, como os utilizados nos exorcismos do pajé. De acordo o Instituto Sociambiental, o povo Tuxá vive principalmente na cidade de Rodelas, em uma aldeia urbana de mais de 60 casas. Além da aldeia na cidade, os Tuxá ocupavam diversas ilhas e em especial a Ilha da Viúva, no Rio São Francisco, que constituía seu exíguo território agrícola. A Ilha da Viúva foi submersa pela construção da hidrelétrica de Itaparica. Com suas terras tradicionais inundadas, os Tuxá foram transferidos para três áreas, um grupo vivendo nos limites dos municípios de Ibotirama (Área Indígena Tuxá de Ibotirama), outro no município de Rodelas (Áreas Indígenas Tuxá de Rodelas e Nova Rodelas), ambos no estado da Bahia, e outro à margem direita do rio Moxotó, junto aos limites do município pernambucano de Inajá, onde se situa a Terra Indígena Tuxá da Fazenda Funil.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tux%C3%A1>

Número de registro: CI.2024.016

Objeto/Título: Parapará Kalapalo

Autoria: Kalapalo

Dimensões: 61cm, 9cm, 1cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 2, prateleira 8



Observações: Parapará é um instrumento feito de uma taboa que imita um peixe, de uso em cerimônias ritualísticas. De acordo o Instituto Sociambiental, atualmente, os Kalapalo vivem em oito aldeias Aiha (que significa algo "acabado", "pronto"), Tanguro, Agata, Caramujo, Kunue, Lago Azul e Kaluane todas no Rio Kuluene e seus afluentes e na aldeia Tupeku, no limite sudeste do Parque. Além dessas aldeias, alguns Kalapalo vivem na Coordenação Técnica Local Kuluene da Funai (CTL). O CTL Tanguro localiza-se nas margens do rio de mesmo nome, no limite do Parque, e o PIV Kuluene nas margens desse rio, também no limite. Os Kalapalo e três outros grupos do Alto Xingu – Kuikuro, Matipu e Nahukuá – falam dialetos de uma língua que pertence ao ramo da Guiana Meridional da família lingüística Karib. Seus parentes lingüísticos mais próximos são os Ye'cuana (ou Makiritare) e os Hixkaryana. Os primeiros encontram-se no sul da Venezuela e no norte de Roraima, enquanto os últimos estão na região das Guianas que fica no norte do Pará.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalapalo>

Número de registro: CI.2024.017

Objeto/Título: Cesto paneiriforme

Dimensões: 39,5cm, 42cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3, prateleira 2

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto paneiriforme é um recipiente trançado, com ou sem alça, geralmente manufaturado segundo a técnica do trançado hexagonal, semelhante ao cesto gameliforme, porém de maior altura, usado para guarda de itens domésticos ou para transporte de carga.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.018

Objeto/Título: Flecha lanceolada

Dimensões: 39cm, 2cm, 0,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha lanceolada é uma arma de arremesso que se constitui num tipo de flecha cuja ponta é em forma de lança, feita de taquara ou de metal.



Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.019.A

Objeto/Título: Arco Bororo

Autoria: Bororo

Dimensões: 59cm, 3cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3, prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha. Segundo o Instituto Socioambiental, os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

Número de registro: CI.2024.019.B

Objeto/Título: Flecha Bororo

Autoria: Boro

Dimensões: 45,5cm, 3cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3, prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. Segundo o Instituto Socioambiental, os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo attingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

Número de registro: CI.2024.019.C

Objeto/Título: Flecha Bororo

Autoria: Boro

Dimensões: 45cm, 2cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 3, prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiros. Segundo o Instituto Socioambiental, os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.020

Objeto/Título: Cesto vasiforme

Dimensões: 43cm, 30cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 1

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto vasiforme é um recipiente trançado em forma de vaso, podendo ter gargalo e bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula, usado como cesto de pescador, defumador de pimenta, ou para guardar objetos longos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.021

Objeto/Título: Cesto gameliforme

Dimensões: 33cm, 34cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 1

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, o cesto gameliforme é um recipiente trançado, semelhante a uma gamela, de borda alargada e diâmetro proporcional ao da base, de bojo atarracado, ou seja, mais largo que alto, usado para guarda de itens domésticos e para transporte de carga, geralmente transportado sobre a cabeça.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.022

Objeto/Título: Cesto cargueiro bornaliforme

Dimensões: 55cm, 58cm, 25cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 2

Observações: Não foi possível identificar a qual etnia indígena a peça pertence. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cesto cargueiro bornaliforme é um recipiente trançado em forma de bornal, bojudo, geralmente feito com duas folhas em forma de leque, usado para guarda de itens domésticos, para transporte de carga, e como berço para crianças por determinados povos indígenas.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: 95.12.19

Objeto/Título: Coroa radial Gavião

Subclasse: Etnografia, Adorno Corporal, Plumaria Indígena

Autoria: Gavião

Local de execução: Pará, Brasil

Material/Técnica: Penas de Arara e Fibra Vegetal / Plumaria e Trançado

Dimensões: 56cm, 56cm

Ano de aquisição: 29/12/1993

Aquisição: Doação

Descrição_antigo: Cocar em forma de diadema, trancado de fibras vegetais onde estão fixadas as penas de arara coloridas azuis e vermelhas

Procedência: Osmar Salles de Oliveira

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4 e prateleira 3

Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e feiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da feira. De acordo com o Instituto Socioambiental, o nome "Gavião" foi atribuído a diferentes grupos Timbira por viajantes do século passado que desse modo destacavam seu caráter belicoso. Dentre os assim chamados, Curt Nimuendajú qualificou de "ocidentais", "de oeste", ou ainda "da mata", aos que vivem na bacia do Tocantins, a fim de os distinguir assim dos Pukôbjê e Krinkatí, do alto Pindaré no Estado do Maranhão, também conhecidos por aquela designação. Os Gaviões falam um dialeto da língua Timbira Oriental, pertencente à família Jê. Os Gaviões vivem na Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Estado do Pará. Situada em terras firmes de mata tropical, apresenta como limites os igarapés Flecheiras e Jacundá, afluentes da margem direita do curso médio do Tocantins.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA



Número de registro: CI.2024.023

Objeto/Título: Colar de pingente Bororo

Autoria: Bororo

Dimensões: 37cm, 3,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 2



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo. Segundo o Instituto Socioambiental, os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi.

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

Número de registro: CI.2024.024

Objeto/Título: Bolsa trançada Karajá

Autoria: Karajá

Local de execução: Ilha do Bananal, Tocantins, Brasil

Dimensões: 56,5cm, 35cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, bolsa trançada é um recipiente para transporte de pequenos pertences, raso, com alça, manufaturado segundo técnicas do trançado. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>

Número de registro: CI.2024.025

Objeto/Título: Coroa radial

Dimensões: 32,5cm, 35,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. O Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, coroa radial é um adorno corporal que se constitui num tipo de coroa, composto, geralmente, de duas abas de palha trançada e fieiras de penas dispostas entre elas no sentido do centro para a borda externa, colocadas ao redor da cabeça em sentido radial, e três penas longas no centro da fieira.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.026

Objeto/Título: Diadema vertical

Dimensões: 42cm, 29cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cocar, na forma de diadema vertical, é um adorno corporal usado em posição vertical ao redor da cabeça, cobrindo inteiramente a testa, muitas vezes combinado com faixas frontais sobre coroas trançadas (como no caso dos xinguanos).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.027

Objeto/Título: Testeira indígena

Dimensões: 19cm, 19cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, testeira é um adorno corporal manufaturado segundo técnicas do trançado.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.028

Objeto/Título: Diadema indígena

Dimensões: 86cm, 5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, diadema é um adorno corporal para a cabeça, no qual as penas, ou as varetas que as sustêm, concentram-se na frente, aproximadamente de orelha a orelha, geralmente ultrapassando bastante o suporte onde são inseridas (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho, do centro para os lados.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.029

Objeto/Título: Cachimbo de madeira Fulni-ô

Autoria: Fulni-ô

Local de execução: Águas Belas, Pernambuco, Brasil

Dimensões: 4cm, 18cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, cachimbo é um utensílio mágico-ritual usado para o consumo de tabaco durante cerimônias rituais. Fulni-ô significa “povo da beira do rio” ou “povo que vive ao lado do rio”. Não se têm notícias do ano em que foram aldeados; o certo é que, em meados do século XVIII, já eram designados pelo nome de Carnijós. É possível que nesta aldeia tenham se fundido elementos provenientes de vários grupos étnicos que mais tarde se reorganizaram de forma clânica, adotando então o nome do grupo anfitrião: Fulni-ô. Os Fulni-ô, que até o século XX eram conhecidos como Carnijós, atualmente habitam o município de Águas Belas, situado na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco. O município está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. A vida dos Fulni-ô transcorre em duas aldeias. Uma delas se localiza junto à cidade de Águas Belas. A aldeia sede é mais antiga que a própria cidade. Na parte central das terras do território indígena se encontra assentada a cidade de Águas Belas rodeada totalmente pelo território Fulni-ô. É nesta aldeia que se encontram as instalações do Posto Indígena General Dantas Barreto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a outra é o lugar sagrado do ritual do Ouricuri, local onde os Fulni-ô se reúnem e executam um ritual secreto que acontece de setembro a novembro, todos os anos. Uma parte do que acontece na aldeia do Ouricuri é de domínio público. Inclusive, o ritual é iniciado no primeiro domingo de agosto, com uma missa aberta ao público em geral. Um dos requisitos indispensáveis para poder participar do ritual do Ouricuri é a exigência de ser filho de pai e/ou mãe Fulni-ô. Além desse, existe outro requisito: o de assistir ao ritual do Ouricuri desde a mais tenra idade. Quem não o faz perde o direito de participar mais tarde e, portanto, deixa de ser considerado índio Fulni-ô. Os Fulni-ô são o único grupo do Nordeste que conseguiu manter viva e ativa sua própria língua, o Yaathê. Também foram o primeiro povo indígena a ganhar o reconhecimento no Nordeste do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, período conhecido como emergência étnica, onde populações indígenas consideradas “extintas” puderam se organizar e reivindicar ao Estado Brasileiro sua existência legítima. Devido a isto, acabaram sendo procurados por outros grupos que também buscavam reconhecimento, passando a atuar como uma espécie de mediador em muitos desses processos.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.030

Objeto/Título: Chocalho globular (maracá)

Dimensões: 38cm, 20cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, o maracá, também conhecido como chocalho globular, é um instrumento de percussão cuja forma do recipiente fechado, no qual os elementos sonoros são acondicionados para serem percutidos, possui forma globular ou ovoide (cabaça, cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, carapaça de tartaruga, cerâmica etc.).

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.031.A

Objeto/Título: Arco

Dimensões: 47,5cm, 6,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, arco é uma arma de arremesso constituída de ripa de madeira recurvada por desbastamento e pela ação do calor, provida de corda, usada para arremessar flecha.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.031.B

Objeto/Título: Flecha

Dimensões: 44,5cm, 8cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.032

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 46cm, 47cm

Localização: R Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.033

Objeto/Título: Flauta com orifício Bororo

Autoria: Bororo

Local de execução: Mato Grosso, Brasil

Dimensões: 30cm, 2cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4



Observações: Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flauta é instrumento de sopro em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior, podendo assumir forma variada (globular, tubular, cônica, circular etc.). Já a flauta com orifício é um instrumento de sopro que contém orifícios para digitação e emissão de sons variados. Não foi possível detectar a etnia indígena ao qual a peça pertencia. Segundo o Instituto Socioambiental, os Bororo se autodenominam Boe. O termo "Bororo" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original. Posteriormente, um novo paradigma simplificou a classificação das línguas indígenas, reunindo-as segundo certas semelhanças, de modo que a língua bororo foi enquadrada no tronco linguístico Macro-Jê. O território tradicional de ocupação Bororo atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda. As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em 1902, os Salesianos fundaram a Colônia do Sagrado Coração e iniciaram a catequese dos Bororo. Em 1906, criaram a Colônia do Sangradouro, que mais tarde acolheria os Xavante expulsos da área de Parabuburi.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

Número de registro: CI.2024.034

Objeto/Título: Abano de plumária

Local de execução: Mato Grosso, Brasil

Dimensões: 29cm, 18cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 4

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça (na etiqueta, o nome da etnia está ilegível). Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, abano é um utensílio manufaturado segundo técnicas do trançado, de forma variada (retangular, trapezoidal, triangular, quadrado), semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar, utilizado comumente para atizar o fogo e para abanar-se.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.035

Objeto/Título: Colar de pingente Karajá

Autoria: Karajá

Local de execução: Ilha do Bananal, Tocantins, Brasil

Dimensões: 33cm, 11,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 4, prateleira 3



Observações Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, colar pingentes é um adorno corporal usado no pescoço, caracterizado por ter um ou mais componentes ornamentais pendentes sobre o colo. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>

Número de registro: CI.2024.036

Objeto/Título: Flecha

Dimensões: 71cm, 3,5cm, 1cm

Localização: R Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.037

Objeto/Título: Fragmento de flecha

Dimensões: 29,5cm, 5,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 5

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça (fragmento de flecha, parte superior). Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, flecha é uma arma perfurante usada como projétil do arco, constituída de haste de taquara, provida comumente de emplumação na extremidade próxima do atirador e de ponteira aguçada na outra, cujas principais características são a variedade de formas e a matéria-prima das ponteiras.



Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>

Número de registro: CI.2024.038

Objeto/Título: Peneira circular

Dimensões: 46cm, 46cm

Localização: R Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.039

Objeto/Título: Peneira circular

Dimensões: 50cm, 47cm

Localização: R Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.040

Objeto/Título: Peneira circular

Dimensões: 51cm, 48cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.041

Objeto/Título: Peneira circular

Dimensões: 50cm, 48cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.042

Objeto/Título: Peneira circular

Dimensões: 49cm, 48cm

Localização: R Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.043

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 51cm, 51cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.044

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 51cm, 51cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.045

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 51cm, 51cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.046

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 51cm, 51cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.047

Objeto/Título: Peneira quadrangular

Dimensões: 51cm, 51cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 5, prateleira 7

Observações: Não há informações sobre a qual etnia pertence a peça. Segundo o Tesouro de Cultura Material dos Índios do Brasil, peneira é um utensílio doméstico trançado que se constitui num tipo de cesto platiforme (raso), podendo assumir as formas circular, quadrada ou retangular, com crivo aberto na parte central, ou com as talas relativamente afastadas, utilizado para cernir farinha.

Link:

<https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf>



Número de registro: CI.2024.049

Objeto/Título: Boneca Karajá

Autoria: Karajá

Dimensões: 17cm, 9cm, 7,5cm

Localização: Reserva técnica, sala 6, armário 6, prateleira 6



Observações: Segundo o “Tesauro de cultura material dos índios no Brasil”, a Boneca Karajá é um termo aplicado somente às representações da figura humana tribal feminina ou masculina. No registro, trata-se de escultura modeladas em argila, representativa da figura humana cultural feminina adulta, lembrando forma fálica. Os Karajá são habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Possivelmente, o registro foi feito no Mato Grosso, levando em conta o contexto das outras fotografias da coleção. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Com relação ao contato com a sociedade nacional, os textos históricos informam ter havido algumas frentes de contato com a sociedade nacional. A primeira é representada pela missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

Link: <https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesaurodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>